



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**ANÕES EM ITABAIANINHA-SE: ENTRE A HISTÓRIA E A
MEMÓRIA, A CONSTRUÇÃO DE UM MARCO PATRIMONIAL
IDENTITÁRIO**

São Cristóvão/SE

2019.2

Cleiton dos Santos

**ANÕES EM ITABAIANINHA-SE: ENTRE A HISTÓRIA E A
MEMÓRIA, A CONSTRUÇÃO DE UM MARCO PATRIMONIAL
IDENTITÁRIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
História do Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe, para obtenção do grau de licenciado
em História.

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

São Cristóvão/SE

2019.2

RESUMO

Itabaianinha é uma cidade do centro-sul do estado de Sergipe, que está localizada a cerca de 120 quilômetros da capital Aracaju. É reconhecida nacional e internacionalmente por contar com moradores anões, e por isso ser considerado a cidade na qual existe maior concentração de pessoas que medem menos de 1,40 metros. Porém, com o passar dos anos, o número de anões está diminuindo, o índice de mortalidade se encontra maior do que o de natalidade, e estima-se que futuramente possam desaparecer. Os anões levaram o nome da cidade para fora do estado de Sergipe. O presente trabalho tem como objetivo além de deixar um registro histórico e memorialístico do fenômeno, também desenvolver uma discussão identitária e patrimonial. A pesquisa terá como principal fonte os próprios anões, seus depoimentos de vida, superação de barreiras e conquistas. Anões professores, artesãos, cantores, feirante, taxista, anão que já disputou Copa do Mundo de Futebol de Anão, ou seja, existem várias histórias a serem contadas, e esse trabalho será de grande importância para salvar a memória desses pequenos grandes cidadãos.

Palavras-chaves: Itabaianinha – Nanismo – História e Memória

ABSTRACT

Itabaianinha is a city in the center-south of the state of Sergipe, which is located about 120 kilometers from the capital Aracaju. It is recognized nationally and internationally for having dwarf residents, and for that reason being considered the city in which there is a greater concentration of people measuring less than 1.40 meters. However, over the years, the number of dwarfs is decreasing, the mortality rate is higher than the birth rate, and it is estimated that in the future they may disappear. The dwarves took the name of the city outside the state of Sergipe. The present work aims not only to leave a historical and memorialistic record of the phenomenon, but also to develop an identity and patrimonial discussion. The research will have as main source the dwarves themselves, their life testimonies, overcoming barriers and achievements. Dwarf teachers, artisans, singers, marketer, taxi driver, dwarf who has played in the Dwarf Soccer World Cup, that is, there are several stories to be told, and this work will be of great importance to save the memory of these great little citizens.

Keywords: Itabaianinha - Dwarfism - History and Memory

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer a Deus por mais uma conquista que ele concede em minha vida. Agradeço de coração a todos que me ajudaram na construção deste trabalho.

Quero agradecer a Clécio por me ajudar com algumas entrevistas, inclusive se deslocando para outro estado. Agradeço a Toinho e Maria da Hora por preparar o terreno para que eu pudesse realizar as entrevistas, e também por disponibilizar um acervo riquíssimo de documentários, reportagens e imagens sobre os anões. A Valeriano da Fonseca por disponibilizar o documentário produzido por Marco Sanvoisin, uns dos mais antigos e por isso, de difícil acesso, fica aqui o meu muito obrigado.

Agradeço a José Roberto, por traduzir magistralmente o documentário de idioma italiano para o português, facilitando assim, o entendimento.

Por fim, agradeço a todos os meus familiares, e principalmente a parceira para toda vida Letícia Félix Xavier, muito obrigado por ter me ajudado nas correções do trabalho, mas principalmente por ter aguentado todo o meu estresse e preocupações, muito obrigado.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1.....	97
Tabela 2.....	99
Tabela 3.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. O NANISMO NO BRASIL E EM SERGIPE.....	12
2. A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NANISMO EM ITABAIANINHA.....	43
3. NANISMO EM ITABAIANINHA E O REGISTRO DA MEMÓRIA.....	63
CONCLUSÃO	96
FONTES E REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

Existem vários tipos de nanismo, porém, será trabalhado aqui o pituitário, mais precisamente o da Deficiência Isolada do Hormônio (DIGH), característico da cidade de Itabaianinha. Nesta localidade possui atualmente cerca de 60 anões, desses, apenas 5% não é pituitário. Esse tipo de nanismo possui como principal característica a proporcionalidade dos membros superiores e inferiores com relação ao corpo, eles têm em média entre 105 e 135 cm, o que confere aos portadores desse tipo de nanismo adultos, aspecto corporal semelhante ao de uma criança na faixa etária de 7 a 8 anos. Para que as pessoas nasçam com essa deficiência é necessário que ocorra uma mutação no gene que acaba implicando na não liberação do hormônio, impedindo dessa forma, que a criança se desenvolva fisicamente.

No geral, existem aproximadamente 8 gerações de anões em Itabaianinha, seu número máximo ao longo desses anos, segundo o ex-presidente da Associação, José Antônio Nascimento é de 130 indivíduos, entretanto, a ciência trabalha com um número mais reduzido, estipulando aproximadamente 105 pessoas portadoras dessa deficiência. Essa alta incidência ocorreu devido ao isolamento geográfico de um povoado da cidade com o nome Carretéis, por conta disso, as pessoas não tinham contato com indivíduos de outras regiões, fazendo com que ocorresse um índice elevado de casamentos consanguíneos o que acabou gerando pessoas com nanismo.

As crianças que possuem esse tipo de nanismo, se diagnosticado de imediato podem realizar um tratamento à base de hormônios, fazendo com que se conquiste uma altura mais elevada, onde em alguns casos, podendo até não mais ser considerado anão. Para a realização do tratamento é necessário que o indivíduo tenha uma idade entre 5 e 17 anos.

A respeito da qualidade de vida, foi comprovado através de pesquisas com pessoas portadoras de DIGH, que apesar de possuírem alguns problemas relacionados a saúde, eles conseguem obter uma vida normal, de qualidade e longa. Apesar de alguns estudos apontarem que pessoas com nanismo tendem a ter diminuição do humor, tendência a depressão e desempenho sexual não satisfatório, os anões de Itabaianinha mostram que eles são a exceção à regra.

Além disso, as mulheres estudadas com DIGH tinham também o primeiro fluxo menstrual tardio e um menor índice de paridade comparando com pessoas de estatura normal da cidade. A gravidez e parto representam um grande desafio para as mulheres com nanismo, pois, a abertura pélvica não é grande o suficiente para permitir que uma criança passe, por isso todos os partos são realizados através da cirurgia cesariana.

Itabaianinha é um município localizado no Estado de Sergipe, Nordeste Brasileiro, reconhecida como cidade em 19 de outubro de 1915, ou seja, possui atualmente 104 anos. Durante boa parte desses anos a cidade ficou no anonimato, foi só depois da descoberta da alta incidência de anões na região, a qual causou um grande interesse por parte da imprensa, que veio produzir documentários e reportagens a respeito dessa temática, é que a cidade passou a adquirir os olhares do Brasil e do mundo, sendo a partir daí, reconhecida como “Cidade dos Anões”.

Os anões passaram a ser celebridade na cidade, sendo motivo de criações de cordéis, músicas, entrevistas para tevês nacionais e mundial como a CNN, além de pesquisas acadêmicas, ou seja, passaram a ter grande destaque e, conseqüentemente elevou o nome da cidade de Itabaianinha para outro patamar.

Contudo, com o passar dos anos, o número de pessoas com nanismo vem diminuindo de forma constante, isso por conta do controle da taxa de natalidade, além do uso das vacinas hormonais e da mortalidade, fazendo com que fique escassa essa população. Para se ter uma ideia, o número oficial de pessoas com nanismo em Itabaianinha já chegou a 105 indivíduos, na passagem do século XX para o XXI esse número despencou para 75, e atualmente a cidade possui cerca de 60, ou seja, está ocorrendo um decesso muito grande do número de pessoas com nanismo na cidade.

Dessa forma, a cidade irá deixar de ser a “cidade dos anões” e passará a ser uma cidade com anões, não mais se diferenciando das demais. Foi pensando nisso, que foi desenvolvido este trabalho, o qual tem como finalidade salvaguardar as memórias destas pessoas tão importantes para a construção histórica de Itabaianinha.

Além disso, este também vem contribuir para a o debate acerca da inclusão de pessoas com nanismo, o qual só passou a ser considerado deficiência a partir de 2004. Inclusão, por exemplo, em empregos, onde muitos empregadores acabam estigmatizando ou impondo limites nestas pessoas pelo simples fato de não os achar capacitados para

desempenhar tal serviço, é nesse sentido que também surgiu o preconceito, um dos assuntos que será debatido aqui.

A acessibilidade é outro ponto de muita relevância que será abordado nesse trabalho, acessibilidade não só nos espaços públicos como também nos privados, e no emprego, além de discutir a importância do governo para a melhoria desta questão. Ou seja, além do quesito histórico onde este buscará a base de entrevistas e pesquisas salvaguardar as memórias dos anões de Itabaianinha, também irá realizar um debate sobre as principais causas sociais que acabam criando estigmas e barreiras, impedindo o desenvolvimento profissional e social dessas pessoas.

Inserida nas discussões de História e Memória, esta monografia apoia-se conceitualmente no livro História e Memória do escritor Jacques Le Goff. A partir do estudo da importância da conservação da memória de uma comunidade ou povo que desempenhou um papel de grande importância em uma sociedade, criando-se uma identidade, onde pessoas de outras localidades sempre ligará a região a tal grupo social. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (LE GOFF, 1996, p.476)

Assim, este trabalho busca salvaguardar as memórias deste povo através da escrita, pois, com o eminente desaparecimento dos anões, estes podem cair no esquecimento, haja vista, que a memória é seletiva e principalmente calcada em poderes econômicos, assim, é mais fácil lembrar de um homem ou família poderosa, que governou a região por alguns anos do que de uma comunidade pobre, mas que tornou visível mundialmente a cidade em que vive.

Se desejamos refletir sobre memória e esquecimento devemos, inicialmente, lembrar que parte pequena do passado ficou registrado em objetos de cultura. Grande parte da memória histórica corresponde a ausências, perdas, ao que foi excluído, ao que deixou de ser registrado, por não fazer parte dos ‘grandes acontecimentos’ responsáveis por mudanças profundas na vida política e econômica. Portanto, quando aceitamos o desafio de trabalhar com a preservação da nossa memória devemos lembrar que memória e esquecimento são dois processos correlatos. (THEODORO, 1990, p. 1)

Para isso, seria de suma importância a construção de um monumento que homenageasse a comunidade anã. Recentemente, foi colocada no caminhão de lixo, a

imagem de Maria das Piabas, anã de grande importância para a cidade, ela foi motivo de vários meios televisivos vir a Itabaianinha para entrevista-la. Entretanto, a imagem colocada em um caminhão do lixo, não é bem vista pela sociedade, visto que se trata de um local inapropriado e incomum para colocar a imagem de alguém procurando homenageá-la, sendo criticado inclusive pela própria comunidade anã. Assim, as próximas gerações não entenderão quem é aquela mulher e qual a importância dela para a cidade.

Os gestores dessa região sabem do reconhecimento que essa comunidade tem principalmente para as pessoas de outras localidades, como já dito antes, que ligam a cidade ao nanismo. No entanto, eles buscam não valorizar os anões a fim de conservar a memória aristocrática política que beneficiam apenas a sua classe, visto que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1996, p. 476), exaltando assim a história dos grandes e poderosos.

A memória é essencial para a conservação da história dos anões, para que elas possam ser contadas no presente e lembradas no futuro. Como diz Le Goff (1996, p.477): “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens.”

As bases referenciais do trabalho são o livro *Gigante no Coração* que tem como autoras Yehuda Koren e Eilat Negev, este que contém informações preciosas a respeito da importância dos anões na corte imperial durante a idade antiga e média, além do papel destes nas sociedades. O livro *O grande livro dos anões*, escrito pelo Gigante Léo (que também é anão), mostra a partir do humor as dificuldades e desafios enfrentados por pessoas com nanismo, onde o autor faz duras críticas em forma de sátiras a respeito de como são tratados os anões no Brasil.

E o livro *Longe da Árvore* do escritor Andrew Solomon, onde ele aborda a respeito das dificuldades enfrentadas por pessoas que são consideradas diferentes em seu seio familiar. Em um de seus capítulos ele fala a respeito do nanismo, suas principais dificuldades, não só para serem aceitos por sua família, mas também por uma sociedade preconceituosa e segregada, além dos tratamentos para buscar uma estatura maior, a fim de se enquadrar nos padrões sociais, entre outras coisas. Os artigos científicos e as monografias escritas na área da medicina sobre a nanismo em Itabaianinha será essencial para se ter uma noção de como se deu a alta incidência deste fenômeno na região, bem

como suas principais características e os tratamentos hormonais utilizados para o desenvolvimento físico dos indivíduos com Deficiência Isolada do Hormônio (DIGH).

A monografia se desenvolve a partir principalmente de fontes orais, com intuito de salvaguardar as memórias dessa comunidade. Além disso, foi usado um questionário para que os entrevistados respondessem de forma objetiva sobre assuntos como: estado civil; filhos; escolaridade; uso de hormônios; idade, entre outras coisas, pois, é necessário para se ter algumas estimativas. Apesar de serem perguntas simples, são questões importantes, pois, serão a partir delas que se terá uma ideia se Itabaianinha continuará sendo ou não a Cidade dos Anões.

O uso de fontes orais nos permite — como dissemos —, por um lado, um aprofundamento na história de grupos sociais que, por razões diversas, estiveram marginalizados ou quase ausentes das fontes documentais escritas; de outro lado, nos permite penetrar na percepção do processo histórico feita por indivíduos ou grupos concretos. Na medida em que a informação oferecida pelos membros destes grupos nos permita conhecer essa história, nos termos em que o grupo a viveu, parece evidente que o mais adequado é que as intervenções do entrevistador sejam mínimas e as mais breves possíveis. Em função disso, o tipo de pergunta deve ser suficientemente genérica, sem que isso implique trivialização, para que o informante se encontre na obrigação e com capacidade para dar respostas ao que lhe foi colocado. (GARRIDO,1992-1993, p. 43)

Além disso, as fontes orais são de suma importância, tendo em vista, que são fontes primárias, ou seja, são extraídas a partir daqueles que estão construindo a história. Outra fonte relevante é o livro 'Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Itabaianinha' de José Carlos de Oliveira, o qual relata em algumas páginas sobre Euclides Macêdo de Oliveira, o primeiro anão a ter algum registro histórico na cidade.

O trabalho também se prevalecerá de documentários, reportagens, músicas e cordéis para se entender o modo como as mídias associam a cidade de Itabaianinha ao nanismo, além de também fornecer informações importantes sobre aqueles que já morreram, são relatos dos próprios anões, fato esse, que enriquece ainda mais a pesquisa.

O livro *Gigante no Coração* é uma fonte riquíssima, haja vista, que conta a emocionante história da família Ovitiz, uma família judia que tinha como integrantes 7 anões e que sobreviveram ao holocausto. O livro aborda suas conquistas nos palcos, pois eram músicos e atores que encantavam a Europa em meados do século XX, até seus dramas vividos nos campos de concentração Auschwitz-Birkenau.

Será utilizado também sites eletrônicos com informações acerca do nanismo no Brasil e no mundo, além de artigos acadêmicos que mostram as dificuldades encontradas por essa comunidade de forma nacional, seus desafios ao encarar as desigualdades sociais, preconceito, acessibilidade e exclusão.

O capítulo I, intitulado *O Nanismo no Brasil e em Sergipe* será feito um apanhado histórico mundial acerca desse tema, iniciando na Idade Antiga até a Idade Contemporânea, mostrando sua importância para a sociedade em que viviam, além das dificuldades enfrentadas por estes. Como, por exemplo, a participação dos anões nos campos de concentrações durante a segunda guerra mundial.

Um dos pontos que gera grande debate na comunidade anã é o “esporte” conhecido como arremesso de anões, este tema será trabalhado de forma intensiva mostrando as duas distintas visões sobre esse assunto, dessa forma, será analisando seus principais argumentos para validar ou proibir essa prática.

Será trabalhado a respeito das leis brasileiras como por exemplo, o decreto 5.296 de 2004 e a Lei 13.472/2017. Em seguida será discutido temas como: preconceito, inclusão social, abertura de espaço no mercado de trabalho e acessibilidade, questões fundamentais para que o indivíduo possa ter uma qualidade de vida satisfatória. Por fim, será abordado o nanismo em Sergipe e principalmente em Itabaianinha, onde será mostrado como as pessoas driblaram suas limitações e se destacaram a partir do esporte conseguindo representar não só sua cidade e estado, como também seu país.

A construção indenitária do nanismo em Itabaianinha nomeia o segundo capítulo deste trabalho. Nesta etapa será trabalhado os principais eventos que levaram Itabaianinha a ser conhecida, nacional e mundialmente, como cidade dos anões. Além disso, terá como enfoque principal os documentários e programas de tevê que passaram para seu público a imagem da cidade associada aos anões, bem como, filmes, música e cordéis inscritos tendo como tema principal o nome da cidade ligado ao nanismo.

Por fim, o terceiro e último capítulo o qual tem como título *O nanismo em Itabaianinha e o registro da memória*. Terá como foco os diferentes tipos de nanismo, além de discorrer a respeito do surgimento do nanismo em Itabaianinha e de detalhar a acerca do que vem a ser essa deficiência, suas causas e consequências, os tratamentos e as dificuldades enfrentadas por eles.

I

O NANISMO NO BRASIL E EM SERGIPE

No livro *Visões de Sabedoria*, a escritora Marlene Rossi aponta como o médium Chico Xavier explica o nascimento de uma criança com nanismo, segundo ele: “(..) a pessoa encarna sob essa condição, basicamente por duas razões: a primeira delas, a mais frequente, porque praticou o suicídio em outra existência e a segunda por ter abusado da beleza física, causando a infelicidade de outras pessoas” (ROSSI, 1997, p.71). Dessa forma, segundo o espiritismo, para se reencarnar com nanismo é necessário que em vidas passadas a pessoa tenha cometido suicídio, isso porque “(..) o corpo espiritual sofre, com esse tipo de morte, lesões que vão interferir no próximo corpo, prejudicando particularmente a produção de hormônios, daí a formação do corpo anão, e as diversas formas de nanismo, mais ou menos graves, segundo o comprometimento do espírito” (ROSSI, 1997, p.71)

De certo é que desde o início da humanidade se tem notícia da existência de anões, era comum que esses, por terem uma estrutura física diferente das demais pessoas, fossem escolhidos para se tornarem bobos da corte. Apesar de servirem apenas para distrair e alegrar o rei, czar ou faraó, tarefa essa facilitada por conta de seu tamanho, os anões possuíam certo privilégio em relação aos demais da sociedade, pois, utilizavam de seu cargo para falar em tom de piada e gozo todas as coisas que lhes vinham à cabeça, inclusive criticar seu soberano: “Só Bahalut, o anão do califa Haroun al Rashid, poderia ter insultado seu amo de forma tão insolente com piadas e ataques verbais, fingindo ser um idiota” (KOREN; NEGEV, 2006, pp.32-33).

Na Idade Antiga, por exemplo, existiu o faraó Pepi I (2600 a.C) que foi o terceiro rei da VI dinastia egípcia, ele possuía em seu reino um anão chamado Danga, o qual lhe servia como bobo da corte. Yehuda Koren e Eilat Negev relata em seu livro *Gigantes no Coração* que: “O faraó Pepi I (2600 a.C) divertia-se com a companhia de Danga, seu bobo da corte anão, que aguçava sua percepção de relatividade do tamanho e da supremacia. ‘Eu sou o Danga dos deuses’, dizia Pepi, ‘Pois eles devem achar-me tão ridículo quanto eu acho meu Danga’” (KOREN; NEGEV, 2006, p.32).

Em um outro relato feito por essas duas mesmas autoras, falam a respeito da maneira como o Imperador César Augusto tratava seu bobo da corte: “César Augusto também era ligado a seu anão Lucius, tanto que, depois de sua morte, Augusto fez esculpir sua estátua e colocou pedras preciosas no lugar dos olhos” (KOREN; NEGEV, 2006, p.33). Podemos observar nesses dois relatos distintos a respeito dos bobos da corte Danga e Lucius, que apesar de possuírem o mesmo cargo, eram vistos por seus superiores de diferentes maneiras. Enquanto Pepi apesar de possuir afeto, considerava Danga um idiota, César Augusto por sua vez, criou tanto apego por Lucius, que o homenageou com uma estátua.

Segundo A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) foi identificado pela italiana e bioarqueóloga Anna Pieri, um homem e uma mulher com nanismo que viveram há 4.900 anos em Hierakonpolis, capital do antigo Egito. Os corpos foram enterrados em tumbas da realeza, pois, acreditava-se que pessoas com nanismo teriam conexão com o divino. Uma equipe médica, liderada por Chahira Kozma, do departamento de pediatria da Universidade de Georgetown, realizou um estudo acerca de objetos como vasos e tumbas com imagens de anões, a partir da análise eles chegaram a seguinte conclusão: “As imagens indicam que anões eram empregados como secretários particulares, encarregados de joias, bailarinos e artistas, entre outras atividades. Vários deles eram tão apreciados que tiveram sepultamentos no cemitério real, próximo às pirâmides”.

Esse período é considerado por muitos como a idade de ouro para os anões, nessa época, era comum encontrar imagens de deuses nas casas e tumbas de pessoas, um deles era Bes, um deus anão.

Os anões tiveram sua idade de ouro no Antigo Egito, lá foram honrados e venerados como deuses e, de fato, um deles era um deus, chamado pelos egípcios de Bes. Sua área era a obstétrica, ajudava no nascimento de bebês e também cuidava de problemas negligenciados pelos outros deuses. (KOREN; NEGEV, 2006, p.32)

Dessa forma, podemos observar a importância e o significado que os anões tinham para essa sociedade. Além de possuir grande destaque com relação a *status*, conseguindo ocupar grandes cargos na sociedade, também era cultuado e venerado como deus, sendo a ele credenciado a missão de ser protetor da sexualidade, do parto, das mulheres e crianças, além de protegê-los dos maus espíritos.

Já durante a Idade média, os anões não gozavam de tanto prestígio assim, a sociedade da época os considerava monstros, atribuindo a mãe a culpa pelo filho nascer com tal deficiência. Segundo Andrew Solomon, em seu livro *Longe da Árvore* “(...) nascimentos monstruosos indicavam desejos não realizados de mulheres lascivas, cujos anseios obscenos supostamente produziam deformidades” (SOLOMON, 2013, p.147).

Porém, nesse período existiam alguns anões que merecem ser destacados. No capítulo intitulado “Os anões de Velázquez e de Picasso”, do livro *As Belas Artes da Medicina*, mostra uma pintura de nome “As meninas” do pintor Diego Velázquez, de 1656, onde mostra uma cena do cotidiano no Palácio Amanuenses do rei Filipe IV na Espanha. Na pintura, além de outras pessoas, aparecem duas figuras interessantes, são eles, Nicolás Portosato, o qual servia o rei como camareiro e Mari-Bárbola, outra serva real, ambos com acondroplasia, ou seja, eram anões.

Já na Idade Contemporânea, é de se destacar anões que tiveram grande importância na construção histórica mundial, um deles é Vitório Emanuele III, imperador da Itália (1896-1946) e Etiópia (1936-1941).

Vitório Emanuele III, rei da Itália, tinha vergonha de sua altura de menos de 1 metro e 30, que nunca era visto sem sapatos de salto alto. Vitório era o mais famoso anão daquele tempo 1930, casou-se com uma mulher quase sessenta centímetros maior, a princesa Elena Montenegro. (KOREN; NEGEV, 2006, p.33).

Os anões obtiveram grande destaque no mundo da arte, principalmente em apresentações de circos, esse fato se deve muito a falta de oportunidade no mercado de trabalho, e assim como os bobos da corte dos tempos passados, muitos anões aproveitavam de sua baixa estatura para conseguir arrancar risos e admirações de sua plateia. O fato de muitos anões terem optado por essa carreira, faz com que muitas pessoas façam piadas de anões a respeito desse assunto.

O humorista e escritor Leonardo Núñez de Miranda Reis, conhecido como Gigante Léo, aborda essa questão em seu livro *O Grande Livro dos Anões*. Através do humor, abrindo um de seus capítulos, ele fala de modo irônico sobre o fato de pessoas acharem que anões não podem conseguir empregos que são realizados por pessoas de estatura normal: “Não, eu não trabalho numa mina nem moro com mais seis anões numa casa apertada e suja no meio da floresta. Também não trabalho fazendo animação infantil nem

fazendo palhaçadas no circo, embora ache essas profissões tão dignas quanto as demais” (REIS, 2011, p.43)

Quem teve grande destaque no mundo do circo, e é considerado por muitos como um dos maiores palhaços anão foi o judeu Zoltan Hisch, que rodou o mundo fazendo apresentações e em todos os lugares era recebido como celebridade. Pelo fato de ser judeu, Zoltan foi preso pelos nazistas e foi obrigado a trabalhar como porteiro no campo de concentração, sendo morto aos 59 anos na câmara de gás. Ele não foi esquecido por seus fãs, que fizeram um brinquedo chamado Roli-Zoli, era uma motocicleta vermelha de corda, com um palhaço montando, esse artigo de coleção foi feito em homenagem a ele.

Era comum também existir cidades de anões, onde pessoas pagavam para poder observar os anões em sua vida cotidiana. Quem traz um relato interessante a respeito desse fato são as escritoras KOREN; NEGEV (2006, p.35):

Em 1904, Samuel W. Gumperz fundou uma cidade de anões na Terra dos Sonhos de Coney Island. Reuniu 300 anões dos Estados Unidos e de vários parques de diversões e circos de todo o mundo e ofereceu moradia e um salário estável na sua Lilliputia (o nome vem de Lilliput, a terra dos homens minúsculos citada nas Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift). ‘Cada edifício estava em escala proporcional à altura de seus habitantes (um metro e vinte centímetros ou metros). Tinham seu próprio parlamento, teatro, lojas, bares, restaurantes, correio e barbearia, assim como diminutos cavalos e galinhas. Refletindo o cuidado pelo detalhe de Gumpertz, o tintureiro era um anão chinês. Na praia de Lilliput havia um posto de salva-vidas em miniatura’.

Os anões eram tratados como mercadorias, e muitas das vezes eram comprados ou seduzidos por “empresários” que aproveitavam do momento para fazerem fortuna. Alguns dos anões gostavam de sua vida nas Lilliput (cidade de anões) pois lá eles eram bem cuidados por seus empresários, que obviamente não queriam perder sua galinha dos ovos de ouro.

Ao longo da história muitos médicos acabaram aguçando sua curiosidade a respeito do nanismo, assim, muitos passaram a se interessar em estudar a estrutura física dos anões, mais ainda, passaram a dessecar os corpos de anões para expor seus esqueletos em museus. Há vários casos de anões que passaram por essa terrível experiência, de terem seus esqueletos expostos ao público como se fosse uma espécie em extinção. O primeiro caso que se tem notícia é de Owen Farrel, anão conhecido por possuir uma incrível força, sendo

capaz de levantar quatro homens adultos. Ele empenhou o seu corpo a um cirurgião, em troca de uma pensão semanal, a ser paga até a sua morte. Seu pequeno esqueleto está exposto no Hunterian Museum de Glasgow, localizado na Escócia.

Porém, o caso mais conhecido de exposição esquelética é de Caroline Chachami, conhecida por ser a menor de todas as pessoas do livro dos recordes. Ao nascer pesava 500 gramas, levada a Londres pelo doutor Gilligan, ficava exposta para todos poderem ver seu corpo de 48 centímetros de altura, era apresentada como a menor pessoa da terra. Morreu aos 9 anos após passar mal em uma de suas apresentações. O pai ao saber, foi em busca de sua filha para enterra-la, mas já era tarde, o doutor havia vendido seu corpo para o Colégio Real de Cirurgiões, o esqueleto está no Hunterian Museum de Londres.

Durante a segunda guerra mundial, os nazistas elaboraram um plano que tinha como finalidade disseminar o antissemitismo, mas também acabar com as raças consideradas inferiores e com pessoas que não poderiam contribuir para o governo de Hitler, como deficientes físicos e mentais. Dessa forma, assim que chegavam aos campos de concentrações os anões eram logo levados para a câmara de gás ou mortos de outra forma. Porém, um personagem conhecido por suas atrocidades mudou essa abordagem com os anões, seu nome é Josef Mengele conhecido por “Anjo da Morte”. Ele se interessou em estudar um “código genético” para o nanismo, assim, durante esse período, Mengele passou a estudar exaustivamente o corpo do anão e quando este não lhe tinha mais serventia dessecava-o para expor seu esqueleto. Exemplo disso, foi a morte no anão Alexander Katan, morto aos 43 anos com uma injeção letal aplicada em seu coração, em seguida seu corpo foi reduzido ao esqueleto, que foi entregue a Academia Médica da SS.

Em 1944, dois anões foram mortos assim que chegaram a Auschwitz, seus corpos foram postos em água fervendo para cozinhar até a carne separar dos ossos. Mengele então deu a ordem “esses corpos não devem ser cremados; devem ser preparados e os esqueletos enviados para o Museu de Antropologia em Berlim” (KOREN; NEGEV, 2006, p. 149).

Não se pode falar a respeito do nanismo sem mencionar a família Ovitz, que é composta por doze pessoas, dessas, oito eram anões. O pai Shimshon Eizik Ovitz e seus sete filhos: Rozika, Franziska, Avram, Frieda, Micki, Elizabeth e Piroška Ovitz, chamada em iídiche de Perla. A vida e a superação dos sete filhos anões Ovitz foi relatada de forma magnífica pelas escritoras Yehuda Koren e Eilat Negev, no livro *Gigantes no Coração*.

Após a morte de seu pai, os sete irmãos anões, juntamente com seus outros três irmãos de tamanho normal foram presos pelos nazistas e levados para os campos de concentração Auschwitz-Birkenau. Antes disso, eles formaram a Trupe Lilliput, famoso grupo que fez sucesso na Europa, faziam apresentações musicais e teatrais. “Os Ovitz modelavam seu programa de duas horas para todos os gostos e preferências. Entre as músicas, que eram cantadas em cinco idiomas, eles mantinham sua plateia urrando de rir com piadas e cenas hilárias” (KOREN; NEGEV, 2006, p. 37). A carreira começou no início de 1930, nesta época o nanismo estava no auge, em popularidade, e uma banda composta só por anões tocando instrumentos em miniatura, era uma novidade irresistível com grande valor comercial.

Em 19 de maio de 1944, os Ovitz foram presos pelos Nazistas e lá passaram por muitas situações constrangedoras e cruéis. Temeram perder suas vidas, que segundo Perla Ovitz (uma das anãs presas) foram salvas pelo diabo, nesse caso, Josef Mengele. Por estar pesquisando a respeito de hereditariedade e eugenia, Mengele se interessou pelos sete anões, que passaram a ser cobaia em sua clínica de horrores.

Em Birkenau, os Ovitz foram tatuados com seus números, passaram a comer mal, por conta da péssima qualidade dos alimentos, além de passar por sucessivos exames. Um dia antes de irem a clínica, eles ficavam em jejum para a realização dos exames e antes da radiografia abdominal davam-lhes laxantes para purgar. Eram furados com seringas enormes que coletavam sangue, assim, fracos por não comerem e por perderem sangue, muita das vezes acabavam desmaiando. O sangue era importante para Mengele, pois acreditava que ele seria a chave para diferenciação entre as raças superiores e inferiores. Eles também forneciam amostras de urina, fezes e saliva para compararem com a de pessoas de estatura normal, buscando encontrar o motivo da parada de crescimento.

Estava procurando sinais de hereditariedade em toda a parte – no cabelo, pele e dentes; nos hormônios do sangue, nos pigmentos e vasos sanguíneos da retina do olho. Segundo Perla Ovitz, ‘os médicos derramavam água fervendo e depois água gelada nos ouvidos dos anões, uma experiência não apenas terrivelmente dolorosa mas que também quase os enlouquecia. Os médicos colocavam olhos de vidro ao lado dos olhos dos anões, para identificação de cores; as gotas pingadas nos olhos dos anões deixam-nos cegos por horas. Dentes são extraídos, cabelos e pestanas eram arrancados - *tudo para identificar algo que fosse diferente entre os anões e as pessoas de estatura normal*. As anãs casadas eram amarradas a uma mesa e sujeitas a exames ginecológicos tão detalhados que as deixavam pálidas. (KOREN; NEGEV, 2006, p. 99).

A guerra acabou em 9 de maio de 1945, mas só no final de agosto desse ano, os Ovitz estavam verdadeiramente livres e voltaram para Rozavlea, sua terra natal. Depois, partiram para Israel, buscando um novo recomeço, onde se tornaram a Lilliput Entertainment Ltd. Em 1955 cansados da vida do palco, a companhia dedicou-se a promover filmes, em vez de oferecer espetáculos teatrais.

Alguns anos depois, após estudos a respeito da maior família de anões no mundo, enfim, chegaram ao diagnóstico de seu nanismo,

Pseudo-achondroplasia, o tipo de nanismo dos Ovitz, é uma síndrome rara. Herdada por um cromossomo auto-somático dominante, ele ocorre em cerca de um de cada sessenta mil nascimento. A cabeça e o rosto são de tamanho normal, assim como os órgãos internos, mas braços e pernas são pequenos. A altura total de um adulto fica entre 75 centímetros a um pouco mais de 1 metro e 20. (KOREN; NEGEV, 2006, p. 201)

Por fim, ao ser perguntada sobre sua relação com Josef Mengele, e qual seria sua reação caso ele fosse preso, Perla Ovitz respondeu que:

A única razão pela qual eu queria que ele fosse pego era para que tivesse de ficar sentado dias e noites ouvindo o que tinha feito conosco. Eu teria lhe mostrado as cicatrizes, falado sobre meu coração fraco e as pernas que não conseguem mais se manter em pé. Não acredito que ele teria pedido desculpas, mas se os juízes me perguntassem se ele deveria ser enforcado, eu lhes diria que o deixassem ir. Eu fui salva graças ao demônio – Deus lhe dará seu merecido. (KOREN; NEGEV, 2006, p. 209)

No final dos anos de 1950, na Nova Inglaterra, o nanismo era considerado vergonhoso, a ponto de fazer com que uma mãe ao descobrir que seu filho nasceria com nanismo, entrasse em depressão. Como foi dito anteriormente, muitos anões ganhavam a vida fazendo espetáculos de circo, outros trabalhavam em uma espécie de reality show, onde eram observados por um público pagante, esses tipos de empregos são trabalhos dignos, mas ao mesmo tempo questionadores. Porém, por falta de oportunidades, muitos acabam praticando tipos de trabalho que acaba ferindo a imagem da comunidade anã como um todo, além disso, põe em risco sua própria estrutura física. É o caso do “Arremesso de Anões”, uma brincadeira (ou esporte, para alguns) na qual anões, vestindo roupas de

proteção (ou não), são arremessados em direção a um tapete acolchoado, vencendo aquele que conseguir lançar o anão na maior distância possível.

Esse assunto gera bastante discussão entre os anões, enquanto alguns argumentam que o direito ao trabalho e à livre iniciativa também seriam valores protegidos pelo governo e, portanto, lhe dá o direito de decidir como ganhar a vida, outros consideram um desrespeito a dignidade humana, onde a pessoa é tratada feito objeto. “Tolerar essa prática fere não apenas os anões que aceitam ser arremessados, mas também o resto da comunidade anã, criando uma percepção pública de que anões são sub-humanos, perpetuando, desse modo, um clima de ridicularização”. (SOLOMON, 2013, p.171).

Há vários casos de arremessos de anões, o site UOL de São Paulo, publicou no dia 17/09/2019 uma matéria sobre esses acontecimentos. Em um dos exemplos, ele aponta um caso que ocorreu na cidade de Newcastle (Austrália), mais precisamente no Great Northern Hotel. Segundo a reportagem, o Hotel promoveria uma competição de "arremesso de anões". Após as críticas, a direção do Hotel veio a público e se desculpou, falando que se passava de um mal-entendido e que o jogo seria com bonecos e não anões.

Alguns países proibiram esse tipo de “esporte”, alegando que é uma atividade a qual violava a ordem pública, pois era contrária à dignidade da pessoa humana. Essa prática é ilegal na França, nos estados da Flórida, Michigan e Illinois, além das cidades de Nova York e Springfield. A partir das proibições o assunto que já gerava bastante discussão entre a comunidade anã, passou a ser discutida também em centros acadêmicos.

Os escritores e professores Noel Struchiner e Ivar Hannikainen formados na área da filosofia e direito, fizeram um artigo intitulado *A insustentável leveza do ser: sobre arremesso de anões e o significado do conceito de dignidade da pessoa humana a partir de uma perspectiva experimental*, eles utilizaram como exemplo um caso que aconteceu em Morsang-surOrge, na França com um anão chamado Manuel Wackenhein, que trabalhava sendo arremessado. Segue a baixo o relato sobre o acontecimento:

Entretanto, em 1991, o prefeito de Morsang-surOrge, na França, entendeu que tal atividade era uma afronta à ordem pública, já que representava um desrespeito à dignidade humana e, sendo assim, utilizou seus poderes de polícia para que ela fosse banida. O caso foi parar na justiça, sendo julgado na Corte Administrativa de Versailles e chegando, posteriormente, por meio de apelação, ao Conseil d'État, o tribunal de mais alta jurisdição no campo administrativo. Em um primeiro momento,

prevaleceu o argumento do Sr. Waickenhein (e de seu empregador), baseado na autonomia da escolha, segundo o qual caberia a ele, inteiramente, a liberdade de escolher o emprego que quisesse. A liberdade de escolha, sendo protegida, caracterizava um respeito à dignidade. E o emprego escolhido fornecia o sustento para que pudesse viver dignamente. De acordo com Wackenhein, sua dignidade, portanto, seria duplamente protegida, caso pudesse continuar realizando sua atividade. Contudo, no final, prevaleceu a visão do prefeito, segundo a qual tal atividade configurava, apesar das tentativas de Wackenhein de sustentar o contrário, uma afronta à dignidade humana (p. 15)

Dessa forma, pode se entender que o juiz que deferiu a sentença final, utilizou-se de bom senso e de princípios moralistas, alegando que mesmo o Sr. Wackenhein tendo a livre escolha ao optar por sua profissão, essa sua escolha fere a dignidade da pessoa humana, fazendo com que o juiz opte pela moral em detrimento da lei.

Em suma, temos aqui a “teoria do processo dual acerca do julgamento jurídico”. O direito possui dois modos característicos de julgamento: um baseado em regras e outro baseado em princípios, que permite o afastamento das regras. Embora existam muitos princípios diferentes que podem exercer esse papel, o da dignidade da pessoa humana certamente se destaca entre eles. O apelo à dignidade humana é o principal trunfo para afastar os resultados gerados pelas regras. (p.5)

O conceito de dignidade é moralmente carregado, cujo significado é copiosamente contestado. Citarei uma outra visão acerca do mesmo caso, trata-se do Acadêmico do Curso de Direito da Faculdade AGES em Paripiranga-Ba, Enzo de Miranda Ramos.

De início o acadêmico explica que o seu trabalho foi escrito de acordo com o direito Brasileiro, através de uma visão jurídica e humanística. Humanística, pois, assim como no exemplo passado, ele aborda sobre a dignidade humana, onde segundo ele:

No entanto o caso abordado com o arremesso dos anões acaba de certa forma a colocar um anão com uma imagem de objeto o desrespeitando e desconstruindo sua imagem de ser humano. Entretanto essa visão é um tanto hermenêutica, pois os anões consentiam com as praticas um tanto abusivas que aconteciam no recinto, por tanto fica a duvida se a pessoa física tem autonomia para rejeitar seu direito de dignidade da pessoa humana e se essa questão de dignidade não é meramente relativa. São discussões doutrinarias que muito depende do ponto de vista do jurista e de sua capacidade de interpretação, com auxilia dos ricos pensamentos doutrinários Brasileiros.

Ou seja, ele advoga que o argumento de dignidade da pessoa humana é algo relativo indo de encontro com as necessidades básicas que todos têm para a sobrevivência,

necessidade essas que serão supridas a partir da renda advinda do emprego. Em seguida, buscando legitimar e dignificar o trabalho realizado pelo anão, ele fala sobre “Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa”, além do contrato de trabalho, dando dessa vez, o olhar jurídico.

Ao analisar o art.: 1º, IV, CF, é necessária ter a percepção que o cidadão tem direito a livre e iniciativa para escolher o tipo de serviço que deseja desempenhar, o que no caso exposto e retirado do anão quando é decidido que não poderá mais haver aquele tipo de função. No entanto a decisão acaba por ferir um preceito fundamental da constitucional federal de 1988, causando ao anão um malefício, pois, é retido o seu sustento através de uma decisão que visa proteger seu próprio direito.

[...]. Para que o serviço prestado pelo anão seja considerado uma relação empregatícia, exigisse alguns requisitos, são eles: pessoa física, pessoalidade, habitualidade, subordinação e onerosidade. No entanto ao acompanhar o caso percebe-se que há o vínculo, pois, o anão é pessoa física, havia pessoalidade teria que se ele a prestar o serviço por uma questão lógica, subordinação sendo o dono do ressointo a subordinar, e a onerosidade pois, o anão recebia um salário pelo serviço prestado. Por tanto apesar de o caso ser inusitado, há um vínculo empregatício se constituindo assim um contrato de trabalho. Por tanto apesar do serviço prestando não ser muito comum não a nenhum indicio do objeto ser ilícito. Segundo veneziano (2011) “O contrato de trabalho, como qualquer negócio jurídico, requer, para sua validade, agente capaz e objeto ilícito (art. 104 do código civil)”.

Ao final ele chega à seguinte conclusão:

Na minha concepção visto esse caso com um olhar humanístico, pois todos temos direito a uma vida digna e o próprio anão, o qual deveria ser protegido pelo Estado com essa decisão, devido ter dito que era discriminado pelo sua condição tendo assim uma dificuldade de conseguir emprego para manter seu sustento e de seus familiares, e que estaria se sentido feliz e realizado com aquela função que estava a desempenhar, o Estado deve proteger não sobre sua livre iniciativa empregatícia como também seu direito a vida, pois cada ser humano tem uma forma diferenciada de se sentir feliz é realizado, com tanto que essa escolha não venha a ferir o direito do próximo, na minha concepção deve sim ser protegida pelo Estado.

Assim, podemos avaliar e perceber a partir de duas visões distintas a respeito do macabro “arremesso de anões”, um “esporte” onde um ser humano é objetificado, sendo arremessado por “atletas” que recebem como prêmio um copo de cerveja, que mesmo tendo em vista, a suma importância do emprego para sanar as necessidades básicas humanas, tais tipos de trabalho acabam menosprezando da mesma forma a imagem do anão. Dessa forma, assim como o Estado interferiu na prática do “arremesso de anões”

alegando um desrespeito a dignidade humana, o mesmo deveria propiciar maiores oportunidades de empregos, afim de inseri-los na sociedade.

Uma outra prática que gera bastante discussão na comunidade anã é a participação de anões como elfos nos espetáculos de natal. Enquanto uns veem como um tipo de humilhação, outros veem como meio de se ganhar dinheiro fácil. Raramente algum anão é chamado para ter um papel de destaque em filmes e séries. Entretanto, há exceções com relação a isso, como o ator Peter Dinklage que atuou nos filmes “O agente da estação” e “Morte no funeral”, além de ganhar um Emmy por seu papel na série Game of Thrones, da HBO, onde interpretou um anão que era filho do rei, que apesar de não ter condições de lutar em guerras por conta de sua estatura física, se destacava com sua inteligência em estratégias de guerra. “Era crença popular que os anões apesar das controversas opiniões rabínicas e bíblicas, nasciam com grande sabedoria e poderes mágicos, como uma compensação de Deus pelo que perderam em altura”. (KOREN; NEGEV, 2006, p.19)

Além do campo da arte, outros anões se destacaram no mundo a fora, no mundo dos esportes por exemplo, há casos em que o anão deixa de ser objeto (arremesso de anões) e passa a ser o atleta, esse é o caso do canadense John Young, que em outubro de 2016 se tornou o primeiro anão triatleta a completar um Ironman no mundo. Young com 50 anos e medindo 1,32m, conseguiu concluir o 1,9km de natação, os 90km de pedaladas e os 21,1km de corrida em 14h21min, conseguindo dessa forma, marcar seu nome na história.

Uma outra história interessante foi contada pelo Jornal do Estado / Mato Grosso do Sul, que no dia 22/11/2016 publicou uma matéria sobre Amanda Loy, americana que com 1,22m e 33 Kg, participou e encantou o público no NPC Natural Western USA Figure Competition, campeonato de fisiculturismo realizado em Mesa, no Arizona (EUA). Além dela, uma outra pessoa com nanismo também está fazendo sucesso como fisiculturista, em uma matéria publicada pelo Esporte IG, mostra o norte-americano Vince Brasco (Mini-Hulk) ele tem acondroplasia, e aos 25 anos mede 1,24 metro de altura e consegue levantar três vezes o seu peso (45kg), além disso, compete em torneios da modalidade da NPC Pittsburgh Posing Routine e também trabalha desde 2011 como bombeiro voluntário em sua cidade.

No Brasil, o nanismo passou a ser considerado deficiência física a partir do decreto 5.296 de 2004, que estabelece entre outras coisas, normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Além disso, segundo o CAPÍTULO III, Art. 6º, é obrigatório “- incluir a pessoa portadora de deficiência, respeitadas as suas peculiaridades, em todas as iniciativas governamentais relacionadas à educação, à saúde, ao trabalho, à edificação pública, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à habitação, à cultura, ao esporte e ao lazer”.

Ao longo da história, os anões sofreram preconceito, sendo muita das vezes colocados à margem da sociedade e proibidos de exercer algumas funções que eram desempenhadas por pessoas de tamanho normal, como estabelece os textos sagrados judaicos, por exemplo, que definiam um anão como um aleijado, desqualificado para o trabalho. O anão jamais poderia servir no templo, dessa forma, o judaísmo tende a exaltar os que são abençoados com um corpo perfeito. As lendas judaicas frequentemente retratam o nanismo como uma punição por algum proceder errado ou pecado. Durante o terceiro século o Talmud alertava que “gigantes não devem casar entre si, pois darão à luz a um mastro de bandeira, e anões não devem acasalar, pois produzirão um polegar” (KOREN; NEGEV, 2006, p. 16).

Segundo o código Halacha, o antigo código de leis judaico, “ao se ver um homem negro, um homem vermelho ou albino, um gigante, um homem com a cara desfigurada ou um anão, deve-se dizer: ‘Abençoado seja Deus, que modifica os homens’. Assim, a resposta negativa à desfiguração era canalizada para admiração diante do infinito poder de criação de Deus”. (KOREN; NEGEV, 2006, p.15). Dessa forma, as pessoas passariam a tratar o homem que não se encaixava no padrão considerado o ideal de forma igualitária. Em muitas culturas e ideologias, o termo “anão” tinha de fato uma conotação pejorativa ou mesmo degradante. Durante a segunda guerra mundial foi colocada a imagem de um anão corcunda, gordo e careca o qual representava os judeus, ou seja, para os nazistas essa descrição era considerada uma aberração, um sub-humano, que não merecia viver, era como eles enxergavam os judeus.

Pensando em todo esse histórico de preconceito, em 30 de setembro de 2015, o então senador Romário Faria propôs a PLS 657/2015, que sugere a instituição do Dia Nacional de Combate ao Preconceito Contra as Pessoas com Nanismo, além do envio de um documento contendo 1.300 assinaturas a favor da medida. Mas só no dia 31 de julho de 2017, o presidente Michel Temer sancionou a Lei 13.472/2017 tornando esse dia oficial, o qual passou a ser comemorado no dia 25 de outubro.

O nanismo ainda no século XXI não é bem aceito pela sociedade, porém, muitas das vezes a batalha em busca da aceitação começa no próprio seio familiar. Segundo Mary D'Alton, chefe do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Universidade Columbia e líder do campo da gravidez de alto risco, diz que: “você anuncia que o bebê tem um buraco no coração e eles dizem: ‘Mas você pode corrigir isso, certo?’. Mas quando digo a alguém que vai ter um anão, com frequência a pessoa parece ter nojo da ideia.” (SOLOMON, 2013, p.143). Ainda segundo uma mãe americana chamada Mary Boggs “Qualquer coisa que não fosse um anão teria sido melhor. Quando você pensa no que poderia dar errado na gravidez, isso não passa por sua cabeça. Pensamos: Por que, afinal, tivemos outro filho? ” (SOLOMON, 2013, p.144).

Muitas das vezes os médicos não estão preparados para dar a notícia para os pais de crianças com nanismo. No livro *Longe da Arvore* é citado o modo como os pais acabam recebendo a informação, são palavras como: “Vocês deram à luz a um anão de circo” ou “Lamento informar-lhe que seu filho é anão”. (SOLOMON, 2013, p. 147). O modo como os pais serão avisados sobre a condição dos seus filhos é muito importante para que eles reajam positivamente, pois, o modo como vão encarar a situação é fundamental para o desenvolvimento mental da criança.

A emissora Rede Globo transmitiu entre outubro de 2017 e maio de 2018 a novela *O outro lado do paraíso*, que abordou entre outras coisas o tema nanismo e as dificuldades que os portadores dessa doença possuem em se encaixar na sociedade, mais ainda de serem aceitos por sua família. Foi o caso da jovem Estela, interpretada por Juliana Caldas, ela foi a primeira atriz com nanismo a ter um papel de destaque e um drama próprio em novelas.

Em uma reportagem feita em outubro de 2017 pela Redação NSC TOTAL, o diretor da novela, Mauro Alencar foi perguntado sobre a importância da personagem, onde segundo ele: “Há que se louvar a seriedade com que o tema será, pela primeira vez, tratado. Isso só atesta o valor social de nossa telenovela, em particular a produzida pela TV Globo a partir de 1970”. A personagem Estela é maltratada por sua própria mãe Sophia, que não a aceita pelo fato de ser anã. Para não a ter por perto, faz com que passe boa parte da vida no exterior e quando ela se encontra por perto, difere apelidos como “monstrengo” e “aberração”.

Ao ser entrevistada sobre o grande feito em se tornar a primeira anã a ter protagonismo, a atriz Juliana conta como foi seu início de carreira até chegar a este status:

O meu início mesmo não foi complicado, mas, pra eu conseguir chegar a ter credibilidade no trabalho, demorou um pouco. Eu comecei num parque infantil fazendo um duende. Então, a maioria dos meus trabalhos foi pro lado infantil, até mesmo animação de festa, bonecos, fantasias pra fazer animação, essa parte foi mais difícil. Pelo menos pra mim, que amo fazer teatro, amo atuar, eu fazia (animação de festas), mas não era o que eu queria, porque eu queria buscar algo fora da área infantil, só que era o que aparecia.

Perguntada a respeito dos supostos futuros comentários do público e de sua aceitação ela responde:

Engraçado, porque isso acontece no dia a dia. Comentários ofensivos acontecem todo dia quando a gente passeia pela rua. Não só comentários... Olhadas, risadas, isso já acontece. Por isso, pode ser que eu já esteja preparada. Não é das minhas maiores preocupações. É muito clichê pensar nisso. Se não aceitarem, não gostarem, é a opinião do público, cada um tem a sua. Tô aberta a ler tudo isso, a receber tudo isso, sendo bom ou ruim, a gente vai trabalhando aos poucos.

As novelas se tornaram um meio muito eficaz em abordar assuntos que de certa forma causam antipatia por parte da população, além disso, é sempre bom debater temas para que as pessoas possam se colocar no lugar do outro, sentindo a dor do outro, e ao presenciar um caso de preconceito, possam se posicionar contra o ocorrido ao invés de achar engraçado. Foi utilizando o exemplo da novela *O outro lado do paraíso* que o repórter Leandro Tadesco do ‘Bom Dia Espírito Santo’ fez uma matéria exibida no dia 30/10/2017, onde mostra a luta contra o preconceito por parte da Associação Capixaba de Nanismo, ao entrevistar a presidente da associação Cristina Rocha, ela diz que a novela é importante pois mostra o cotidiano de quem tem nanismo, suas dificuldades e a luta diária contra o preconceito.

Em 16 de janeiro 2018 o site *Somos todos gigantes* publicou uma matéria escrita por Rafaela Toledo, sobre um caso de preconceito com uma pessoa com nanismo. A vítima foi Viviane de Assis, passista de escola de samba, professora, atriz e palestrante, ela foi discriminada por conta de sua estatura, por uma vendedora de uma loja do Praça Shopping no Rio de Janeiro. O ocorrido foi filmado por Viviane, que em seguida foi a delegacia realizar a denúncia.

No dia 19 de dezembro de 2017, segundo Toledo (2018) “a vendedora Deborah de Araújo da Maltas Modas, se recusou a atendê-la, enquanto se exaltava para os outros

funcionários dizendo: ‘Tire isso daqui. Eu não vou atendê-la’. ” Em sua defesa, a vendedora alega que sofre de fobia social, enviando inclusive um atestado para ser anexado ao processo. Segundo o delegado responsável pelo caso, o doutor Paulo Henrique da Silva Pinto, o atestado feito pelo psiquiatra não tem validade, onde inclusive irá investigá-lo. A advogada de Viviane é a doutora Kenia Maria Rio, que também é anã e presidente da Associação de Nanismo do Estado do Rio de Janeiro (ANAERJ). Segundo consta na matéria “a vendedora acusada de crime de preconceito e injúria ainda não compareceu à delegacia para depor. Pode pegar de um a três anos de prisão, caso seja condenada e os proprietários da loja também respondem ao processo solidariamente, podendo ser multados pelo crime supostamente ocorrido dentro de seu estabelecimento. ” (TOLEDO, 2018).

O site *Somos Todos Gigantes* nasceu a partir de uma campanha realizada em Goiânia por iniciativa da empresaria Juliana Yamin que tem um filho com nanismo. A campanha tem como principais objetivos vencer barreiras contra o preconceito, falta de informações sobre o nanismo, além garantir qualidade de vida para eles. Em uma entrevista concedida ao G1 Piauí Tv 2º edição em abril de 2016, Juliana se mostra contra programas humorísticos que usam anões como forma de entretenimento para o público, segundo ela: “não sou contra as pessoas rirem, mas elas têm que rir com eles e não deles”.

O preconceito disfarçado de piadas e brincadeiras sobre os anões, é frequente. Um dos motivos é o modo como eles se vestem, pelo fato de serem pequenos, eles acabam usando roupas infantis, fato esse que irrita muitos anões. Pensando em acabar com essa questão a estilista paulistana Carina Casuscelli, criou a marca “A Moda Está em Baixa”, onde ela produz roupas sob medida para pessoas com nanismo. É uma loja virtual que surgiu com o intuito de lançar a moda “fora do padrão”, além de roupas casuais, a loja pretende lançar uma marca de lingerie e moda de ginástica, voltada especificamente para quem tem nanismo. Em seus desfiles, aparecem como modelos além de anões, cadeirantes e deficientes visuais, segundo Carina “o que queremos é trabalhar exatamente a diversidade”. Esse trabalho realizado pela estilista é de enorme importância, pois, acaba incluindo pessoas que a muitos anos são excluídas.

Outro método utilizado para a inclusão de pessoas com nanismo na sociedade é a prática de atividades físicas. Foi realizado um estudo acerca da importância da caminhada para a inclusão de pessoas com nanismo na sociedade, a pesquisa foi realizada por Lucas da Rocha e Dione Wagner e tinha como título *Pessoas com nanismo acondroplasia: um*

estudo acerca dos aspectos psicossociais e as contribuições da atividade física na sua inclusão social. Para a realização do estudo foi selecionado oito pessoas com nanismo acondroplasia e se baseou em testes realizados em caminhadas e nos depoimentos que os próprios participantes davam durante a realização da atividade física. O estudo tinha como principal objetivo perceber se através da atividade física os participantes se sentiriam confortáveis em realizar a atividade ao lado de pessoas de estatura normal, ou seja, se eles se sentiriam incluídos socialmente na caminhada. Ao final, conclui-se que:

As pessoas com nanismo acondroplasia participantes deste estudo sentem e percebem-se em uma sociedade segregada e ainda despreparada para acolhê-los e que o olhar do outro para si continua carregado de curiosidades, preconceitos e desconhecimento acerca de sua deficiência. Concluiu-se também que a prática de atividade física regular contribui para sua inclusão social destas pessoas ao promover melhora na autoestima e confiança, no entanto, fica claro que percebem que a sociedade caminha lentamente nesta direção. (ROCHA; WAGNER, 2018, p.26)

A pesquisa intitulada *Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anões* realizada por Diego Luz Moura, e publicada pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte contou com a participação de 14 integrantes do time de futebol de anões, que se apresentavam todos os sábados em um campo society no Rio de Janeiro. Segundo Diego, uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo grupo, é que não há outro grupo de anões no Rio de Janeiro para competir, desta forma, eles competem com alunos de uma escola de futebol, que tem entre 10 e 13 anos. Muitos dos participantes do time trabalham fazendo apresentações em programas humorísticos, assim, muitas das vezes, não se tem o time completo.

O jogo de futebol foi uma alternativa encontrada pelos integrantes do time para se incluir na *sociedade*, já que há um grande número de pessoas que frequentam o lugar a procura do jogo dos anões. Existe um misto de sentimentos por parte da torcida, segundo Diego: “A manifestação variava desde palavras de apoio durante os gols e as bonitas jogadas até provocações sarcásticas. Em alguns lances de ataque exclamavam: ‘Faz a jogada aérea’; ‘dá um triciclo’, ambas como forma de ironizar a baixa estatura dos anões” (MOURA, 2015, p.344). Desta forma, fica claro que a torcida além de buscar assistir um espetáculo de habilidades por partes dos anões, procuravam também rirem, tendo em vista

que alguns dos integrantes fazem parte de programas humorísticos, os torcedores buscavam assistir cenas engraçadas, as quais eram correspondidas pelos anões.

O processo de aceitação do estigma pode ser dar de duas formas. Na primeira, o estigmatizado procura corrigir diretamente aquilo que é considerado como um defeito: o indivíduo com alguma deformidade procura a cirurgia plástica, o indivíduo obeso uma dieta e o homossexual faz psicoterapia. Na segunda, o indivíduo estigmatizado vai procurar corrigir o defeito indiretamente, buscar notoriedade em alguma atividade que jamais tenha imaginado que poderia exercer. É uma forma de romper com a realidade e objetiva empregar uma nova interpretação sobre sua identidade (Goffman, 1978 apud MOURA, 2015, p.345)

Dessa maneira, os anões buscaram praticar um tipo de esporte que é aceito pelas pessoas, e através dele, procuraram se inserir na sociedade, de maneira que não os vejam como coitados e incapazes, fazendo com que dessa forma, a sociedade tenha novas representações a respeito de pessoas com nanismo.

Quem desempenha um papel fundamental para a inclusão de pessoas com nanismo no Brasil, e que rompe com qualquer tipo de estigma e preconceito é a Associação de Nanismo do Estado do Rio de Janeiro (ANAERJ). “Queremos acabar com a imagem ridicularizada e cômica dos anões perante a sociedade. Muitos acham que nós só somos úteis no circo e em programas humorísticos”, afirma Kenia Rios, presidente da ANAERJ em reportagem ao G1. A associação foi criada em 2007, buscando acolher qualquer pessoa que possua algum dos 200 tipos de nanismo, além disso, tem como principal objetivo lutar pelos direitos de pessoas com essa deficiência, afim de desenvolver maior acessibilidade e qualidade de vida em um mundo que os renegam e fingem não enxergar. Kenia Rio, também é portadora de nanismo, segundo ela: “Os anões não são vistos como deficientes físicos em muitos lugares e, por isso, não podem utilizar os mesmos serviços e benefícios que estão à disposição das pessoas que têm deficiência física”.

Além da inclusão de pessoas com deficiências na sociedade, é fundamental que essas pessoas tenham também espaço no mercado de trabalho. Durante muito tempo, foram excluídas quando o assunto era emprego, visto que os tratavam como inválidos e não com dificuldades que podem ser ajustadas e superadas através de adaptações no ambiente de trabalho.

A discriminação que existe em nossa sociedade além de provocar a marginalização social da pessoa portadora de deficiência, também coíbe ou dificulta o acesso destas pessoas no mercado de trabalho e,

consequentemente reduz ao máximo a sua participação nos cargos mais bem pagos. Muitas vezes, esta discriminação está subentendida nas atitudes dos dirigentes e administradores de empresas, onde se detecta um número muito reduzido dos mesmos nesses ambientes. Visto que, a grande maioria dos empregadores geralmente só realiza a contratação por força de lei. Mas, mesmo com a chamada Lei de Cotas muitos empregadores preferem pagar uma multa a contratar pessoas com necessidades especiais. (MORIGI; SOUZA, 2016, p.27)

É importante destacar que essas pessoas passaram a ganhar mais oportunidades no mercado de trabalho, porém, ainda são discriminadas e expostas a desigualdades salariais.

Nesse contexto, vale destacar que o Artigo 27º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), considerada o primeiro tratado internacional sobre direitos humanos no século XXI, em síntese: Proíbe a discriminação da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, desde as fases de seleção até os períodos de manutenção e possível ascensão na empresa pública ou privada, passando pela não diferenciação salarial; normatiza o trabalho por conta própria, o cooperativismo e o acesso ao serviço público da pessoa com deficiência; assegura qualificação profissional, direitos trabalhistas e previdenciários, incentivos fiscais e políticas de cotas, bem como o apoio à livre iniciativa e à sindicalização das pessoas com deficiência; estimula a criação de políticas públicas para a inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho e conclama à liberdade de trabalho, vedando trabalho escravo ou servil, bem como forçado ou compulsório e ao combate à exploração de pessoas com deficiência. (CDPD apud MOURA, 2018, p.27-28).

Entretanto, não é isso que ocorre na prática, apesar da existência da Lei 8.213/1991, que estabeleceu a política de cotas para inclusão de pessoas com deficiência e reabilitados no mercado de trabalho, onde prevê que toda empresa com 100 ou mais empregados deve destinar de 2% a 5% dos postos de trabalho a pessoas com deficiência, o empregador não segue à risca os mandamentos da lei, preferindo utilizar de outros meios, como por exemplo, a escolha de pagar a multa, ou como ocorre na maioria das vezes, empregar pessoas com deficiências consideradas leves, que não requer tanta mudança na empresa. Dessa forma, a seleção não é pela capacidade do profissional, impedindo assim diversas pessoas de ingressarem no mercado de trabalho.

Para que ocorra uma maior inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho é de suma importância que a população em geral não os vejam como estigma, ou seja, pessoas que não se encaixam no padrão social e são incapazes de desempenharem o

mesmo papel que pessoas consideradas “normais”. A capacidade da pessoa não se mede por seu estado físico e sim por seu intelecto cognitivo, se a deficiência não permite que alguém realize tal tarefa, a empresa deve se adaptar ou realocá-lo para outra função, mas, jamais excluí-lo.

Um ponto de extrema relevância e bastante cobrado por pessoas portadoras de nanismo é a acessibilidade. De acordo com a Constituição Federal de 1988, todos têm direito à vida, à liberdade, à igualdade, entre outras coisas. Porém, para que se tenha liberdade, ou seja, possa ir e vir é necessário acessibilidade e democratização principalmente dos espaços públicos. A Lei 13.146 de julho de 2015 instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, ela defende entre outras coisas, a acessibilidade:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Entretanto, nem todos acabam cumprindo a lei, criando obstáculos e transformando à vida de pessoas deficientes em uma batalha diária. Utilizar o banheiro público, por exemplo, é uma tarefa bastante difícil, a abertura do vaso sanitário é desproporcional a eles, e alguns lugares ainda insistem em colocar cordas nas descargas as quais ficam em uma altura inapropriada para quem tem nanismo. Outro desafio é a higienização das mãos, pois, a pia é muito alta. Para os homens, alguns mictórios são impossíveis de serem utilizados.

Outro vilão para quem possui nanismo são os transportes públicos, antes mesmo de entrar no ônibus a dificuldade já se inicia para os pequenos, pois, os pontos de espera possuem bancos que na maioria das vezes não são acessíveis para eles. Muitos ônibus não possuem condições adequadas para pessoas com deficiência física. Em julho de 2019 o jornal DF1, fez uma matéria sobre a falta de acessibilidade dos transportes públicos no Distrito Federal. Uma das entrevistadas foi Sibeles Ferre que trabalha como operadora de telemarketing e por ter nanismo conta sobre a dificuldade para chegar ao emprego precisando inclusive utilizar dois ônibus. Segundo ela: “altura do ônibus, acessibilidade

para descer do ônibus, dar o sinal e principalmente para passar o cartão que eu não alcanço, tenho que contar com a boa vontade de alguns passageiros. ”

Além dos ônibus, os prédios sejam eles públicos ou privados, muitas das vezes não possuem elevadores, tornando a tarefa mais difícil para os pequenos, além disso, os próprios elevadores também precisam de adaptações ou alterações, pois, os números de comandos ficam fora do alcance para os anões. Em *O grande livro dos anões*, Gigante Leo cita a piada: “Por que o anão atravessa a rua correndo? Porque precisa pegar impulso para subir na calçada” (LEO, 2011, p. 36), porém, essa piada é usada como uma crítica a falta de acessibilidade nas ruas, pois, muitas calçadas são altas e dificulta a locomoção dos anões. Em uma reportagem feita por Simplício Júnior ao ‘Bom dia Piauí’ em 2015 ele aborda a questão da falta de acessibilidade em Teresina, onde segundo constava na matéria, as calçadas não possuíam nivelamento, obrigando pessoas com deficiência física a andarem pelas ruas. Prática perigosa tendo em vista que as pessoas iriam dividir espaço com os automóveis, correndo o risco de serem atropeladas.

Exemplos como prateleiras de supermercados, balcões de vendas, restaurante self services, exigem que eles peçam ajuda para estranhos ou funcionários, algo que causa constrangimento, principalmente na hora de efetuar o pagamento, onde o cliente com deficiência precisa confiar seu cartão e senha aos balconistas, pois, não conseguem alcançar a máquina de cartão. Caixas eletrônicos, cinema e shopping também são obstáculos na vida dos anões.

Gigante Leo, apesar de escrever coisas para divertir o leitor a respeito de anões, também usa o espaço para fazer severas críticas camufladas de piadas quando, por exemplo, escreve sobre os hotéis. “Geralmente, os anões ao frequentar hotéis costumam pedir quartos adaptados, entretanto, não existem quartos adaptados para anões, e sim para cadeirantes, que por ter a mesma altura do anão fica mais apropriado” (LEO, 2011, p. 61)

Pensando em solucionar esses problemas, foi que Meire Joyce Souza Figueiredo, conhecida por Meirinha, 37 anos, formada em administração de empresas e pós-graduada em gestão de negócios se tornou no município de Irecê, a menor vereadora do Brasil, medindo 98 centímetros. Segundo matéria publicada pelo Correio 24 horas (Bahia):

Portadora da síndrome de nanismo, eleita em 2016 para a Câmara de Vereadores de Irecê, Centro-norte da Bahia, é considerada uma gigante

na defesa dos direitos de quem, por algum motivo, é excluído do mundo dito “normal”. A história do caixa do banco é tão real que, em 2017, discursou em uma audiência no Congresso Nacional, na Câmara Federal, em Brasília, sobre o assunto. Durante reunião da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CPD), cobrou por políticas públicas de acessibilidade.

Dessa forma, ela acabou conquistando para as pessoas portadoras de nanismo, uma lei que obrigava as agências bancárias a instalarem caixas eletrônicos acessíveis a eles, porém, segundo ela: “Infelizmente, isso ainda não tem sido respeitado. Mesmo os caixas adaptados para cadeirantes eu não alcanço. Os bancos são instituições privadas que insistem em não cumprir a lei.” Além de lutar contra o bullying e o preconceito, falando sobre o nanismo em palestras, para levar maior informação aos ignorantes no assunto, ela também luta a favor da acessibilidade.

[...] elaborando propostas de acessibilidade e contra o preconceito. Entre outros tantos projetos, criou o cartão DEFIS para pessoas deficientes ou com mobilidade reduzida; tenta fazer com que empreendimentos melhorem seus acessos e cobra para que as praças organizem brinquedos para crianças com deficiência.

Se antes ela era vista como chacota por parte de alguns eleitores, os quais não depuseram seu voto de confiança por conta da estatura, após se tornar vereadora, Meirinha passou a ser vista com olhar de admiração por parte da população, não só de Irecê, como também da Bahia.

O indivíduo com nanismo está inserido na sociedade repleta de barreiras físicas e sociais, a maioria dos ambientes não atendem as suas necessidades, além disso, algumas pessoas acham desnecessário investimentos em políticas de acessibilidade. Buscando conscientizar esses tipos de pessoas, foi que a Association Québécoise des Personnes de Petite Taille (AQPPT) fez um tipo de experimento com pessoas de estatura normal.

A AQPPT incentiva que pessoas sem deficiência executem um experimento, que possibilitará a sensação de ter a síndrome, com o intuito de demonstrar a pessoas que não possuam Acondroplasia o quanto é difícil viver em um mundo projetado para pessoas de altura comum. O simples experimento solicita que o indivíduo coloque um objeto no centro de uma mesa, e estando de joelhos com os cotovelos junto ao corpo, tente pegar o objeto, sem mover os cotovelos ou se levantar completamente, desta forma pode-se vivenciar a grande dificuldade de realizar tarefas simples do cotidiano. (VASCONCELOS, 2016, p.35)

As pessoas portadoras de deficiência têm o direito de acessar todas as vias e prédios públicos, assim como o Estado tem o dever de facilitar através de adaptações a inclusão destas. Desta forma, seria necessário haver uma consciência coletiva, por parte das pessoas encarregadas em construir os centros urbanos, onde segundo a arquiteta Nícia Formiga [...]“ o arquiteto urbanista tem que pensar de acordo com o universal, ou seja, todos. Não se deve trabalhar em uma pessoa padronizada, considerada ideal, pois ela não existe, tem que se pensar na diversidade humana”. As leis que obrigam os estabelecimentos a se adaptarem para receber todos os tipos de público é importante, porém, a conscientização por parte da população é fundamental. Quando as pessoas passam a conhecer uma causa, suas lutas e necessidades, elas passam a enxergar o mundo do outro, a se colocar no lugar do outro, e assim, talvez, possa entender o quanto a inclusão, acessibilidade e o fim do preconceito são coisas essenciais na vida de uma pessoa.

No Estado de Sergipe destaca-se Camila Feitosa, moradora de Nossa do Socorro, ela tem 33 anos e mede 73 centímetros. Camila tem acondroplasia e ficou conhecida nacionalmente a partir de 2015, quando foi convidada pela jornalista Renata Alves a participar do programa Ana Hickmann da Rede Record. De acordo com o grupo de nanismo a qual ela participa, a sergipana é a terceira menor mulher do mundo, ficando atrás somente da youtube, moradora do Distrito Federal, Rafaela Sousa de 33 anos que mede 71 centímetros, sendo dessa forma a menor mulher do Brasil, e da atriz indiana Jyoti Amge registrada pelo Guinness Book como a menor mulher do mundo, ela tem 20 anos e mede 62,8 centímetros. Apesar de seu pequeno tamanho, Camila realiza grandes feitos, em 2019 ela foi vice-campeã brasileira de halterofilismo paraolímpico em São Paulo, modalidade que ela passou a disputar em 2017.

O halterofilismo é um esporte que fez sua estreia nos Jogos Paraolímpicos no ano de 1964 em Tóquio, Japão. Inicialmente, só poderia participar atletas com lesões na medula espinhal, porém, com o passar dos anos, o esporte tem crescido e passou a incluir numerosos grupos de deficientes. Atualmente, podem participar competidores masculinos e femininos com deficiência física tais como o nanismo, amputados, pessoas com lesão da medula espinhal e paralisia cerebral, entre outros. O esporte é praticado em mais de 100 países, e as mulheres foram incluídas pela primeira vez em 2000, nos Jogos de Sydney. O vencedor é aquele que conseguir levantar o maior peso.

No Brasil, destaca-se nesta modalidade, o atleta Luciano Bezerra Dantas (Montanha), ele é atleta profissional de halterofilismo e em 2019 conquistou medalha de prata nos jogos Parapan-Americanos em Lima, além de conquistar a medalha de bronze em Toronto nos mesmos jogos em 2015. Pelo lado feminino quem teve um brilhante desempenho foi Mariana D'Andrea conquistando ouro em Lima, além de estabelecer um novo recorde das Américas conseguindo levantar 122 kg. Esses exemplos mostram que o tamanho não influencia na capacidade de conquista por parte das pessoas.

A rotina de Camila é bastante agitada, três vezes por semana ela sai da Barra dos Coqueiros, onde mora para ir até a Universidade Federal de Sergipe (UFS), para realizar treinamentos na academia da universidade, afim de se aperfeiçoar na modalidade esportiva. Ela pesa 21 quilos e conseguiu levantar mais que o dobro de seu peso, foram incríveis 53 quilos. Segundo ela: “é incrível mesmo, é surpreendente, é Deus mesmo, mostrando que se ele quer, ele pode transformar nossas vidas de uma forma que a gente menos espera e assim ele tem feito comigo”. Ela é treinada pelo professor Felipe Aidar, grande incentivador e admirador da atleta no esporte:

com certeza, foi o primeiro de muitos títulos que ela vai trazer ainda, porque ela foi vice campeã brasileira na categoria dela e foi a que mais levantou peso em relação ao peso que ela tem, ou seja, ela levantou 53 quilos pesando 21, seria o mesmo de pesando praticamente 100 quilos, levantar 240 quilos, ou seja, foi muito peso, foi uma grande vitória, principalmente porque quando ela chegou aqui até pelo tamanho dela, ela tinha muita dificuldade até para segurar a barra, porque a mão dela não fechava totalmente na barra e em pouco tempo ela foi se dedicando e hoje ela é vice campeã brasileira e a pessoa com melhor índice técnico da categoria feminino.

Para 2020 ela já tem alguns compromissos marcados na sua agenda, no dia 30 de janeiro vai participar em Brasília da etapa nacional de halterofilismo, em fevereiro disputará em Recife o título regional e em junho vai para São Paulo disputar mais uma vez a etapa nacional. Mesmo com todo talento e dedicação, Camila possui muitas dificuldades, principalmente por questões financeiras, pois, ela não tem patrocínio, e para arrecadar dinheiro para conseguir custear as viagens, ela faz rifas, vaquinha solidária, e conta com a ajuda de amigos incentivadores do esporte e do sonho da atleta.

Em Itabaianinha, o principal esporte praticado pelos anões é o futebol. No dia 25 de outubro de 2008 foi criado Anões Futebol Clube, que mais tarde se tornaria Anões City Futebol Clube, a ideia surgiu a partir de Toinho (ex-presidente da Associação dos anões) e de um anão da cidade de Tobias Barreto conhecido por Nay. A associação foi fundamental para a formação do time, segundo Clécio, um dos integrantes do Anões City: “nós não éramos unidos, era igual uma rivalidade, até quando jogava futebol, que era para quebrar a canela um do outro (risos)”. No início, o time tinha como participantes: Aderaldo, Zé Miúdo, Zé Duca, Clécio, Toinho, Juarez, Cleidivan, Alan, Nanico, Juninho (Henrique), Welinton, Joaldo, Fabiano, Nay, Gilvan, Louro, só o goleiro que era de estatura normal, como a grande maioria dos jogos era contra times femininos eles convidavam uma mulher para ser a goleira, geralmente era Jade, natural de Poço Verde, quando era contra equipes masculinas eles convidavam um goleiro, porém, não possuíam uma pessoa fixa.

O primeiro jogo da história do time ocorreu no Ginásio do SESI da cidade de Tobias Barreto, no dia 07 de novembro de 2009 contra as Melindrosas F.C, um time formado por mulheres. A TV Sergipe fez uma matéria sobre a partida a qual foi transmitida pelo programa Viva Esporte. O grande destaque da partida foi o jogador Zé Miúdo de 1 metro e 25 centímetros de altura, conhecido no mundo futebolístico por “Imperador”, segundo ele: “pena que nasci pequeno, porque senão eu era um grande craque e eu não estava nem aqui no Brasil, estava fora do Brasil”. Foi ele o autor do primeiro gol da história do Anões City, que acabou vencendo a partida por 2 a 1. Uma das jogadoras da Melindrosas comentou sobre a dificuldade em enfrentar os anões: “eles correm muito, tem muita velocidade”.

No dia 15/01/2010 eles participaram de sua primeira competição, foi a Copa de Futsal 2010, Categoria Elite que teve o apoio da prefeitura de Tobias Barreto, Secretaria do Esporte e Lazer, além da Cobertura cinematográfica: Lima Vídeo Produções que filmou todos os jogos. O campeonato contava com quatro equipes, três femininas e a equipe de anões de Itabaianinha. A final foi entre as Melindrosas e Anões City. No jogo estava reunida algumas pessoas da cidade de Itabaianinha para prestigia-los, além da comunidade anã.

Durante a partida a torcida vibrava com grandes jogadas praticadas pelos anões. O que faltava em força sobrava em habilidade e técnica, colocando em pratica os treinamentos que ocorriam três vezes por semana. Sofriam muitas faltas das Melindrosas,

que apesar de ser uma boa equipe, não foi páreo para os anões, que tinham como ponto fraco evidentemente as jogadas aéreas, tanto quando atacava quanto quando defendia. O resultado final da partida foi 4 a 1 para os Anões City, com um show da dupla Clécio e Zé Duca que marcaram dois gols cada. Dessa forma, eles foram Campeão da Copa de Futsal 2010. Ao final da partida, Clécio falou a respeito da vitória: “foi um jogo muito difícil, mas graças a Deus conseguimos trabalhar bem a bola e a vitória é nossa, a vitória é do povo brasileiro e dos anões de Itabaianinha”. Por fim, houve a entrega das premiações e um show da dupla Clécio e Cleidivan, “Os Anões do Arrocha”.

Ainda em 2010 o time de anões de Itabaianinha foi para São Paulo disputar o campeonato o qual se consagraram campeões. Para a disputa da Copa de Futebol de Anões foram convidadas quatro equipes que representavam seus respectivos estados, Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro e Sergipe. Foi um quadrangular, os jogos ocorreram todos no mesmo dia, 05 de junho de 2010, e foram disputados na cidade de Santo André. Na primeira partida eles venceram o Mine Crac de São Paulo por 4 a 1 e na grande final venceram Rapadura Cearense do Ceará por 3 a 0, sendo dessa forma campeões e se tornando a melhor equipe nacional de anões. A viagem até São Paulo foi de ônibus, e para custeá-la foi preciso realizar pedidos de patrocínios na cidade onde eles obtiveram a ajuda de empresários, amigos, políticos e da prefeitura, conseguindo a quantia de 4 mil reais que serviu para pagar o ônibus. Eles passaram três dias em São Paulo e lá cada qual arcava com seus gastos.

Com essas conquistas, e através dos jogos que eram filmados, editados e divulgados por Jadson Lima dos Santos, conhecido por Jajai, os Anões City Futebol Clube passou a ser conhecido em boa parte do estado de Sergipe e até fora dele, sendo assim, convidados a fazer jogos beneficentes. Jajai teve grande parcela na popularização do futebol dos anões, onde Joaldo, um dos jogadores, diz que: “se hoje ele cobrasse (pelo que fez), o time não tinha condições de pagar”. Os convites eram feitos desde times da própria cidade de Itabaianinha, como também em outras cidade e estados.

No dia 10/12/2009, ocorreu o I Encontro de Futebol de Itabaianinha, foi um jogo entre pessoas que trabalhavam no Fórum contra Anões City. Existia um cartaz com uma charge, onde o representante do fórum dizia: “ ‘Vou mostrar a esses meninos como se joga na Paraíba. ’ E 3 anões respondiam: ‘Vou dar um rabo de vaca. Nesse grandão. Ele vai ficar todo torto’ ”. O jogo ocorreu na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), e

contou com grande participação do público que ficavam em êxtase com jogadas de efeito realizadas pelos anões. Quando Alan (anão) sofreu uma falta mais dura, um dos torcedores falou “Epa, aí não pode, é uma criança”, mostrando que a população ainda vê os anões de forma infantilizada. A partida terminou 4 a 0 para os Anões City.

No dia 16/12/2010 ocorreu o Jogo de confraternização entre Poder judiciário de Tobias Barreto e Anões City, a partida foi realizada no Espaço Vitória Soccer em Tobias Barreto. Os números finais da partida foi Poder Judiciário 7, Anões City 5, ao que tudo indica essa foi a primeira derrota dos anões de Itabaianinha, porém, a derrota mais humilhante segundo Clécio, foi para a Seleção Feminina de Arauá, que os derrotaram por 10 a 5.

Em 2011 os anões foram convidados para participar do encerramento dos Jogos Estudantis da Primavera em Penedo – AL. Seu adversário foi a A.F.C de Arapiraca, time composto de mulheres. O Ginásio estava lotado para acompanhar a partida, que foi vencida pelos anões por 4 a 0, tendo como destaque Alan com 2 gols e 1 assistência. Anos depois os anões voltaram a Penedo, nessa viagem, em um dos vídeos é possível notar a falta de acessibilidade em um dos estabelecimentos ao longo do trajeto, especificamente os mictórios que eram inapropriados para pessoas com nanismo acondroplásico. Dessa vez o jogo foi entre Anões City e a Seleção Feminina de Futsal de Penedo e a partida terminou empatada em 3 a 3. Uma outra cidade visitada pelos anões foi Pontal – AL, lá ocorreu a partida entre Anões City e Pescadores. É importante destacar que os anões não jogavam gratuitamente, eles recebiam um cachê para disputar partidas em eventos, além disso, quem os convidava arcava com todas as despesas do time, desde o transporte, até hospedagem e alimentação.

Nesse mesmo ano foi realizado o 1º Desafio de Gigantes na Cidade de Itabaianinha, o evento foi organizado por Ninho, David e Jajai, além de contar com a presença da TV Sergipe. Os jogos ocorreram em campo reduzido no Estádio Tennysson Fontes Souza (Souzão), local onde o Olímpico E.C. manda seus jogos. A final foi entre os Carioquinhas do Rio de Janeiro e Anões City, a partida terminou 4 a 1 para Anões City que se consagrou bicampeão nacional.

No dia 25/02/2013 a TV Aperipê fez uma reportagem sobre um jogo festivo entre Anões City Futebol Clube e Deficiência Esporte Clube, que nada mais é que uma partida entre médicos e pacientes. Deficiência Esporte Clube é um time organizado por Dr.

Manuel Hermínio e o evento ocorre anualmente em forma de confraternização entre ambos jogadores. Apesar de ser um amistoso, ambas as equipes têm gana de vitória, prova disso é o resultado da partida que foi 12 a 11 com derrota dos anões. O time caiu no esquecimento a partir de 2016, muito por conta de falta de compromisso por parte dos próprios anões que pararam de treinar e buscar jogos. Voltaram à ativa em 2019 sob o comando de Clécio e Joaldinho, que juntos decidiram reerguer o Anões City, que atualmente conta com mais ou menos 10 integrantes.

Clécio e Joaldo obtiveram grande destaque no mundo futebolístico pois, foram os primeiros anões sergipanos a representar o Brasil em um campeonato sul-americano. No ano de 2018 os dois foram convocados pela seleção Brasileira de Anões para participar da 1º Copa América Talla Baja que foi sediada na cidade de Buenos Aires, Argentina. A competição contou com a participação de onze países, foram eles: Brasil, Marrocos, Argentina, Peru, Chile, Colômbia, Paraguai, Bolívia, México e Costa Rica, além de um combinado entre Canadá e Estados Unidos. O campeonato contou com o apoio da Asociación del Fútbol Argentino (AFA) e da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL). A Copa América Talla Baja foi uma iniciativa de Facundo Rojas, pessoa com nanismo, jornalista e fundador-presidente da Selección Argentina de Futbol Baja Talla. Em 2020 a Copa América de Futebol de Anões está prevista para acontecer no Peru, além disso, os idealizadores do evento estão planejando realizar em 2021 a Copa do Mundo de Anões em Bueno Aires. Segundo José Carlos Rosário, presidente e criador da primeira Seleção Brasileira de Futebol de Anões do Brasil – BRASA,

- As pessoas com nanismo há muito tempo vem sendo discriminadas e sofrem com o preconceito e por isso todos devemos contribuir para que essa situação acabe e que essas pessoas, que são normais, possam viver uma vida inclusiva em nossa sociedade. A inclusão social das pessoas com nanismo através do esporte, notadamente o futebol, visa corrigir o estigma que atinge diretamente esse grupo, além de mostrar que todos são capazes de realizar o que desejam desde que oportunidades lhes sejam oferecidas. A Copa América dará uma grande visibilidade para nossa modalidade e isso servirá de ativo para realização da primeira Copa do Mundo de pessoas com nanismo já em 2020 e a partir dessas realizações se reivindicará o reconhecimento desse esporte junto ao Comitê Paralímpico Internacional (IPC). Será uma competição em preparação para a Primeira Copa Mundial e a seleção está se preparando muito bem, dentro de suas limitações e escassez de patrocínio.”

Antes da convocação aconteceu o encontro de anões em Santo André, onde ocorreu um amistoso entre os times do São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que Clécio e Joaldo

participaram e se destacaram nessa partida, sendo posteriormente convocados pelo técnico da seleção brasileira, Marcus Vinícius Moure Moreira.

No dia da convocação eu estava aqui em casa assistindo pelo facebook um jogo amistoso no Rio de Janeiro com o pessoal da rádio onde iria sair essa convocação, eu estava assistindo ao vivo e o cara não falou em meu nome, aí deu um frio na barriga (risos), aí depois ele mandou um WhatsApp para mim dizendo, ‘não se preocupe, não falei em seu nome, mas você está convocado’, aí aliviou (risos)” disse Clécio.

Outro que foi convidado a participar foi Aderaldo, que por problemas particulares decidiu recusar o convite.

Sem patrocínio ou incentivo financeiro por parte da prefeitura da cidade foi preciso apelar para a população de Itabaianinha, colocando um carro de som nas ruas. “Agradeço a Edson do carro de som que ajudou muito, a gente ficou no carro, um de um lado e outro de outro, pedindo ajuda, um dava 2 reais, outro dava 5 outro dava 10” - conta Joaldo. Também foi posto em locais como casas lotéricas e estabelecimentos comerciais uma caixa para aqueles que quisessem ajudar os dois jogadores a viajarem para realizar o grande sonho e representar o país. Conseguiram em torno de 4 mil reais, que serviu para pagar as passagens de Aracaju- Rio, Rio-Argentina. Eles saíram de Itabaianinha no dia 19 de outubro de 2018 com destino ao Rio de Janeiro, Clécio foi de avião, enquanto Joaldo foi de ônibus um dia antes. No dia 23 de outubro eles viajaram de avião para Argentina. Joaldinho conta como foi a experiência: “Rapaz a primeira vez quando montou e o bicho decolou, deu um frio no coração, só no pensamento, será que vai voltar ainda (risos)”.

O campeonato iniciou no dia 25 de outubro, em Buenos Aires, os jogos ocorreram no Centro Desportivo do Racing e tinha como modalidade o futsal. Na fase de grupos o Brasil enfrentou o Estados Unidos e o Marrocos, na estreia o Brasil perdeu de 1 a 0 para o Estados Unidos e na segunda partida venceu o Marrocos por 3 a 1, classificando-se assim para a próxima fase por conta do saldo de gols, um dos critérios de desempate. Na semifinal foi derrotado pela Argentina por 2 a 1, disputando o terceiro lugar contra o Estados Unidos, adversário que havia vencido o Brasil na primeira fase por 1 a 0, porém, nessa segunda partida o Brasil acabou vencendo por 10 a 1. Perguntado sobre a expectativa em disputar o terceiro lugar, Clécio diz: “Cara quando eu acordei de manhã bateu a realidade, nós vir para a Argentina e sair daqui sem nenhuma medalha, aí foi que deu aquele frio na barriga. Disse que a gente tem que ganhar esse jogo para pelo menos levar

uma medalha para representar o Brasil”. A final foi disputada entre Argentina e Paraguai, onde os donos da casa foram derrotados por 3 a 0.

Sobre a experiência em viajar para fora do Brasil eles falaram que foi incrível, apesar de não compreender a língua espanhola, segundo eles isso não foi um problema, pois, contaram com a ajuda de dois jogadores brasileiros que traduziam. A maior dificuldade foi a respeito da culinária, pois, diferente do Brasil a comida era servida gelada e isso atrapalhou muito a alimentação deles. Acostumados com carne, feijão e farinha, se depararam com grão de bico, lentilha, mingau, arroz e pão. Eles passaram 8 dias sem se alimentarem bem, segundo Joaldo: “era pão de manhã, meio dia e a noite, além de tangerina”. Um outro quesito que dificultou a adaptação foi o clima frio.

Apesar de não ter muito contato com a torcida, eles disseram que os poucos momentos foram legais, pois, foram bem recebidos por todos, que sempre solicitavam para tirar fotos. Segundo eles, na seleção do Paraguai, Estados Unidos e Marrocos tinham anões pituitários, ou seja, do mesmo tipo de nanismo que eles, mas a grande maioria era acondroplasia. Ficaram hospedados no mesmo hotel que a seleção do Paraguai e Chile, sendo os países que mais tiveram contato e puderam fazer amizades, que mantêm através das redes sociais.

Apesar de ser reconhecida mundialmente como cidade dos anões, Itabaianinha não se encontra acessível ou inclusiva para acomoda-los. Exemplo disso, são os caixas eletrônicos que não são feitos para pessoas de estatura pequena, o único banco da cidade que possibilita os anões a acessarem suas contas é o Banco do Brasil, que não é adaptado pensando em pessoas com nanismo e sim para cadeirantes. Outro ponto lembrado por eles foram as prateleiras de supermercados que são muito altas fazendo com que fiquem dependentes da boa vontade de funcionários e clientes. Segundo Joaldo: “Quando a gente vai no supermercado a prateleira fica lá em cima, tem vezes que eu fico envergonhado de pedir a certas pessoas, aí eu fico ali para lá e para cá caminhando aí sempre aparece alguma pessoa conhecida aí eu pergunto se dá para pegar essa coisa”. Além disso, o pagamento das compras é dificultado por conta da altura em que é acomodada a máquina de cartão de crédito, obrigando os anões a levarem alguma pessoa de estatura normal ou pedir para que algum funcionário ou estranho realize o pagamento, pondo em risco seus dados pessoais. Clécio trabalha em um supermercado e convive diariamente com esse tipo de situação,

segundo ele: “Os caixas de supermercado não tem acessibilidade para um anão que tem muita dificuldade para passar o cartão, porque é alto [...] aí ela pede para outra pessoa. Os donos de supermercado precisam tomar algum tipo de providência”.

Outra forma que exclui pessoas com nanismo e portadores de qualquer outra deficiência é a autoescola. Além do gasto que é necessário para se tornar uma pessoa habilitada, as pessoas com algum tipo de deficiência precisam gastar um pouco mais para se locomover até a capital Aracaju, pois, a cidade de Itabaianinha só contempla aqueles que não possuem nenhum tipo de limitação. “Uma questão que eu não admito aqui na cidade é a autoescola que não tem para deficiente isso é um absurdo, e por isso eu nunca tirei minha habilitação, tô com 40 anos, vou completar, e não tirei minha habilitação ainda” – diz, Clécio.

A falta de emprego é um outro problema para a comunidade anã de Itabaianinha, quase nenhum anão trabalha de forma legalizada com carteira assinada e direitos assegurados, nem as empresas ou até mesmo a prefeitura abrem espaço para a inclusão desses cidadãos. Além disso, as raras exceções que oferecem empregos, na maioria das vezes informal, pagam menos a eles em relação aos outros funcionários, mesmo desempenhando a mesma função e trabalhando a mesma carga horária. A cidade muitas das vezes é beneficiada com o título de cidade dos anões, mas não retribui e não os reconhecem como pessoas capazes. “Nós deveríamos ser mais visados pelas autoridades, o que eu falo é assim em questão de trabalho, porque eu tenho trabalho, mas tem muitos que não tem e passam muita necessidade por causa disso” – diz Clécio.

A cidade nunca produziu nenhum tipo de ação que beneficiasse aqueles que levam o nome da cidade para um nível internacional. A AperiTV fez uma reportagem em 24/08/2012 a respeito de um projeto que tinha como principal causa construir uma academia de ginástica em Itabaianinha para pessoas com nanismo. Antônio José Ferreira, o Coordenador Nacional do Direito das Pessoas com Deficiência, veio diretamente de Brasília para apresentar o projeto e segundo ele: “O projeto conta com a parceria do Instituto Federal de Sergipe (IFS), da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania então, é sobre isso que estamos tratando aqui nessa reunião e esperamos em breve vê-la concretizada lá na cidade de Itabaianinha”.

Além da academia seria montada uma oficina de móveis adaptados para os anões, o projeto já existia há mais de 20 anos e a verba já foi liberada pelo Governo Federal. Para a

realização do projeto foi de suma importância a participação de Dr. Manuel Hermínio, que trabalha com os anões a mais de 20 anos, foi a partir de seu trabalho que a ideia chegou a Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República. Entretanto, não saiu do papel, a verba destinada a realização do projeto não chegou ao seu verdadeiro destino, mostrando os descasos que o município possui com aqueles que marcaram seus nomes na história na cidade.

Dessa forma, conclui-se que ao longo da história pouco se mudou no tratamento de pessoas com nanismo. A sociedade ainda os discrimina criando um estigma, que os afasta cada vez mais dos princípios básicos de sobrevivência e pertencimento em um mundo segregado e preconceituoso. Pessoas com deficiência possuem enorme dificuldade em conseguir empregos, ter acesso aos espaços públicos, o mundo em geral não é globalizado e acessível para todos, infelizmente, as oportunidades também não são para todos e sim para aqueles considerados perfeitos em seu estado físico e mental.

Desde a Idade Antiga até a Contemporaneidade percebe-se que para aqueles com nanismo o mundo parou no tempo, ou está andando de forma bem lenta. Se antes eles eram vistos como aberrações ou sub-humanos, hoje eles são vistos como incapazes ou simplesmente em forma de sátira e gozação. Muda-se os adjetivos, mas continua o preconceito e estigmatização. Os anões não precisam apenas de políticas públicas de acessibilidade e espaço no mercado de trabalho, mas acima de tudo aceitação por parte da sociedade em geral, para que esse estigma seja quebrado e eles passem a serem vistos como pessoas normais e capazes de conquistar seu espaço e desempenhar com afinco e dedicação aquilo que lhe for solicitado, porém, para que isso ocorra só lhe falta a oportunidade.

II

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NANISMO EM ITABAIANINHA

Nesse capítulo está sendo trabalhado os principais eventos que levaram Itabaianinha a ser conhecida, nacional e mundialmente, como cidade dos anões. Além disso, tem como enfoque principal os documentários e programas de tevê que passaram para seu público a imagem da cidade associada aos anões, bem como, filmes, música e cordéis inscritos tendo como tema principal o nome da cidade ligado ao nanismo.

O primeiro registro acerca de uma pessoa com deficiência do nanismo é de 1964, quando o anão, já na idade adulta, Euclides Macêdo de Oliveira, participava de um desfile de carnaval nessa mesma data. Não existem documentos que informem o ano do seu nascimento. Nessa época, Itabaianinha possuía pouco mais de mil habitantes, a cidade era

iluminada a lampiões a querosene como informa José Carlos de Oliveira no livro 'Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Itabaianinha'. Euclides era conhecido por todos como "Quita Balaio," pelo fato de possuir as nádegas avantajadas. Ele trabalhava como despertador dos cidadãos que pretendiam viajar de trem, já que eles partiam à meia noite.

O Quita fazia as vezes de despertador e, se calhava de ter vizinhos para o mesmo horário, ele batia levemente nas respectivas portas, com os nós dos dedos, enquanto sussurrava o nome de quem devia despertar. Se alguém reclamava de seu serviço em quase silêncio, Quita respondia: "Ganhei p'ra acordar um, não vou gritar p'ra acordar dois! (OLIVEIRA, J. C., 2004, p.57)

Além de acordar as pessoas, segundo Oliveira (2004, p.171) "Boa parte dos jornais e revistas era vendida por Euclides Macedo de Oliveira, o anão jornalista a quem chamavam de 'Quita'", ele também fabricava carrinhos de brinquedos. De acordo com informações da população, Quita costumava por espelhos na ponta dos pés e ia para a feira observar as calcinhas das mulheres, porém, em um determinado dia, uma de suas vítimas percebeu e lhe diferiu uma bofetada, arrancando risos daqueles que presenciaram a cena. Euclides era famoso por ser o único anão que morava na zona urbana de Itabaianinha, os outros anões moravam na zona rural, 'Quita' morreu na década de 70, entre 50 e 60 anos.

Segundo estudos realizados pela Dr. Anita Hermínia o nanismo de Itabaianinha surgiu no povoado Carretéis e existe a oito gerações que permeia a cerca de 200 anos. Apesar da população atestar que já existiu cerca de 130 anões na cidade, número esse utilizado também pela Associação dos Anões, segundo números científicos a quantidade foi menor, se expressando em 105 indivíduos, que surgiu a partir de casamentos consanguíneos entre os moradores do lugarejo, muito por conta da falta de contato com pessoas de outras localidades, devido ao isolamento da região.

[...] "Nessa região, foi detectada DIGH, uma doença autossômica recessiva com alto grau de consanguinidade. A frequência fenotípica é bastante elevada, chegando a 1:279 pessoas. Se levar em consideração Carretéis, um aglomerado rural a 14 km ao norte desta região, a frequência chega a 1:32. A região é conhecida como 'berço dos anões'. Esse coorte de 105 indivíduos com DIGH é a maior já descrita na literatura" (SALVATORI et al, 1999; AGUIAR-OLIVEIRA et al, 1999) p. 44 BARRETO

Se hoje a cidade é associada aos anões, isso se deve a José Raimundo Guimarães, conhecido por todos na cidade como “O Peixe” ou “Piranha”, empresário no ramo da cerâmica, um amante e incentivador do esporte. Em 1991 ele criou um projeto junto aos presidentes dos clubes de futebol do Sergipe e do Confiança, que consistia na realização de uma corrida de anões no Estádio Estadual Lourival Batista (Batistão) em plena final de campeonato Sergipano. Ao final, a corrida foi vencida por José Antônio Nascimento, conhecido como Toinho, em segundo lugar ficou Juarez e em terceiro Aderaldo, todos anões da cidade.

No início dos anos 90, José Raimundo Guimarães Primo, ‘O Peixe’, teve a brilhante ideia de divulgar o nanismo existente em Itabaianinha. Começou esse processo dentro do próprio Estado, com a realização de uma corrida de anões em Aracaju no dia do mais famoso clássico do Futebol Sergipano, Sergipe x Confiança. Esse acontecimento ganhou notoriedade nacional através do programa Globo Esporte exibido pela Rede Globo de Televisão. (GUIMARÃES, T.; CONCEIÇÃO, J. C., 2017, p.154).

A partir desse momento Itabaianinha passou a ter seu nome associado ao nanismo e a ser conhecida mundialmente como a cidade dos anões. Digo mundialmente, pois em 1993, o Cable News Network (CNN) um canal a cabo de notícias norte-americano veio a Itabaianinha fazer uma reportagem sobre os anões, mostrando ao mundo a pequena cidade do Estado de Sergipe. Segundo o anão José Raimundo dos Santos, conhecido por todos como Totó, um jornalista da Folha de São Paulo, conhecido como Vidal, informou que tinha em Sergipe o menor político do Brasil e do mundo em estatura, despertando assim o interesse da CNN. A CNN, além da questão do menor político se interessou também em saber qual a causa do alto índice de nanismo na região, colhendo dados de estudos desenvolvidos sobre o assunto na Universidade Federal de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ajudando em seguida, na divulgação desse fenômeno, fazendo com que médicos do exterior voltassem sua atenção para o tema, desenvolvendo vacinas hormonais para o crescimento de crianças e adolescentes com nanismo. Esse fato pode ser comprovado a partir de uma fotografia onde a equipe do canal entrevista Totó na Câmara de Vereadores (anexo).

O cantor Marcio Mania, da banda Siri Mania, compôs uma música que logo se transformou no hino dos anões, a música fala sobre a superação do preconceito e no

sucesso que os cidadãos com nanismo alcançaram, concedendo entrevistas para diferentes meios de divulgação (Tevê, Jornal, revista, etc.). A letra da música servirá como introdução para a explanação de reportagens e documentários com esses pequenos cidadãos, os quais levaram a cidade a ser conhecida nacional e mundialmente.

A cidade dos Anões

Não posso ser o astro da televisão
Mas eu já sou sucesso só por ser anão (bis)

Há um tempo atrás todos riam de mim
Mas hoje eu sou sucesso é o que dizem por aí
Tô no Guinness Book, jornal e televisão
Na capa da revista sou a nova sensação
Pequeno no tamanho grande no coração
Diga não ao preconceito eu também sou cidadão

Não posso ser o astro da televisão
Mas eu já sou sucesso só por ser anão (bis)

Na minha cidade eu sou a atração
A cada cem habitantes sempre tem mais um anão
Aqui o papo é reto não rola decepções
Sou de Itabaianinha a cidade dos anões

Não posso ser o astro da televisão
Mas eu já sou sucesso só por ser anão

Além da CNN, outros programas de tevê e pesquisadores se interessaram pelo tema “cidade dos anões”. Em 1998 o italiano Marco Sanvoisin veio diretamente à Itabaianinha conhecer uma cidade que como ele mesmo diz é: “Habitada por criaturas doces e diferentes, que parecem vir de um livro de fadas”.

Seu documentário é repleto de história de vidas contadas pelos próprios anões, uma forma de entender seu dia a dia e suas peculiaridades, mostrando as dificuldades enfrentadas por conta de sua estatura e o preconceito por parte de uma sociedade parada no tempo, assim como a superação de muitos tabus, conseguindo ser felizes. O documentário expõe a versão popular a respeito de como se iniciou a alta incidência de anões na cidade, aborda o aspecto místico, ou seja, as lendas passadas de gerações a gerações.

Segundo o documentário, a cerca de 200 anos atrás chegou um pequeno circo de passagem no povoado Carretéis. Foram embora todos, da comedora de fogo ao equilibrista,

restando apenas de três a quatro anões que de pouco a pouco se multiplicaram se casando entre irmãos. Na época em que foi feito o documentário existia cerca de 150 anões na região, e viviam quase todos na cidade, longe da realidade dos Carretéis, onde todos tinham a necessidade de cultivar a terra.

Sanvoisin começa sua jornada em busca dos pequenos habitantes indo justamente a zona rural. Após andar quilômetros de estrada de terra, finalmente encontra dona Pepe, é o seu primeiro contato com alguém com nanismo em Itabaianinha. Além dela, conhece também José Francisco dos Santos, conhecido por Dodinha, medindo 1 metro e 12 centímetros de altura. Com eles aprende sobre compaixão, amor ao próximo e felicidade, são pessoas extraordinárias que com tão pouco estampam um enorme sorriso em seus rostos.

Ao retornar para a cidade, que nesta época contava com pouco mais de 13 mil habitantes, conheceu outros anões como Perozinho Cardoso, vendedor de farinha de mandioca e Dominginhos, vendedor de frutas. Ele apresenta essas pessoas portadoras de nanismo não como pessoas frágeis, dependentes ou anormais e sim como pessoas trabalhadoras e independentes, que conseguiram se adaptar perfeitamente na sociedade da qual fazem parte.

Uma questão muito importante abordada pelo autor são, como ele mesmo se refere, as chamadas “famílias misturadas”, ou seja, união entre anão e pessoa de estatura normal. Geralmente os homens pequenos casavam com mulheres grandes, porém, o oposto não era bem visto pela sociedade. Até que em 1958, um casamento envolvendo uma mulher da comunidade anã com um homem de estatura normal quebrou esse tabu. Dona Pureza foi a primeira mulher a enfrentar as críticas da sociedade, mas acabou encorajando outras mulheres anãs a superarem esse preconceito.

Entretanto, um outro caso semelhante não teve sucesso como este de dona Pureza. No início da década de 90, o anão Juarez foi apresentado a uma jovem anã que veio de Belo Horizonte para casar com ele, porém, ele não teve coragem de concretizar o matrimônio, pois até então nunca um anão havia casado com uma mulher tão pequena, o que só veio a acontecer 7 anos depois, em 2005.

O documentário também fala a respeito da descoberta de injeções hormonais importantes para estimular o desenvolvimento de crianças e adolescentes portadores da

deficiência. Além dos trabalhadores feirantes citados anteriormente, aparece também o taxista Valeriano da Fonseca e o frentista José Antônio. Ao final, Sanvoisin e sua equipe retornam para Aracaju onde um avião vos espera com destino a Itália. Eis abaixo seu sentimento ao ter que partir:

Vemos os rostos dos amiguinhos que deixamos para trás e pensamos que talvez Gulliver devesse se sentir assim quando deixou o Reino de Lilliput para retornar a Inglaterra. Nos comparamos a uma Alice forçada a deixar o país das maravilhas para retornar a um mundo que não é mais de contos de fadas tão longe do delicado e arcaico que terminamos conhecendo em nossa jornada.

Esse documentário é de extrema importância, pois mostra o olhar estrangeiro a respeito dos anões de Itabaianinha, um olhar fantasioso, como se fosse realmente um conto de fadas. É um documentário que aborda questões como o início da incidência dos anões na cidade, a vida social dessas pessoas com nanismo, mostrando que são capazes de serem independentes, trabalhando e sustentando suas famílias, além de abordar as barreiras e os tabus que foram e continuaram sendo quebrados ao longo dos anos.

Em 2008, 10 anos depois, uma outra equipe esteve em Itabaianinha para fazer um documentário sobre os anões, dessa vez, nada de estrangeiros. O documentário teve como coprodução a Fundação Padre Anchieta, Tv Cultura, SESCTV e Mutante filmes, além de contar com o apoio do Governo de São Paulo, seu título foi “Cidade dos Anões”. O documentário foi um sucesso e ganhou o prêmio de melhor média metragem no III Atlantidoc Festival Internacional de Cinema Documental do Uruguai.

As lendas e o imaginário já se ocupam de criar cidades habitadas por anões com ruas estreitas e casas em miniatura. Escondida entre montanhas e cercada por estradas de terra, uma cidade do interior do Brasil tem a maior concentração de anões do mundo. Essa cidade é Itabaianinha, a cerca de 120 quilômetros de Aracaju, Sergipe. Lá, um em cada 300 habitantes é anão – um percentual 23 vezes maior do que a média mundial. Este documentário desvenda o mistério sobre o nanismo dessa população – um fenômeno na história da medicina. E responde à intrigante pergunta: por que esses anões agora estão crescendo?

A citação acima é a proposta do documentário, aquilo que ele pretende abordar e as questões que buscaram esclarecer. Assim como no documentário anterior, este busca elucidar o surgimento desse fenômeno a partir dos relatos dos próprios anões, para isso cita

três versões: a primeira quem explica é dona Josefa Francisca de Jesus, conhecida por todos como Luizinha, segundo ela “veio do estrangeiro, onde um anão passou por aqui e teve um caso com uma mulher grande e daquilo ali nasceu uma criança anã”. A segunda teoria quem fala é dona Maria da Hora, ela diz que “um circo passou por aqui e deixou vários anãozinhos no povoado Carretéis que é a raiz”. E por fim, a terceira versão que é a científica, explicada também por Luizinha, ela diz que “segundo o estudo da doutora Anita, foi o casamento entre parentes, entre primos, obtendo essa boa herança dos anões de Itabaianinha.”

Em seguida, o documentário busca através de entrevistas conhecer e entender o cotidiano dos pequenos habitantes desta cidade. A jovem Vaininha é entrevistada em seu ambiente de trabalho em uma loja de material de construção, lá ela exerce com muito empenho o cargo de gerente administrativa, seu sonho é um dia poder fazer uma faculdade de administração. Os irmãos Clécio de 27 anos e Cleidivan de 25 anos também aparecem em sua casa onde eles trabalham com artesanato. As professoras Luizinha e Maria da Hora ganham grande destaque por terem se tornado as primeiras educadoras da comunidade anã de Itabaianinha, motivo de muito orgulho. Quando perguntada por que continuar estudando mesmo depois de chegar a terceira idade, dona Luizinha diz “sempre vou busca adquirir conhecimento”.

Foi abordado também o tema hormônio, a filha de dona Luizinha, a jovem Conceição foi uma das 15 crianças e adolescentes que realizaram um tratamento à base de injeções hormonais com o intuito de crescer. Ela diz que decidiu tomar hormônio porque tinha o desejo de crescer para que as pessoas parassem de chama-la de anã e palavras pejorativas, ou seja, de acabar com o preconceito que sofria. Seu tratamento se iniciou aos 12 anos e finalizou aos 18 anos obtendo como resultado um aumento de mais de 50 centímetros, dessa forma Conceição deixou de ser anã e passou a ser uma mulher de baixa estatura.

O documentário mostra o casamento entre José Antônio e Maria da Hora, o evento ficou marcado na história da cidade por se tratar do primeiro casamento entre anões. O casamento ocorreu em 2005 e teve como padrinhos além de anões, o doutor Manuel Hermínio, considerado pela maioria dos anões como um pai. Ao todo o casamento contou com 60 padrinhos.

Com todo o empenho, fica fácil entender o porquê deste documentário ter sido tão elogiado e condecorado com premiações, assim como prometido na introdução, o trabalho conseguiu explicar o porquê de existir tantos anões em Itabaianinha, sendo mundialmente a cidade com maior número de anões em questão territorial, além de responder a pergunta proposta no início, chegando à conclusão de que os hormônios distribuídos gratuitamente pelo médico doutor Hermínio, está fazendo com que as crianças e adolescentes acabem crescendo ao ponto de não mais ser considerado anão.

Em 2009 o programa humorístico *Pânico na Tv*, da emissora Rede Tv, realizou uma reportagem a respeito dos anões de Itabaianinha. Na ocasião eles simularam o quadro “De volta para a minha terra” do programa Domingo Legal, do apresentador Gugu da emissora SBT, com isso, foi simulado a volta do anão Edmilson que mora em São Paulo a 10 anos, para a cidade de Itabaianinha. Edmilson conta que foi para a capital buscar uma vida melhor, mas lá entrou em depressão e só o que restou foi seu emprego como vigilante e alguns amigos de bar, diz que sente saudade da família e que deseja voltar para sua terra. Os repórteres da reportagem foram Rodrigo Scarpa de Castro encenando o Glu Glu e Francisco Wellington de Moura Muniz (Ceará) imitando o Silvio Santos.

Edmilson (conhecido como pirulito) é um ator do próprio programa, e segundo a reportagem está no Jardim Ângelo, bairro Santo Amaro em São Paulo com alguns amigos, porém isso não é verdade, pelas imagens fica claro que eles já se encontram em Itabaianinha. Ao entrevistar o senhor Roberto um dos amigos de Edmilson, ele diz que Edmilson “recrama” por sentir saudade de sua terra, logo os repórteres zombam do analfabetismo do senhor fazendo com que ele repita diversas vezes a palavra “recrama”. Em um outro momento Roberto diz que os pais de Edmilson “convéve” em Itabaianinha, sendo mais uma vez motivo de piada.

Lembrando que o quadro não passa de uma simulação, Edmilson não é filho de Itabaianinha. Ao chegar na cidade eles vão para um clube social, a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), lá eles encontram a anã dona Beatriz que se passa por dona do clube. Glu Glu mesmo vendo que dona Beatriz é uma senhora, pede para brincar com ela no parquinho, a senhora Beatriz com sua simpatia aceita. Brincando de gangorra, ele pede para que ela complete a música, “docinho, docinho, ai ai ai”, ela fica sem jeito, mas acaba fazendo o que eles pedem.

Logo depois, aparece uma outra senhora anã, dona Maria, a qual diz que conhece Edmilson a “mucho” tempo. Mais uma vez eles acabam destacando o erro de pronúncia de dona Maria. Glu Glu pede para que ela brinque no escorregador, fazendo com que ela mesmo vestida de saia (tendo que segurar na descida) e sem jeito por conta da idade escorregue e caia de mal jeito podendo inclusive se machucar.

Em seguida, eles encontram o pessoal do vôlei que são anões, mais uma vez fazendo eles passarem vergonha, expondo a todos de maneira humilhante as dificuldades que sua deficiência lhe causa. Em meio a tantos esportes, o programa decidiu simular uma partida de voleibol, entretanto, sabemos que a rede do voleibol é alta para os anões, sendo impossível que eles alcançassem, dificultando a realização do jogo.

Em outro momento, Silvio compara o anão Juarez com o cantor Frank Aguiar, o anão Tiago com o jogador de futebol Léo Moura. Ao entrevistar Eronaldo, pergunta se ele veio com a roupa do filho, é importante salientar que é muito difícil encontrar roupas feita para anões, a única forma é fazer sob medida, porém acaba saindo caro, pois além de comprar o tecido é preciso pagar uma costureira, dessa forma, muitos anões acabam optando por comprar roupas de crianças. Glu Glu pergunta a quanto tempo eles jogam vôlei, Juarez responde que “desde quando a gente era pequeno”, logo rebatida por Silvio “então não faz muito tempo não”, fazendo piada com a estatura dos anões. Ao narrar o jogo de vôlei, Silvio diz que é Gavianão (Galvão), e chama o anão José Louro de Freddy Krueger. Para que houvesse um ponto no jogo de vôlei foi preciso que Juarez subisse nos ombros de outro anão, mais uma vez sendo humilhados em rede nacional.

Ainda na AABB, eles vão para a área onde tem o jogo de sinuca, lá ocorre o duelo entre os anões José Francisco, apelidado por Glu Glu de Maguila e João Nascimento apelidado de Pedro de Lara quando era pequeno. Ao falar com José, Glu Glu rir o tempo todo, comparando-o com Maguila ao ponto de Silvio pedir para se conter. José com toda sua inocência fica sem entender, e solta um sorriso de canto. Ele pede para que João faça um risco com giz em um quadro-negro no nome Nilson, situado na parte de cima do quadro, sabendo que ele não conseguiria por conta de sua estatura, acabam zombando mais uma vez, rindo de sua deficiência. Seu José, após muita insistência conseguiu alcançar, por ser um pouco mais alto e jovem que seu João.

Eles simulam está em um colégio onde Edmilson estudou em sua infância, porém, eles ainda se encontram no Clube AABB, lá eles conhecem José Domingo (Bagaceira),

eles o colocam como dono da lanchonete da escola. Bagaceira fica atrás do balcão, mal consegue ver o outro lado, mais uma vez o programa busca mostrar de forma ridicularizante, expondo sua deficiência e dificuldades. Eles o chamam de Ratinho, pega-o pelo braço, o levanta, como se fosse uma criança. Da para perceber o incomodo, porém, por se tratar de um programa de tevê, Bagaceira não reclama do ocorrido.

Ao anoitecer eles vão para um forró, que tem como atração a dupla musical “Os Anões do Arrocha”, Clécio e Cledivam. Silvio fala que Cledivam é a mistura da jogadora de basquete Hortência e do jogador de futebol Paulo Nunes. Apesar do talento da dupla, os repórteres preferem falar de sua fisionomia, criando apelidos pejorativos. A matéria finaliza com o encontro entre Edmilson e seus “pais” José Antônio (Toinho do táxi) e sua mãe Maria da Hora. Ambos entram na brincadeira e acabam encenando um encontro emocionante.

O programa em que se passou a reportagem é humorístico, dessa forma eles tentaram apresentar os anões não como pessoas humildes, trabalhadoras, que lutam por espaço na sociedade, pelo contrário, procurou estimular a gozação sobre essas pessoas, buscando passar uma imagem de que os anões são analfabetos, frisando as partes em que alguns deles erram a pronúncia de certas palavras. Expuseram os anões para o Brasil inteiro da forma que eles lutam para que à população não os vejam, que é como atração, um objeto para fazer o outro rir. Isso fica claro quando os colocam para jogar voleibol, mesmo sabendo que eles não alcançariam a rede, ou quando pede para um deles marcar um traço com giz em uma lousa, mesmo sabendo que ele não alcançaria, ou quando põe Bagaceira atrás de um balcão mesmo sabendo que seria impossível vê-lo. Além disso, deferem apelidos pejorativos, comparações com famosos, buscando desconstruir a imagem dos anões de Itabaianinha a fim de levar humor negro para seus telespectadores.

Ainda em 2009 um outro programa humorístico esteve em Itabaianinha para realizar uma reportagem sobre os anões. Esse programa é o Custe o Que Custar (CQC), da emissora Rede Bandeirantes, o repórter que veio foi o comediante Danilo Gentili. Para a reportagem ele selecionou 7 anões (em alusão a Branca de Neve e os 7 anões), para que segundo ele, as pessoas pudessem conhecer um pouco melhor o ponto de vista deles (apontando para baixo e a câmera lhe filmando debaixo para cima), mas com a nossa perspectiva (de cima para baixo), ele faz um jogo de câmeras na intenção de mostrar para o público o tamanho dos anões. Em seguida, fala sobre o povoado Carretéis, que segundo ele

é o berço do nanismo, e através de uma montagem cinematográfica ele aponta um arco-íris dizendo que no final existe um anão com um pote de ouro, mais uma vez citando a cultura popular para fazer um tipo de humor com os anões.

Ao entrevistar o senhor Mundinho, casado a 50 anos, Danilo pergunta se ele é casado com uma anã. Mundinho mostra sua esposa, uma mulher de estatura normal (um de muitos casamentos mistos), entrevistando sua cōnjuge, Danilo fala que é bom ter um marido anão porque assim ele não pula a cerca, fazendo um duplo sentido, referindo-se tanto a dificuldade que os anões tem em encontrar parceiros e parceiras, como a sua estatura, que por ser pequeno não consegue pular uma cerca.

Ao entrevistar dona Pureza, a primeira mulher a casar com um homem de estatura normal, Danilo ignora esse fato histórico e prefere se escarnecer, se candidatando a conquistar seu coração pelo fato de ser uma pessoa alta. Ele encontra dona Beatriz, ela possui um pequeno armazém, para entrevista-la ele a põe em cima de um banquinho, não a tratando como uma pessoa normal, expondo sua deficiência. Pelo fato dela possuir um estabelecimento, ele faz um trocadilho a chamando de “pequena empresária”, algo desnecessário, visto que ela esse negócio a 30 anos. Não satisfeito com as “brincadeiras” feitas com Beatriz, ele pergunta se ela quando jovem era namorada, ela toda envergonhada diz que não, não saciado ele pergunta a um senhor cliente do estabelecimento sobre essa questão tão íntima, algo totalmente inadequado.

O próximo entrevistado foi Eraldo, conhecido por Zé Miúdo o qual ele chama de “o mais forte de Itabaianinha”. Pergunta se ele vai tomar uma, Zé Miúdo responde negativamente, então, novamente Danilo, em forma de gozação, pergunta o por que dele não beber, e se tem a ver com o fato dele pensar que “está meio alto”. Mais uma vez fazendo alusão negativa à altura de Eraldo.

O quinto entrevistado foi José Francisco, que ele chama de “Baixinho”. Em seguida, ele encontra dona Dedé, ele a coloca em cima de um pequeno muro, para que ela fique próximo a sua estatura, mais uma vez frisando os padrões sociais. Por fim, o último entrevistado é Aderaldo, ele chega em uma pequena moto, Danilo com seu humor sarcástico pergunta onde ele dá corda na moto, Aderaldo responde que a moto possui um motor. Em seguida, pergunta se nos Carretéis tem muitos baixinhos, ele responde que não, que já teve décadas atrás, mas que hoje não é tanto quanto a mídia fala. Danilo termina a

reportagem pedindo uma carona a Aderaldo, e para não perder o costume, diz “fique tranquilo porque aqui atrás é menor do que você”, referindo-se ao seu órgão genital.

Todas as perguntas foram referentes à relacionamento. Em meio a tantos assuntos interessantes, Danilo e sua equipe saiu de São Paulo para perguntar aos anões de Itabaianinha coisas relacionadas a sexo, quando na verdade para se fazer humor não é necessário humilhar nem muito adentrar em assuntos privados.

No ano de 2013 o programa Globo Repórter, da emissora Rede Globo, realizou uma reportagem que teve como título: “Altos e baixos”. Na ocasião, foi abordada como era a vida das pessoas mais altas e mais baixas do Brasil, foi então que a repórter Maria Manso veio para Itabaianinha, conhecer a cidade dos anões. Antes de mencionar Itabaianinha, é citada a cidade de Curitiba, lugar onde existe os homens e mulheres mais altos do Brasil, entretanto, é nessa cidade também que mora o menor casal do mundo segundo o livro dos recordes, a artesã Claudia da Silva, medindo 92,5 centímetros e o Web designer e ator Douglas da Silva, medindo 89,5 centímetros, casados a 10 anos.

Já em Itabaianinha, a reportagem aborda outro casamento entre anões, evento que ficou marcado na história e parou a cidade, foi à união e o amor entre a professora Maria da Hora, medindo 1 metro e 21 centímetros e o taxista José Antônio, medindo 1 metro e 33 centímetros. Esse casamento quebrou um histórico tabu, pois, até então os anões da cidade só queriam casar com pessoas de estatura normal, além disso, o senhor Toinho era divorciado e ela uma senhora solteira de 48 anos. Além do casal de anões, também falam de dona Luizinha, uma mulher de 53 anos, com 1 metro e 12 de altura que é a menor professora da cidade. Ensina em turmas do infantil, e através do trabalho jornalístico notamos seus desafios em sala de aula e as adaptações para a realização do exercício da profissão.

Porém, o foco principal da visita da equipe do Globo Repórter é a questão hormonal, ou seja, como a aplicação de hormônios juntamente com o controle de natalidade está sendo fundamental para a diminuição de pessoas com deficiência do nanismo na cidade de Itabaianinha. “São pequenos adultos, que sofrem de uma única doença, a baixa produção de hormônio do crescimento. Dessa forma, crianças tratadas com o hormônio do crescimento conseguem desenvolver-se como qualquer outra pessoa.”

Esse é o caso dos irmãos Gilvan de Jesus e Gilvaneide de Jesus Melo, além das jovens Maria Conceição e Valéria Santos da Fonseca, todos passaram pelo tratamento hormonal e conseguiram alcançar uma maior estatura. O trabalho realizado com hormônio se iniciou em 2005 e em 2013, ano que ocorreu a reportagem, existiam 15 crianças e adolescentes fazendo o tratamento, esse grupo nunca aumentou, pois, não estava nascendo mais anões na cidade. Hoje em 2019 esse número caiu drasticamente, onde segundo doutor Manoel Hermínio, apenas uma pessoa faz o tratamento.

Devido a triagem genética feita pela doutora Anita Hermínia, foi revelado o grau de parentesco na comunidade, fazendo com que os casais passassem a tomar cuidado na hora de planejar filhos. De acordo com a reportagem, essa pesquisa realizada pelo doutor Manoel Hermínio e doutora Anita Hermínia foi de extrema importância, pois antes dela, a comunidade anã não se relacionava entre si, existia-se receio em frequentar locais que se encontravam pessoas com a deficiência, tinham vergonha de si mesmos e não se relacionavam como iguais. Segundo Manoel Hermínio: “A ciência não só furando, pesquisando, colhendo material, mas a ciência aproximando as pessoas e fazendo com que nasça daí sentimentos de união, fraternidade e amor”.

A reportagem feita pelo *Globo Repórter* não foi especificamente sobre Itabaianinha, entretanto, quando se dirigiu ao nanismo existente na cidade, a matéria foi de extrema felicidade ao abordar o assunto sobre as vacinas hormonais, este que gera um enorme debate entre a população geral e principalmente entre a comunidade anã.

No dia 02/04/2014 ocorreu talvez uma das matérias de maior conhecimento por parte do público a respeito do nanismo em Itabaianinha. Nesta data, o programa da Rede Record ‘Domingo Show’ transmitiu em rede nacional uma matéria que tinha como foco principal conhecer a menor mulher do Sertão. Essa missão ficou a cargo do apresentador e jornalista Geraldo Luís e do anão Marquinhos. Ele apresentou dados e causas que levaram a cidade a ser conhecida por ter um alto número de nanismo: “Segundo a pesquisa, Itabaianinha é a cidade com maior número de anões por metro quadrado mundialmente. A causa disso é a relação entre parentesco, casamento entre primos e primas, gera anão”.

É importante ressaltar a importância do jornalista, pois além de contar para seu público um pouco da história de cada um dos anões que encontra durante sua visita à cidade, aborda uma questão muito importante que é o preconceito existente sobre essa comunidade, segundo Geraldo Luís “quando eu peguei o Marquinhos a gente mostrou para

o Brasil que discriminação é coisa de idiota e que não tem que são pessoas muito capazes, aqui cada um tem sua profissão”, além disso, a cidade só é conhecida por conta dos pequenos habitantes.

Finalmente a reportagem chega ao seu ponto principal, que é mostrar para o Brasil a menor mulher do Sertão. Após sair da cidade, Geraldo e sua equipe se dirigiu ao povoado Carretéis, comunidade conhecida pela alta incidência do nanismo, porém, com o passar dos anos muitos abandonaram a zona rural por falta de emprego e migraram para a zona urbana ou outras cidades, restando apenas 4 ou 5 anões. É nesse povoado que mora dona Maria, conhecida por todos como Maria das Piabas, ela tem 63 anos e mede cerca de 90 centímetros.

Geraldo encantado com a simpatia de Maria, pergunta se ela sabe com quantos anos vai morrer, ela diz que não, só Deus sabe. Ele diz que acha que ela vai morrer com 110 anos, ela responde com um amém e com risos. Seu maior sonho é sua saúde e uma vida boa que segundo ela, já tem. A reportagem termina com um abraço entre Geraldo Luís e ela, seguido de um “Tchau Brasil” de Dona Maria.

Essa matéria retrata os anões da melhor forma, mostrando como eles realmente são, pessoas humildes e trabalhadoras que não se escondem atrás de sua deficiência. A reportagem mostra seu caráter profissional abordando assuntos importantes como a busca pelo fim do preconceito. Além disso, Geraldo Luís ficou marcado por ser o primeiro repórter a entrevistar Maria das Piabas, a menor mulher do sertão, até então somente pessoas que fizeram documentários haviam conseguido tal feito. Por fim, é importante ressaltar, que foi a partir dessa reportagem que possibilitou o reencontro entre dois irmãos, a anã Aninha e o senhor José.

Pouco mais de um mês após a primeira reportagem, Geraldo Luís retornou à cidade de Itabaianinha, foi no dia 18/05/2014. “Emoção e surpresa: anã de Itabaianinha revê irmão sumido a mais de 30 anos”, essa era a manchete de destaque do programa. Foi promovido o encontro entre a anã Ana Maria Eugênia (Aninha) com o seu irmão José Cardoso dos Santos (seu Sergipe das goiabas) o qual ela não via a 31 anos e não se falavam a 15 anos.

José mora em Ibirá, cidade do interior de São Paulo há mais ou menos 450 quilômetros da capital, não tendo condições financeiras para regressar a sua cidade natal,

Itabaianinha. Na reportagem anterior, Geraldo antes de conhecer Maria das Piabas, encontrou dona Aninha. Geraldo lhe perguntou se ela tinha algum sonho, se é realizada e feliz, ela responde que não, que ainda lhe faltava rever o irmão. É nesse momento que ela faz um apelo, “Eu queria falar com você José, pelo amor de Deus eu quero saber se você tá vivo ou morto”. Um mês depois, eis que Geraldo encontra o senhor José, irmão da Aninha com o intuito de promover o encontro entre os dois.

Finalmente, após uma longa espera, aparece seu José fantasiado de carteiro, Aninha não o reconhece e após José se revelar, acontece o tão esperado abraço entre os dois irmãos, abraço esse que demorou mais de 30 anos. Ao final, dona Aninha ergue os braços ao céu, agradecendo a Deus pela oportunidade de encontrar seu irmão vivo. “To feliz, feliz, feliz, feliz”, essas foram as palavras encontradas por ela para descrever seus sentimentos.

Após essa visita, o ‘Domingo Show’ realizou mais duas reportagens em Itabaianinha, ambas com Maria das Piabas. A primeira foi em 2016 quando Geraldo retornou à casa dela para fazer um convite, que era leva-la para a cidade de Estância para que ela e seus familiares pudessem conhecer o mar. Porém, o convite foi prontamente recusado por Maria e seus irmãos, que segundo eles, não tinham coragem de ver o mar. São pessoas humildes, acostumados a viver em seu cantinho, sem contato com o mundo a fora. Ao serem questionadas por Geraldo do porque não ir, Luzia (irmã de Maria) responde “não é por ruindade não, nós somos velhinhas, fracas, com o coração fraco e não gosta de sair de casa é medrosa, entendeu?”.

Geraldo entende que eles vivem em seu mundo e são felizes dessa maneira, o estranho os assustam. Porém, ele fez outra proposta para Maria, prometeu leva-la ao dentista para colocar uma prótese dentária, mais uma vez recusada por ela, que diz que só vai depois que comer todo o milho que plantou. Geraldo pergunta o que elas querem que ele dê, Maria responde que deseja que ele tenha uma vida boa, uma boa viagem de volta e pronto, não precisa de presente. Além disso, promete para ele que da próxima vez que viesse ela já estaria de dentadura, seria uma surpresa para ele. A reportagem termina com Maria cantando, foi sua despedida, não só ao programa, mas também a todos, pois um ano depois ela faleceu sem conseguir cumprir a promessa que havia feito a Geraldo Luís.

A segunda visita de Geraldo foi logo após a morte de Maria, onde ele foi em sua residência levar um presente para suas irmãs. As duas, Luzia e Helena os recebem muito

emocionadas e lhe contou como ocorreu a morte de Maria. Ao final, Geraldo entrega um retrato dele juntamente com o anão Marquinhos, esse foi um pedido de Maria das Piabas.

O cordel é uma das diversas maneiras utilizadas para registrar acontecimentos de época e as memórias das pessoas. Através deles podemos viajar no tempo de maneira mais que especial, a partir de rimas. Segundo Mark Curran:

O cordel, mais uma vez, é caracterizado como um meio híbrido: popular em termos de produção, disseminação e consumo, enquanto conservadoramente folclórico no pensar de seus poetas *tradicionais* e do público. Além disso, seus poemas de acontecimentos são realmente memória, documento e registro de cem anos de história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época (CURRAN, 2001, p19).

É exatamente isso que o poeta e cordelista Luiz Cardoso de Andrade fez, em 2006 ele escreveu um cordel contado a história de Itabaianinha, suas raízes, limites territoriais, emancipação política, base econômica, pessoas ilustres, entre outros. O título de sua obra foi “Itabaianinha cidade dos anões”, apesar do título, nada se fala sobre os pequenos habitantes de Itabaianinha, entretanto, é importante destacar o título escolhido pelo autor, mostrando a importância dos anões e a associação deles ao nome da cidade. Segue abaixo uma das estrofes de seu cordel.

O professor Juraci
Mostrou bem suas ações
Com sua história bem feita
Apresentamos as razões
Igual como se exige
Nos explicou a origem
Da cidade dos anões.

No ano de 2008, Anderson de Jesus Silveira de 37 anos, professor formado em biologia e em direito, teve a brilhante ideia de escrever e dirigir filmes na cidade de Itabaianinha. Dentro desses filmes ele decidiu inserir alguns anões, ao todo foram três longas metragens.

O primeiro filme foi “No Rastro do Tráfico” que teve sua estreia em 2008 e tinha como principal objetivo conscientizar as pessoas, pois, segundo Anderson Silveira “muitos amigos estavam se perdendo para as drogas”, então foi uma forma que ele utilizou para debater o tema com a sociedade. Em 2009, foi lançado o filme “Na Rota do Crime” onde

ele abordou a mesma temática do filme anterior. O filme contou com a participação de quatro anões sendo eles: Aderaldo, Juarez Joaldo e José Raimundo (Totó); os três primeiros encenaram como traficantes, e aparecem no filme comprando drogas ao vilão conhecido por “Zidane” e Totó, por sua vez, encenou um dos capangas de “Zidane”. Todos possuíram pequeno destaque, aparecendo no máximo em duas cenas.

Já em 2010, com o filme “O Jogo”, foi colocado um anão como antagonista, ou seja, o vilão do filme. Na ocasião, quem fez a encenação foi Totó, com o papel de Marcos, um empresário que tinha como robe caçar pessoas consideradas “João Ninguém”, em busca de prazer. No jogo, os participantes recebiam uma mochila com dinheiro, além de 20 minutos de vantagem, antes que começasse a perseguição. Para que o participante vencesse, ele precisaria chegar a um determinado local antes que fosse morto. Segundo Silveira: “O filme busca abordar uma temática a respeito da desumanidade das pessoas em relação ao próximo, algo que acontece simplesmente porque enxergam essas pessoas como algo que não é importante ou que não tem nada a oferecer”.

Além de Totó, quem também participou do filme foi o anão Juarez, que encenou o primo de Marcos (Totó). Na ocasião Juarez só apareceu no final do filme, durante a última “caçada”. O principal objetivo dos filmes era proporcionar uma maior visibilidade a cidade de Itabaianinha, onde as pessoas poderiam conhecê-la através do cinema. Além disso, Silveira queria um ator que representasse o filme e ao mesmo tempo elevasse a importância da comunidade dos anões de Itabaianinha. Segundo ele:

Analisei e cheguei à conclusão de que para chamar a atenção do telespectador precisaria de um anão que tivesse uma boa desenvoltura, que soubesse interpretar, e que representasse a todos os outros anões em um personagem, foi quando escolhi Totó que já tinha participado do filme anterior. A forma dele se expressar fez com que se transformasse em um personagem ideal para o filme.

Ao ser perguntado a respeito da importância dos anões e se os considera patrimônio da cidade, ele diz:

Tem um trecho de um filme que fala o seguinte, ‘quando você passa muito tempo em um lugar, você passa a ser o lugar’, então se eu de Itabaianinha eu tenho que analisar que tipo de lugar é Itabaianinha, que tipo de pessoas existem em Itabaianinha e o que é que diferencia o nosso município em relação aos demais, o que temos de diferencial, o que pode chamar de patrimônio. O patrimônio, muitas vezes, hoje é considerado só o patrimônio material, não é considerado o intelectual, não é considerado

o cultural, não é considerado o patrimônio humano, mas sempre o material em primeiro lugar. Em nosso município, nós temos muitos patrimônios materiais como a laranja e o barro, mas também precisamos analisar questões culturais, questões mais humanitárias, os anões daqui é um patrimônio. Por que? Porque só tem aqui! Se eles são especificidade do município daqui esse patrimônio só existe aqui, então por que não reconhecer oficialmente e legalmente como patrimônio do município?!

Por fim, perguntei a ele o porquê da escolha de colocar um anão como vilão do filme, ele respondeu que: “O que mais chama atenção em um filme é o protagonista, ou seja, o mocinho, porém, hoje em dia se for analisar a sétima arte, o que mais está chamando atenção hoje dos cineastas é o vilão”. Ou seja, ao analisar os papéis, ele buscou colocar no filme um antagonista que roubasse a cena e se tornasse protagonista.

O site “Fama Ao Minuto” publicou uma matéria a respeito dos antagonistas de novelas que possuíram grande destaque com os telespectadores. Foi o caso de Félix (Mateus Solano) na novela “Amor à Vida”, Nazaré (Renata Sorrah) em “Senhora do Destino”, Josiane (Ágatha Moreira) em “A Dona do Pedaço” e Dalila (Alice Wegmann) em “Órfãos da Terra”.

Segundo Mateus Solano “os vilões também representam os desejos mais profundos, as maldades que as pessoas não podem fazer na vida real, mas que adoram se deliciar vendo um personagem fazer na ficção”. Já Alice diz que “são os malvados que levam conflito para as tramas, e que as histórias não teriam a mesma graça sem eles”.

Dessa forma, quando as emissoras vieram fazer as entrevistas não procuraram o mocinho e sim o vilão, talvez se colocasse Totó como protagonista, poderia não ter a mesma repercussão da época. O filme foi muito bem visto pelos críticos da arte, inclusive tendo grande destaque nas mídias, onde diretor e atores foram convidados a conceder entrevistas a diferentes meios de comunicação como a revista eletrônica “Terra Serigy”, além de reportagens ao “Jornal Cinform”, “Tevê Aperipê”, “Tevê Atalaia” e “Jornal da Cidade”. Para a “Tevê Atalaia”, por exemplo, quem concedeu entrevista foi o ator Totó, ele fala sobre seus personagens nos filmes “Na Rota do Crime” (2009) e “O Jogo” (2010). Quem teve a honra de entrevista-lo foi à repórter Renata Alves.

Concluindo esse capítulo, pode-se observar que os dois documentários, o do italiano Marco Sanvoisin, que trouxe uma visão estrangeira a respeito dos anões e o da “Tevê Cultura”, buscaram mostrar o cotidiano dos pequenos habitantes, suas lutas diárias,

conquistas, relações afetivas, entre outras coisas. Assemelham-se muito a um trabalho antropológico, onde foram a campo buscar informações e tiveram contato com eles, de maneira a mostrar suas casas, empregos etc.

Os programas de caráter jornalístico, ou seja, ‘O Domingo Show’ e o ‘Globo Repórter’, buscaram mostrar ao público assuntos como o preconceito e as vacinas hormonais. Por sua vez, os programas humorísticos ‘Pânico na Tevê’ e ‘Custe o Que Custar (CQC)’ expuseram para seus telespectadores os anões de forma ridicularizante, fazendo piadas e colocando em evidência sua deficiência, ambos os programas foram insaciáveis na transmissão de humor negro. O humor deixou de ser uma crítica social e passou a ser uma forma de entretenimento e diversão. A vida de fato deve ser celebrada e vivida de maneira a se buscar a felicidade a todo o tempo, entretanto, jamais pode haver felicidade quando se leva tristeza ao outro.

Desta forma, podemos dividir a construção da identidade do nanismo associado a cidade de Itabaianinha em dois grupos. O primeiro seria a desvalorização dos anões e conseqüentemente da cidade, os transformando em piada, a fim de proporcionar humor aos seus telespectadores. E o segundo é justamente o oposto, ou seja, a valorização dos anões e a importância destes para divulgação da cidade nacional e mundialmente.

III

NANISMO EM ITABAIANINHA E O REGISTRO DA MEMÓRIA

Em média 1 em cada 10 mil pessoas nascem com nanismo, a identificação de uma criança com esse tipo de doença pode se dar de forma imediata ou gradual. Porém, a maioria dos anões é diagnosticado aos dois anos de idade, uma vez que as crianças nascem sempre com pernas curtas em relação à cabeça e tronco (quando se trata de acondroplasia), além disso, possuem peito pequeno, suas vias respiratórias podem ser perigosamente estreitas, levando a uma respiração rápida, obstruções e distúrbios do sono, estes são sinais que acabam facilitando na identificação.

Segundo a ANAERJ existem mais de 200 tipos de nanismo, o livro *Longe da árvore* cita alguns desses tipos, são eles: displasia espondiloepifisária, que possuem como fenótipos os pés tortos, fenda palatina, olhos muitos separados, boca pequena e peito grande. Já a displasia diastrófica além de possuir os pés tortos e fenda palatina, também possuem o polegar mais curto e com pouca flexibilidade, além de “orelhas de couve-flor”, semelhantes a orelhas de lutadores profissionais, escoliose, cabeça grande e pernas deformadas, é comum que pessoas com esse tipo de nanismo não consigam andar.

Existiu um médico que era considerado por muitos pais e filhos com esse tipo de nanismo como um super-herói, seu nome era Steven Kopits, segundo Solomon: “Foi famoso por desenvolver programas cirúrgicos de longo prazo para seus pacientes, em vez de realizar uma única operação na esperança improvável de corrigir todos os problemas de um paciente, ele fazia uma que prometia colher benefícios no caminho e facilitar as operações subsequentes.” (SOLOMON, 2013, p. 184). Displasia de Kniest, é um outro tipo de nanismo onde segundo Solomon:

Uma mutação aleatória que leva a forma rara de nanismo, caracterizada por falta de colágeno do tipo II, que ocorre nas cartilagens e no gel claro que preenche o globo ocular. Ela causa não só estatura diminuta como também inchaço das articulações, nariz achatado, miopia severa, perda auditiva e distorções de todas as outras áreas do corpo em que as cartilagens desempenham um papel importante. (SOLOMON, 2013, p. 200)

A acondroplasia é o tipo de nanismo de maior conhecimento por parte da população, pessoas com esse tipo de nanismo possuem como principais características as pernas e braços curtos em relação a um tronco de tamanho relativamente comum e cabeça

grande. A acondroplasia é causada por um gene hiperativo, o mesmo que faz com que os ossos das pessoas parem de crescer no fim da adolescência. Uma mutação diferente dessa, causa a hipocondroplasia, uma forma mais branda de nanismo; outra alteração nesse mesmo gene provoca displasia tanatofórica, uma displasia genética fatal.

Como a acondroplasia é dominante, se dois anões acondroplásicos decidirem ter um filho, há 50% de chance de terem uma criança anã, 25% de terem um filho de altura normal, e 25% de terem um filho duplo dominante, que acabam morrendo na primeira infância. Com o avanço da tecnologia, é possível descobrir ainda no pré-natal se a criança é duplo dominante, dando aos pais a opção de interromper a gravidez. Esse tipo de nanismo é muito comum, 1 a cada 20 mil pessoas nascem com acondroplasia, entretanto, apesar de Itabaianinha ser a cidade com maior número de pessoas com nanismo se tratando de proporcionalidade populacional, existe apenas quatro pessoas com acondroplasia.

Muitos pais veem o nanismo como uma limitação, muito por conta da falta de acessibilidade, políticas públicas de inserção na sociedade, mas principalmente, do entendimento de como os outros vão enxergá-los, visto que o mundo é um local não muito acolhedor e preconceituoso. Buscando proteger seus filhos desses tipos de situações, acabam optando em realizar um tratamento conhecido por ‘alongamento ósseo de membros’ o qual tem como finalidade acrescentar alguns centímetros ao paciente com acondroplasia. Segundo relato de Solomon:

O tratamento começa na idade de aceleração do crescimento, geralmente em torno de oito ou nove anos. A criança é sedada e inserem-se parafusos de metal nos ossos da perna abaixo do joelho, a intervalos de cerca de quatro centímetros, de modo que fiquem salientes para fora da perna. Cada perna é então quebrada em cerca de dez lugares. Uma vez que já não há um osso funcional na parte inferior da perna, fixa-se uma braçadeira larga na sua parte externa, presa aos parafusos salientes. Em cerca de um mês, o osso começa a se curar – com efeito os fragmentos se aproximam um dos outros. Quando estão quase conectadas, a braçadeira é ajustada para separá-los de novo e esticar a perna, mantendo as quebras no osso. Isso é repetido em intervalos regulares por cerca de dois anos, com o osso mantido perpetuamente quebrado, esticados o tempo inteiro. Quando a parte inferior das pernas está curada, o processo é repetido nos antebraços, depois na parte superior das pernas, depois nos braços. [...] É possível acrescentar até 35 centímetros de altura numa pessoa, fazendo a diferença entre 1,15 metro e 1,50, que pode ser a diferença entre ser visto como aberração ou ser visto como normal. A cirurgia custa entre 80 mil e 130 mil dólares. (SOLOMON, 2013, p. 195-196)

Existe um grande debate acerca da utilização dessa técnica para o crescimento de pessoas, pois é um tratamento muito doloroso que se repete durante boa parte da infância e adolescência. Aqueles que fazem uso do alongamento tende a elogia-lo, pois, além de credencia-lo alguns centímetros a mais acabam promovendo a autoestima. Por outro lado, há aqueles que defendem que a criança não tem opinião formada sobre o que deseja para o seu corpo, sendo necessário esperar até que chegue a uma idade satisfatória. Outra forma de conseguir uma altura maior é através da aplicação do hormônio de crescimento humano (GH), porém, esse não pode dar altura a quem tem displasia esqueléticas, seu uso foi aprovado para pessoas com nanismo pituitário.

Diferente dos outros tipos de nanismo, o pituitário possui como principal característica a proporcionalidade dos membros superiores e inferiores com relação ao corpo. Há vários tipos de nanismo pituitário, entretanto, será abordado aqui o da Deficiência Isolada do Hormônio (DIGH), característico da cidade de Itabaianinha, município localizado no Estado de Sergipe, Nordeste Brasileiro. Para que as pessoas nasçam com essa deficiência é necessário que ocorra uma mutação no gene o qual acaba implicando na não liberação do hormônio, impedindo dessa forma, que a criança cresça. “De fato, a DIGH corresponde à ausência ou à diminuição do hormônio do crescimento, sendo associado a fenótipos de baixa estatura” (MENEZES; ARAGÃO; RIOS-SANTOS; AGUIAR-OLIVEIRA, 2004, p. 374).

Em Itabaianinha, foi detectado aproximadamente “105 indivíduos ao longo de 8 gerações em uma população total de 32.000, correspondendo a uma prevalência de 1 caso de nanismo para cada 304 habitantes, com idades entre 5 e 84 anos” (SALVATORI et al., 1999 apud ARAUJO, 2014, p. 33). Essa quantidade é a maior descrita até o momento, e a propagação da mutação nesta área “é facilitada pela limitada mobilidade dos indivíduos [limitado deslocamento geográfico] da mesma e pela alta prevalência de casamentos consanguíneos (21,7% de 322 uniões examinadas) ” (SALVATORI et al., 1999 apud ARAUJO, 2014, p. 33).

O tipo de nanismo pituitário é o IB, onde segundo Menezes; Aragão; Rios-Santos; Aguiar-Oliveira (2004, p. 376): “se caracteriza por níveis plasmáticos baixos, porém detectáveis, de GH [hormônio], e uma boa resposta após tratamento exógeno com este, sem aparecimento de anticorpos bloqueadores”. Ou seja, dessa forma, se houver um tratamento à base de hormônio durante a infância, a criança com nanismo poderá se

desenvolver normalmente. “A primeira mutação no gene semelhante aos dos de Itabaianinha foi descrita em 2 primas na Índia” (WAJNRAJ et al., 1996 apud MENEZES; ARAGÃO; RIOS-SANTOS; AGUIAR-OLIVEIRA, 2004, p. 372) “e posteriormente no Paquistão” (em 18 indivíduos, os anões de Sindh) (MAHESHWARI, 1998 apud MENEZES; ARAGÃO; RIOS-SANTOS; AGUIAR-OLIVEIRA, 2004, p. 372), “e em 2 irmãos do Sri Lanka”. (NETCHINE et al., 1998 apud MENEZES; ARAGÃO; RIOS-SANTOS; AGUIAR-OLIVEIRA, 2004, p. 372).

Os indivíduos apresentam características como baixa estatura, porém, com pernas e braços proporcionais ao corpo, que têm em média entre 105 e 135 cm (o que confere aos portadores desse tipo de nanismo adultos, aspecto corporal semelhante ao de uma criança na faixa etária de 7 a 8 anos), “nariz pouco reduzido, redução vertical da face, microcefalia (fáceis de boneca), obesidade central e voz aguda em ambos os sexos” (AGUIAR-OLIVEIRA et al, 1999; Barreto-FILHO et al, 2002; BARRETO et al, 2009; OLIVEIRA et al, 2006; SOUZA et al, 2004; VALENÇA et al, 2012 apud BARRETO, 2013, p. 24). “Apresentam também tamanho reduzido de alguns órgãos corrigidos pela superfície corpórea (tireoide, coração, útero e baço)” (ALCÂNTARA et al., 2006; BARRETO-FILHO et al., 2002; OLIVEIRA et al., 2003; OLIVEIRA et al., 2006; OLIVEIRA et al., 2008 apud SANTOS, 2015, p. 18) “e aumento de outros (pâncreas, rins e fígado)” (OLIVEIRA et al., 2008 apud SANTOS, 2015, p. 18). Por possuírem problemas com pressão e colesterol, isso acaba aumentando o percentual de gordura fazendo com que se tenha maior possibilidade de possuir futuramente algum risco cardiovascular.

Em estudo realizado por Menilson Menezes durante o período entre março de 2004 a fevereiro de 2006, com o título: *Avaliação do climatério nas mulheres com deficiência isolada do hormônio de crescimento em Itabaianinha-se*, ele aborda questões importantes sobre a fertilidade e a menopausa da mulher com DIGH dessa cidade. “O climatério, no ciclo da vida da mulher, constitui-se no período de transição da fase reprodutiva para não reprodutiva, isto é, da maturidade sexual para a senilidade, com consequências sistêmicas e potencialmente patológica” (BOSSEMEYER, 1999 apud MENEZES, 2006, p. 18).

Foram selecionadas 13 pessoas para o estudo que foi realizado no Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe, onde os portadores de nanismo eram atendidos pelos médicos e passavam por uma bateria de exames. Eram indivíduos do gênero feminino que estavam no período do climatério com idade de 40 a 65 anos.

Após praticamente dois anos de estudos, foi concluído que “O climatério de portadora de DIGH não apresentou diferença nos aspectos clínicos e no perfil hormonal, entretanto o perfil metabólico apresentou tendência a disglucemia e a morbidade encontrada foi de caráter benigno como cisto mamário, vaginite, um pequeno mioma uterino e hipertensão leve”. (MENEZES, 2006, p.79). Além disso, as mulheres estudadas com DIGH tinham também o primeiro fluxo menstrual tardio, menor volume uterino, além da redução dos níveis de prolactina (hormônio que estimula a produção de leite pelas glândulas mamárias) e um menor índice de paridade comparando com pessoas de estatura normal da cidade, onde segundo Menezes: “esta paridade pode se dever ao medo da cirurgia cesariana, pouco disponível no passado ou à menor duração da vida reprodutiva” (MENEZES, 2006). A gravidez e parto representam um grande desafio para as mulheres com nanismo pois, a abertura pélvica não é grande o suficiente para permitir que uma criança passe, por isso todos os partos são realizados por cesariana, que requer anestésias, um risco para mães.

Outro estudo realizado a respeito dos anões da cidade de Itabaianinha foi sobre a voz, que juntamente com a estatura são características fundamentais para a autoconfiança social, e ambas são afetadas pela deficiência do hormônio do crescimento. “Esses indivíduos parecem lidar melhor com sua baixa estatura do que com sua voz, pois sua qualidade de vida geral é excelente (Barbosa et al., 2009 apud ANDRADE, 2018, p.12), enquanto sua qualidade de vida relacionada a voz é reduzida (Valença et al., 2012 2009 apud ANDRADE, 2018, p.12).

O timbre alto e agudo é perceptível tanto no homem quanto na mulher e corresponde a mais ou menos a voz de uma criança com a faixa etária entre 8 e 11 anos. Buscando uma melhoria para esse tipo de pessoas foi que Bruna Mateus Rocha de Andrade desenvolveu um estudo que tem como nome: *Efeitos da terapia com exercício de trato vocal semiocluído e treinamento de coral na voz de indivíduos com deficiência isolada e congênita do hormônio do crescimento*. Esse que tem como principal objetivo a melhoria do aspecto vocal através do coral, contando com a ajuda de especialistas como fonoaudiólogo e de um professor de canto. E de um programa de exercícios de função vocal, através da terapia com ETVSO, que nada mais é que fonação de voz em um tubo de silicone submerso por dois a três centímetros de água em uma garrafa de 500 ml (1/3 do

espaço cheio de água), onde a pessoa iria repetir por 5 minutos a vogal u, além de outras palavras.

Em uma avaliação laríngea realizada pela pesquisa, foi concluído que eles apresentam rouquidão/aspereza, soprosidade e tensão com grau leve/moderado. Esses são aspectos importantes que acabam interferindo na qualidade de vida deles. Ao final do estudo foi concluído que:

Na DIGH, a integração do processo artístico à fisiologia vocal pode ampliar a autoconfiança e aceitação social. Pretendemos dar continuidade a esta pesquisa aplicando os mesmos procedimentos de terapia com ETVSO e treinamento de coral em grupo controle comparado ao grupo DIGH. [...] Uma dupla abordagem utilizando terapia vocal com ETVSO e treinamento de coral por 30 dias foi capaz de melhorar parâmetros acústicos da voz de timbre alto e agudo, uma das características fenotípicas mais impressionantes dos indivíduos adultos com DIGH sem uso de terapia de reposição de GH (ANDRADE, 2018, p.42-43)

Foi comprovado através de pesquisas com pessoas portadoras de DIGH, que apesar de possuírem alguns problemas relacionados a saúde, eles conseguem obter uma vida normal, de qualidade e longa. Apesar de alguns estudos apontarem que pessoas com nanismo tendem a ter diminuição do humor, tendência a depressão e desempenho sexual não satisfatório, os anões de Itabaianinha mostram que eles são a exceção à regra.

Em 2007 foi realizada uma pesquisa intitulada *Qualidade de vida da deficiência isolada e genética do hormônio de crescimento (GH). Efeitos da terapia de reposição com GH*, esta foi feita por José Antônio Rodrigues Barbosa e tinha como objetivo avaliar a qualidade de vida, a influência do sexo na qualidade de vida e a influência do tratamento com hormônio na qualidade de vida das pessoas com DIGH.

Para isso, foi entrevistado um grupo de pessoas com nanismo e outro de indivíduos com estatura normal, todos de Itabaianinha com estado civil, escolaridade, renda e profissão semelhantes. Além disso, o grupo com a deficiência do nanismo passou por um tratamento à base de hormônio durante seis meses. Ao final, foi concluído que eles possuem qualidade de vida normal, trabalham ativamente, são férteis e não possuem dificuldade para relacionamentos sociais ou afetivos, segundo Barbosa:

A qualidade de vida dos pacientes com DIGH da cidade de Itabaianinha foi semelhante à do grupo controle da mesma cidade e nas mesmas condições de vida. Não há diferença no Escore total de qualidade de vida entre homens e mulheres no grupo com DIGH. A aplicação do hormônio do crescimento não altera o escore total de qualidade de vida dos indivíduos com DIGH. A aplicação do Hormônio do Crescimento melhorou apenas o escore de percepção da satisfação da categoria resistência física. (BARBOSA, 2007, p. 41)

O fenômeno do nanismo em Itabaianinha fez com que este lugar se transformasse em um laboratório natural para pesquisas. Muitos acadêmicos usufruíram desse vasto campo de pesquisa e contribuíram com informações magníficas a respeito da saúde e vida social dos anões de Itabaianinha. Em alguns desses estudos chegaram-se as seguintes conclusões: que os portadores de nanismo apresentam frequência maior de perda auditiva, além de tontura e misofonia. Apesar de possuírem uma vida longa, existe um índice alto com relação a mortalidade feminina, principalmente entre a idade de 4 e 20 anos.

A partir de 20 anos, nenhuma diferença na duração de vida entre indivíduos com IGHD, seus irmãos e a população geral foi encontrada, sugerindo que a IGHD não é um fator de risco para a mortalidade cardiovascular na meia-idade ou idade avançada. No entanto, as mortes precoces ocorreram por doença infecciosa e desidratação, devido a doenças diarreicas, levando à possibilidade de associação dessas mortes a causa imunológicas (Aguiar-Oliveira et al., 2010 apud ARAUJO, 2014, p. 30-31))

Segundo o trabalho de Augusto Cesar, realizado em 2017 existia entre o início do século XXI e final do século XX, cerca de 75 indivíduos com nanismo em uma população de 32.000 pessoas em Itabaianinha. Se antes a proporção era de 1 para cada 304, hoje esse número diminuiu drasticamente. Segundos dados do IBGE do ano de 2013, Itabaianinha possui 40.821 habitantes, caindo assim para 1 a cada 544 pessoas. Provavelmente esse número é ainda maior, visto que de 2013 para 2020 a população aumentou e a quantidade de pessoas com nanismo diminuiu entre 2000 e 2020. Devido ao desaparecimento cada vez maior de pessoas com nanismo, fato este que põe em risco o título de ‘cidade dos anões’ carregado por décadas e que credenciou a cidade maior visibilidade, é que foi desenvolvido este trabalho que tem como finalidade salvaguardar as memórias destas pessoas tão importantes para a construção histórica de Itabaianinha.

Quando se fala em importância para a comunidade anã não se pode deixar de lado Josefa da Fonseca Dantas conhecida por todos como dona Pureza, ela nasceu no dia 03/06/1937 e atualmente tem 82 anos. Com um 1 metro e 15 centímetros de altura, dona Pureza sempre impressionou a todos com tamanha beleza.

Nasceu e se criou no povoado Carretéis, onde morava com seus pais e irmãos. Segundo ela, o povoado era muito atrasado, sem água encanada e energia elétrica, se viravam com candeeiros e água de tanques e rios trazidas nos lombos dos animais ou até mesmo em baldes na cabeça das donas de casa. Apesar de ser uma região muito simples, e como ela mesmo diz ‘parada no tempo’, as pessoas que ali moravam possuíam seus momentos de divertimento, sejam eles, ouvindo música no rádio a pilha, tocando sanfona, cavaquinho, violão, dançando e até mesmo fazendo encenações teatrais, inventava-se folia de Reis, samba de roda, porém, sua principal recordação é dos bailes ao sábado, onde reunia pessoas do próprio povoado e das comunidades vizinhas.

Nos Carretéis, enquanto criança ela não trabalhava de fato, porém, as vezes ajudava os pais olhando a plantação para que os pássaros não comessem os milhos, caçava lenha na roça e lavava roupa nos tanques. Entretanto, ao completar 13 anos sua mãe faleceu após o nascimento de uma de suas irmãs, e aos 18 anos acabou perdendo seu pai. Por ser a mais velha das mulheres, acabou ficando com a responsabilidade de realizar os afazeres domésticos, tarefa essa cansativa por conta de seu tamanho. “O momento mais difícil foi quando fiquei sem pai nem mãe, porque não tinha a quem recorrer, não tinha apoio”.

Após a morte de sua mãe, ela acabou interrompendo os estudos para se dedicar ao lar, estudou apenas até a 2º série, o suficiente para saber ler e escrever. Enquanto estudava aprendeu também sobre corte e costura, habilidade que desempenha até os dias atuais e costura suas próprias roupas.

Sua infância foi sofrida, muito por conta da não aceitação por ter nascido anã. “Chorava muito quando entendi que a minha irmã passou de mim, mais nova do que eu e eu não saia do lugar, não crescia. Minha mãe me aconselhava tanto, dizia que eu era bonita e eu não queria saber só pensava em morrer todos os dias” – diz Pureza. Nunca teve o apoio de seu pai com relação a relacionamento, pois, sempre que alguém falava sobre suas filhas, ele respondia dizendo que tinha duas, mas que uma não iria casar por ser anã, e isso a deixava muito triste.

Quando tinha entre 13 e 15 anos, ela passou a enxergar as coisas de outra maneira, pois, os rapazes passaram a admira-la e ela passou a ter alguns namorados, porém, esses não queriam enfrentar as críticas da sociedade e ela acabava terminando, pois, tinha o desejo de um dia casar. “Muita gente dizia assim, mas você é tão linda malinpregada ser pequena, se fosse grande, eu casava com você. Aquilo já me entristecia”. Dona Pureza possuía um sonho de um dia poder casar e construir uma família, mas como fazer isso, se nunca antes uma mulher de estatura pequena havia casado, tão pouco tido filhos?

Eis que aos 18 anos, em um dia de sábado na feira de Itabaianinha ela conheceu um baiano chamado José Dantas Sobrinho, apelidado de Dezinho. Ele tinha 21 anos e sua estatura era normal, foi amor à primeira vista, “no dia que vi ele, ele também se admirou quando me viu aqui na cidade, a minha irmã já conhecia ele, aí eu disse: ‘ai meu Deus se eu fosse alta eu ia casar com esse homem’”. No outro dia, Dezinho foi até a casa de Pureza com o pretexto de levar uma encomenda para um de seus irmãos, mas no fundo ele estava interessado em outra coisa, segundo Pureza: “Eu acho que ele viu um pé de ir me ver e foi no outro dia, só pode né? [...] parece que teve uma química assim que não apartava não um do outro”. Depois desse dia nunca mais se separaram, eles passaram a se encontrar em bailes, onde segundo ela, as outras mulheres ficavam com ciúmes por ele namorar uma anã, foi a partir daí que se iniciou a luta contra o preconceito de boa parte da sociedade, inclusive de seus familiares.

Na época era comum os homens de estatura pequena casarem com mulheres grandes, porém, o oposto era visto como algo improvável, pois acreditava que a mulher anã não poderia ter filhos, visto que morreria de parto, além disso, não possuía capacidade para cuidar dos afazeres domésticos e do marido. Havia comentários como: “Como é que esse homem é grande e vai casar com uma coisa dessa?” Ou então, “Você é louco é? Não case não, tem que pegar mulher para o futuro”. Isso fazia com que ela se sentisse inferiorizada e pressionada por temer não ser suficiente para fazê-lo feliz, ela também tinha medo dele ser influenciado por conta dos comentários, por ser também alto, bonito e acabar trocando ela por outra. Ele sempre dizia que era atraído por sua beleza, como diz Pureza: “A boniteza que fez ele casar, quando Manoel (tio dele) dizia, você num tem juízo não, aí ele dizia, quem manda ser bonita? ”.

A mulher anã também era vista de forma infantilizada, e muitos achavam um crime o relacionamento entre os dois, alegando que ela não passava de uma criança. A pressão

era tão grande que por medo de ser preso Dezinho precisou falar com o juiz da cidade, o Dr. Raimundo, onde o mesmo alegou que pelo fato dos dois serem maior de idade não haveria nenhum tipo de lei que contestasse ou proibisse a união.

Foi o que eles precisavam para oficializarem a união através do casamento. Um ano após se conhecerem e passarem por tantas críticas por parte da sociedade e de familiares, ele acabou pedindo sua mão em casamento. Os pais dela já eram falecidos e Dezinho pediu o consentimento do seu irmão Mundinho (também anão), que de prontidão foi contra e não aceitou, porém, o desejo de casar era tão grande que Pureza enfrentou seu irmão. “E eu digo eu caso, não tem quem me empate. Eu digo, eu nasci para morrer, num tenho medo de jeito nenhum, não tenho pai nem mãe, não vou ficar nas cozinhas dos outros, eu caso ninguém me empata” – diz Pureza.

Foi então que no dia 25 de janeiro de 1958 ocorreu o primeiro casamento entre uma mulher anã com um homem de estatura normal, melhor dizendo, Josefa da Fonseca Dantas foi a primeira anã na história da cidade de Itabaianinha a casar. O casamento ocorreu na Igreja Nossa Senhora da Conceição e foi celebrado pelo padre Manoel Vieira. As pessoas que moravam nos Carretéis foram a cavalo, juntamente com os noivos, a igreja estava lotada de curiosos que queriam presenciar o fim de um tabu histórico. Era tanta gente que o padre precisou descer do altar para pedir para as pessoas abrirem espaço para que os noivos pudessem passar.

O casamento ocorreu em um dia de sábado e na quinta-feira eles partiram em um trem para o Paraná, onde passaram a trabalhar colhendo algodão, café e hortelã. Por trabalharem em terras arrendadas, onde eles dividiam o que plantavam com os donos da terra, não recebiam salário, para conseguir dinheiro, vendia a parte que lhe sobrava do plantio em feiras locais. Apesar de não se adaptar ao clima frio, seguidos de tempestades, enchentes e com a culinária diferente da que era habituada, morou lá durante 4 anos, sua fonte motivacional era o amor, segundo ela: “Morava por causa do meu marido, eu gostava muito daquele homem senão tinha me separado”. Foi lá que ela conheceu um médico que lhe falou a respeito de dosagens hormonais que poderiam fazê-la a crescer, entretanto, era necessário o uso de uma dose diária e cada ampola custava na época 250 cruzeiros ou contos, valor incompatível com a renda que possuíam. O motivo de seu marido ser de família pobre foi também relevante para a não aceitação por parte de sua família, que era

de classe média-alta. Após a volta do casal para a cidade de Itabaianinha eles não buscaram ter tanta aproximação com os familiares, pois, eram humilhados por serem pobres.

Dona Pureza teve dois filhos, um foi abortado, como ela mesmo disse ‘foi puxado a ferro’, não por sua escolha e sim por ter perdido. Meses depois ela ficou grávida novamente, a gravidez foi tranquila e com 8 meses ela foi ao hospital passar o último mês em observação por recomendação médica. As mulheres com nanismo não podem passar por um parto normal, sendo obrigadas a passarem por uma cesariana. Por não possuir instalações adequadas para esse tipo de cirurgia na cidade, o parto precisou ser feito na cidade de Estância. Durante o parto, ela passou por complicações, vomitando durante toda a cirurgia, o que lhe rendeu mais 11 dias no hospital. Sua filha Sônia nasceu bem e saudável e hoje tem 52 anos, além dela, o casal teve mais um filho com nome de Samuel, só que adotivo.

Atualmente, dona Pureza é viúva, próximo de completar 50 anos de casados José faleceu, porém ela se diz realizada, pois conseguiu realizar quase todos os seus sonhos, casando e tendo filhos, restando apenas o de crescer. “Eu queria ter uma família, eu dizia, meu Deus já não me deu o prazer de crescer, agora ficar sem casar, quando eu casei eu dizia, Jesus se não me deu o prazer de crescer, faça com que eu tenha uma filha ou um filho, que eu quero ter um filho, nem que eu sofra”. Sua coragem e determinação fez com que enfrentasse junto ao seu marido toda a sociedade que destilava preconceito e repúdio pela união do casal, toda essa coragem foi de suma importância, pois, a partir dela, as outras mulheres com nanismo passaram a vê-la como inspiração e passaram a colocar seus sentimentos a frente dos olhares reprovadores da população, e a partir do casamento entre Purezinha e Dezinho é que ocorreu várias outras uniões envolvendo mulheres da comunidade anã.

Pureza foi a pioneira no quesito casamento e parto entre as mulheres da comunidade anã, através dela várias outras mulheres passaram a se relacionar e ter filhos, uma dessa foi dona Ana Maria de Jesus, apelidada de Aninha. Ela nasceu no dia 23/06/1928, ou seja, tem 91 anos e é atualmente a anã mais velha da cidade de Itabaianinha.

Aninha casou aos 33 anos com o senhor Benedito dos Santos, que faleceu a mais ou menos 3 anos atrás. Seu Benedito era de tamanho normal, e ao contrário do que ocorreu com dona Pureza, Aninha e seu marido não sofreram pressão por parte da sociedade, que já

havia se habituado com a situação tendo o exemplo do casório passado. Divergindo com a informação passada por Marco Sanvoisin, o qual havia dito que os familiares de ambas as famílias não haviam apoiado o casamento por conta da estatura da noiva e da cor negra do noivo, Aninha alega que ambas as famílias ficaram felizes com a união dos dois. A única pessoa que não queria que Aninha casasse era sua mãe, que temia que a filha sofresse, mas após a morte dela, Aninha casou com o consentimento de seu pai. “Eu vi ele na Pedrinha, depois vi ele num baile, num sei onde foi, pegamo a se conhecer, foi se gostando um do outro. Ele pediu a pai para casar e meu pai disse, ela não quer, apois eu quero também” – diz Aninha.

O casamento ocorreu no povoado Olhos D’Água da Bica, e foi celebrado pelo padre Arnaldo. Dessa união surgiu dois frutos, um morreu após o parto e o outro é dona Raimunda que atualmente possui 53 anos e é de estatura normal. Os dois nasceram na cidade de Estância e de parto cesáreo reafirmando o que já havia dito antes a respeito dos partos de mulheres com nanismo.

Dona Aninha tem 1 metro e 15 centímetros e conta com orgulho que a sua altura nunca a impediu de trabalhar e de se divertir. Passou sua infância no povoado Carretéis, foi lá que começou a trabalhar ainda quando criança, trabalhou na lavoura plantando cana-de-açúcar, capim, milho, feijão, arroz, as vezes recebia pelo serviço, já em outros momentos ajudava o pai e irmãos no plantio sem remuneração. Além da roça, trabalhou também fazendo corda de pindoba, ofício ensinado por suas irmãs mais velhas. Por conta do trabalho não frequentou a escola, aprendendo a escrever através da ajuda de colegas que iam em sua residência ensina-la.

No povoado Carretéis nem tudo era trabalho, Aninha também se divertia em seu tempo livre, gostava muito de ir aos bailes aos sábados dançar forró. Segundo ela: “Dançava muito, é bom dançar, dançava mais todo mundo, mas grande demais não que se enrolava né (risos)”. Entretanto, nem todos os bailes ela poderia frequentar, tendo em vista que sua mãe estava sempre de olho e não deixava ela frequentar locais distantes de sua residência, além dos bailes, ela também cita os Reisados como forma de divertimento da época.

Já adulta, ela deixa o povoado Carretéis e juntamente com seus pais e irmãos vão morar no povoado Tabuleiro. Após o casamento com Benedito foi morar no povoado Jacaré e a 37 anos mora na cidade de Itabaianinha. Já aposentados, Aninha e seu marido

ainda continuavam a trabalhar, vendiam nas feiras de Itabaianinha e Umbaúba chapéus e cordas fabricadas por eles mesmos. Atualmente, dona Aninha se encontra doente da vista e audição, sua idade avançada lhe impede que saia de casa, sem a companhia de Benedito, ela distrai-se com visitas de parentes e amigos.

Outra que seguiu os passos de Pureza foi a senhora Maria Juvência de Melo, conhecida popularmente por Mariinha. Ela tem 70 anos e nasceu no dia 20 de novembro 1949. Mariinha tem 1 metro e 20 centímetros de altura, nasceu na Fazenda da Bica, lugar onde seu pai trabalhava cortando lenha para alimentar o trem.

Segundo ela, a vida na Bica era boa, era uma comunidade composta pelos trabalhadores da fazenda, tinha escola, igreja, campo de futebol e era localizada próximo à estação de trem. Aos 7 anos aprendeu a costurar e bordar. Sua irmã Alice (também anã) era a costureira da comunidade, trabalhava costurando em máquina a mão, apesar da insistência de Mariinha, Alice não ensinava o ofício a ela, dizia que se aprendia olhando. E foi assim que Mariinha aprendeu, a princípio fazia apenas roupas para suas bonecas até que a esposa do capataz da Bica chamada Terezinha lhe deu uma máquina velha de costura, além de panos comprados em Aracaju na casa Lima, com a intenção de que ela fizesse as roupas dos seus inúmeros filhos. Após a fabricação das roupas, seu trabalho foi aprovado e aos 11 anos Mariinha já contava com uma máquina de pé e costurava juntamente com sua irmã ganhando dinheiro.

Ela não teve em seu seio familiar a figura materna, segundo ela, sua mãe morreu durante seu parto. Na época eles moravam na zona rural onde não existia médicos, dessa forma, os partos eram realizados por parteiras. Após o parto, sua mãe não conseguiu colocar para fora os restos placentários e uma semana depois veio a óbito. Mariinha não tinha uma noção de como foi sua mãe e cobrava de seu pai por não ter nenhuma fotografia dela. Essa angustia, seguida de cobranças diárias a seu pai durou até seus 15 anos, quando enfim, ela conheceu sua mãe. Segue abaixo o relato de Mariinha sobre o encontro:

Me deu um sono rápido, quando defé eu me acordei, percebi que tinha gente em casa, só que tava todos dormindo, aí ela abriu a porta e ficou me olhando. Fiquei confusa se tava sonhando ou acordada, depois percebi que tava acordada. Minha cama era assim de canto e a porta ficava pro lado aí eu vi abrir a porta eu olhei, era uma mulher, uma mulher que eu não conhecia, ela veio com o cabelo grande e botou o cabelo assim e ficou me olhando assim, eu já acordada e vendo essa mulher, ela chegou bem perto de mim, eu não tive medo. Aí ela era branca, magra, bem alta,

ai eu meu Deus do céu quem é essa mulher? Ela aqui em pé e eu deitada olhando ela, meu Jesus quem é essa mulher? Aí ela foi fastando, entrou pra dentro de casa, sabe e saiu como que tava arrastando um chinelo, aí eu disse assim, meu Deus do céu parece a minha mãe. Ela saiu olhando pra mim, não me deu as costas. No mesmo dia ela apareceu para o meu pai e disse que eu não ia mais cobrar mais nada a ele, que eu ia conhecer quem era a sua mãe. E desse dia pra cá eu nem cobre mais a meu pai, nem ela apareceu mais.

Após a mudança de combustível dos trens, que deixaram de ser alimentados por lenha e passaram a se movimentar a partir de óleo diesel, seu pai juntamente com os outros funcionários deixaram a Fazenda da Bica e foram morar na cidade, onde passaram a trabalhar na ferrovia. Em seguida, foram morar no povoado Pau Lavrado, foi lá onde ela conheceu Erisvaldo de Araújo, o qual namorou durante 10 anos, ele foi o único homem que ela namorou e aos 23 anos na década de 60, eles casaram sob a benção do padre Arnaldo, a cerimônia foi simples e foi aceita pela sociedade. Os únicos a discordarem com a união foi o pai e o irmão de Mariinha que temiam uma futura separação por conta da diferença de tamanho entre os dois, tendo em vista que o noivo era de estatura normal, porém, com o tempo os dois acabaram aceitando.

No entanto, já faz 20 anos que eles se separaram, após 28 anos de casamento, o amor entre Mariinha e Erisvaldo chegou ao fim e os dois acabaram se divorciando. Mariinha fala sobre a importância de Pureza para seu relacionamento com seu ex-marido.

Quem casou primeiro foi Pureza e depois uma irmã minha, Alice (já falecida) ela era a primeira filha de meu pai e eu a última. Ela teria mais ou menos 90 anos, tem 20 anos que faleceu. Era casada e separada com homem de estatura normal, teve uma filha que morreu depois que nasceu no hospital. Se não fosse Pureza eu não sei se casava, penso que não, mas se hoje eu fosse moça não casava mais não, me arrependi [...] fui feliz, mas foi uma confusão danada, na hora do divórcio.

Após o casamento ela foi morar em um sítio no povoado Santa Rita, lá trabalhava como lavradora, plantava e colhia limão, laranja, fava e feijão. Os dois primeiros eram para comércio, vendia nas feiras, já os outros era para subsistência. Após o fim do relacionamento, o sítio foi vendido em 2002 e desde então ela mora na cidade. Em seu novo lar, ela resgatou seu ofício antigo e passou a trabalhar costurando e bordando. Estudou apenas até a 3^o série, o suficiente para aprender a ler e a escrever.

Em 2014 durante uma festa de São João realizada em um dos clubes da cidade, Mariinha passou mal e saiu da festa sentindo dores no peito. No dia seguinte, ela foi ao hospital e foi diagnosticada com princípio de infarto. Foi necessário a realização de cateterismo, cirurgia que ela teve que fazer novamente em 2017 logo após o falecimento de seu ex-marido. Após essa segunda cirurgia ela passou a frequentar todo mês o Hospital Universitário para fazer acompanhamento e exames. Ao longo dos seus 70 anos ela nunca teve filho biológico, porém, isso não a impediu de adotar uma criança. Ela possui grande talento com artesanato, pinta belíssimos quadros e faz artes com flores e telha de barro.

Outro anão bastante conhecido na cidade e que participou de uma “quase” quebra de tabu foi Juarez da Cruz, nascido em 18 de fevereiro de 1962 tem atualmente 57 anos. Passou sua infância no povoado Patú, região próxima ao povoado Carretéis, deixou a zona rural aos 12 anos e foi morar na cidade, local onde mora a mais de 50 anos. Ele tem 1 metro e 29 centímetros de altura, segundo ele, estudou apenas até a 1º série ainda no povoado Patú, deixando os estudos para trabalhar em olaria ajudando na fabricação de telhas. Segundo ele:

Aí comecei a lançar teia, cinzando banca aí não me interessei, era uma alegria braba quando pegava o dinheirinho aí fui esquecendo o estudo e acabou. Comecei com 8 anos, na olaria cinzando banca. Ai eu num cresci foi ficando mais ainda mais com juízo, aprendi lançar teia e pronto, aí o cara foi me ensinando, aprendendo a pegar no casco, o cara me dava o casco eu sem poder quase com a teia, aí eu fui aprendendo, aprendendo e pronto.

Já na cidade e com uma idade mais avançada, ele trabalhou em cerâmicas na função de operador e em 1998 foi se aventurar trabalhando em um restaurante como recepcionista na cidade de Salvador, permanecendo por dois anos. Em seguida, retornou para Itabaianinha e voltou a trabalhar na cerâmica, se aposentando em 2013. A respeito das oportunidades de emprego na cidade, Juarez diz:

Emprego é pra quem tem mais estudo, pra trabalhar num mercadinho, no Gbarbosa, no Prado, eu não tenho estudo pra isso, aí Deus me deu o dom de eu fazer, de ser de cerâmica, aprendi a moiar barro e ganhava bem. Foi alguém que me ensinou, aí o rapaz adoeceu e ele me colocou no lugar. Eu trabalhei umas duas semanas aí o outro moiano e eu aprendendo de cá porque tem que ter a base, que nem cocada, se colocar de mais queima né, tem o ponto. Ai graças a Deus aprendi isso, foi quando eu peguei a vaga e o cara foi lançar bloco. Trabalhei na cerâmica de Zé Teles, com o

pessoal do velho Zé Primo muitos anos, foi 12 anos com Gildete, trabalhei na Santa Helena em Umbaúba 3 anos, tudo moindo barro, porque outro serviço é pesado a gente não pode.

De família humilde, mas trabalhadora, Juarez teve uma infância muito difícil, logo após o nascimento foi abandonado por seu pai, que não quis assumi-lo por ser fruto de um relacionamento proibido. Assim, ele foi criado por sua mãe, que batalhou muito para poder lhe dá o mínimo necessário para a sobrevivência. Juarez não foi bem aceito pela outra família de seu pai, sendo renegado por todos, fingiam que não existia, porém, ele teve o apoio da outra família, dos filhos de sua mãe que o ajudaram, não só financeiramente, mas mentalmente e sobretudo afetivamente.

Aos 32 anos ele conheceu Verônica, uma mulher da cidade de Minas Gerais, que assim como ele também tinha nanismo. Ela tinha o sonho de um dia casar com alguém de seu tamanho e descobriu que Itabaianinha era uma cidade que tinha como principal característica pessoas com nanismo, despertando assim seu interesse e a esperança de encontrar o amor de sua vida. O problema é que Juarez não sabia desse sonho dela, aceitou ir para Minas Gerais para poder conhecê-la melhor e iniciar um romance que futuramente poderia se concretizar em matrimônio. Segue a baixo o relato feito por Juarez a respeito dessa história:

Ai quando eu cheguei lá aí o pai dela já veio pedir logo o documento com dois dias quando eu cheguei lá, aí eu falei, 'Meu documento? Pra que o senhor quer meu documento?' Ai o pai dela disse: 'Pra adiantar o casamento'. Eu digo: 'Não, eu vim pra conhecer ela, ninguém casa assim, sem mais nem menos, sem se conhecer.' Eu fiquei na casa dela, da Verônica, eu e Anilza passamos lá um mês, depois viemos simhora, não deu certo pra gente ficar, não foi preconceito porque eu não tenho preconceito de nada não, mas não deu certo pra gente casar, num casemos. Se tivesse mais tempo pra se conhecer pra ir namorando.

Na verdade, ele foi enganado pela família de Verônica, que queria que eles casassem de imediato. No entanto, o documentário de Marco Sanvoisin conta outra versão dessa história, dizendo que eles chegaram a casar e que Juarez não assumiu com medo da sociedade por ser algo inédito na cidade. Pelo relato de Juarez dá para perceber que eles não chegaram a casar e se tivesse acontecido, ele não seria realizado em Itabaianinha e sim em Minas Gerais, mantendo assim, o tabu de ainda não ter ocorrido o casamento entre dois anos, que só seria quebrado em 2005.

José Antônio Nascimento tem 60 anos, conhecido por todos como Toinho Anão, nasceu e se criou na zona urbana da cidade de Itabaianinha. Sua família é conhecida na cidade por ser a maior família de anões, seus pais tiveram ao todo 21 filhos, desses, 7 eram anões, um dos anões morreu ainda criança e outro já na idade adulta, restando 5 anões, dessa forma, a família de Toinho ficou marcado na história da cidade.

Ele estudou apenas até a 2^o série, o suficiente para saber ler e escrever, entretanto, disse que se arrepende de não ter concluindo os estudos, pois o mercado de trabalho é muito difícil e requer maiores qualificações. Toinho é muito viajado, morou em cidades como Itabuna, Tororo, Sertão, Salvador, Aracaju, trabalhou em postos de gasolina; em uma escola, como servente e no DETRAN. Seu primeiro emprego foi pela prefeitura de Salvador, pois, em Itabaianinha a oportunidade para pessoas com nanismo são escassas. Ao retornar de Salvador trabalhou em Itabaianinha como frentista, taxista e pedreiro.

Ele foi também o presidente da Associação de Anões de Itabaianinha, a associação foi fundada entre 1987-88 através da iniciativa de Zé Negão, irmão do ex-prefeito Renildo Santana, a associação foi uma medida encontrada para conseguir benefícios para os anões. Em seu mandato, Toinho conseguiu como principal feito, um terreno para a construção da sede da associação, entretanto, mesmo após a aprovação do projeto e consequentemente da verba, a prefeitura local nunca realizou a construção da obra. O projeto foi feito na gestão do ex-prefeito Robson Cardoso Hora e foi esquecido pelas demais gestões. Além disso, ele conseguiu transformar a associação em esfera municipal e estadual, arrecadando 10 mil reais anualmente para conseguir benefícios para a comunidade anã. Ademais, cada associado pagava 5 reais por mês, quantia servia para comprar produtos de higiene, custear a manutenção dos aparelhos, comprar alimentação, entre outras coisas.

A associação funciona a partir do sistema presidencialista, para conseguir tal cargo é necessário conseguir a maioria dos votos dos associados. No início o mandato durava 2 anos, passando posteriormente para 4 anos. O mandato de Toinho durou 8 anos, “fiquei 2 anos aí podia repetir mais 2. Ai depois não apareceu ninguém aí fui em Ezequiel que é o chefe de todas as associações e colocou para 4 anos. Ai depois daí não poderia ficar mais”.

Após os 8 anos de mandato, Toinho entregou a presidência no dia 15 de novembro de 2016. Em seguida, ele apoiou a candidatura de Aderaldo, porém, Aderaldo não queria a responsabilidade de ser presidente só aceitando por pressão, após a vitória, ele entregou a presidência para Vaininha, que atualmente mora em Aracaju, e não cumpri com as

obrigações que o cargo demanda. Dessa forma, a associação ficou desprezada, os aparelhos eletrônicos conseguidos na gestão passada queimaram por falta de uso e a mais ou menos 3 anos não ocorre reuniões.

Toinho tem 3 filhos, todos grandes e frutos de seu primeiro casamento, que foi realizado com uma mulher de estatura normal. Atualmente, ele é casado com Maria da Hora, que assim como ele, também tem nanismo. O casamento entre os dois ficou marcado na história da cidade de Itabaianinha por ser o primeiro casamento entre duas pessoas com nanismo.

No âmbito educacional destaca-se Maria da Hora da Cruz Nascimento, ela tem 62 anos e é professora aposentada, nasceu no povoado Paraíso e com um ano de idade foi morar na Fazenda Caborje, cujo o proprietário é Dr. Silveira. Morou lá até os 16 anos e depois foi para a fazenda Trindade do mesmo dono, foi nesta fazenda que ela iniciou sua vida de educadora.

Formada em magistério e em teologia, Maria da Hora começou a trabalhar na área da educação aos 17 anos, antes mesmo de concluir os estudos, ela fazia jornada dupla, estudava e trabalhava. Começou sua carreira trabalhando no projeto MOBREAL, alfabetizando crianças, adolescentes e adultos, trabalhava a partir de contrato com o município. Durante o mandato do ex-prefeito Tenyson Fontes Sousa, ela teve algumas dificuldades, pois ele não a queria como professora por não a considerar capacitada por conta de sua estatura. Para vencer a desconfiança e o preconceito por parte do gestor, ela contou com a ajuda da secretária da educação que a manteve no cargo, onde permaneceu por 5 anos.

Após a mudança do prefeito, com a entrada de Dilson Cavalcanti Batista, foi aberto um concurso para aqueles que trabalhavam a partir de contrato, foi quando ela pode assinar sua carteira pela primeira vez, em 1982. Como trabalhava na zona rural, ela além de trabalhar como professora, também precisava ser diretora, coordenadora, a única função que não desempenhava era a de servente. Por conta de seu tamanho era necessário que falasse alto e isso acabou exigindo muito de sua voz, fazendo com que trouxesse complicações futuras, sendo necessário inclusive a realização de cirurgias. Sobre sua experiência em trabalhar em sala de aula, Maria da Hora diz:

Na época os alunos me respeitavam, trabalhei a noite com religião com jovens e adultos, tive alunos que hoje trabalham em lojas, encontrei um que é advogado, isso para a gente é gratificante. Se foi uma coisa que eu pedir e conseguir foi ser professora, era o meu sonho, era a minha vocação.

Na sua juventude e idade adulta ela passou por muitas dificuldades relacionadas ao preconceito, a ponto de se sentir rejeitada e tendo vergonha de si própria. As pessoas julgam com olhares e palavras desagradáveis, aqueles que são atingidos se sentem inferiores e não pertencentes a tal sociedade. “ A sociedade também tem preconceito, hoje é menos, já melhorou muito, mas ainda existe, mas foi pior. Antes eu tinha receio, hoje eu encaro melhor, para chegar numa sociedade eu tinha receio, eu me recolhia e me sentia como se estivesse embaixo.” Diz – Maria da Hora. Outra crítica feita por ela é com relação aos gestores da cidade que fingem que eles não existem, dando de ombros para seus problemas e limitações.

Conta com orgulho sobre sua conquista, em uma família numerosa com 10 irmãos e pobre, Maria da Hora mesmo com suas limitações físicas foi a única que se formou. Católica fervorosa, foi convidada pelo padre Gildeon a se tornar ministra da paróquia. Perguntada sobre a maior dificuldade em sua vida ela responde:

A maior dificuldade e obstáculo de minha vida foi o emprego, porém era um desejo meu e eu conseguir e enfrentar as adaptações, mas hoje já melhorou muito, o preconceito já melhorou, foi um tabu que Dr. Hermínio acabou, eu não conversava com anão, a gente tinha preconceito e depois com a convivência de Dr. Hermínio, acabou, até meu casamento foi através dele.

Maria da Hora proporcionou um dos maiores feitos na história da cidade de Itabaianinha, seu casamento com o anão Toinho quebrou um tabu histórico na cidade, onde a mais de 200 anos jamais havia ocorrido um casamento entre anões. Eles se conheceram através das reuniões organizadas por Dr. Hermínio, e em uma festa, eles começaram a dançar, ao final ele a levou para casa e no outro dia já começaram a namorar, três meses depois, no ano de 2005 ocorreu o casamento, celebrado por Dom Dulcênio Fontes de Matos na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. O casamento foi uma grande festa, com cerca de 60 padrinhos, além disso, reuniu boa parte da população da cidade, quase não cabendo tantas pessoas na igreja, todos afim de registrar esse momento histórico.

Ao final, ela termina a entrevista com uma frase a respeito de seu tamanho: “Sou feliz como eu sou, os melhores perfumes estão nos pequenos frascos, isso me marcou e não esqueço nunca. Não é o tamanho que vai fazer a qualidade da pessoa e sim a pessoa em si, a inteligência é a mesma”.

Outra professora com nanismo na cidade é Josefa Francisca de Jesus, conhecida por dona Luizinha, nascida 01/04/1955 tem 64 anos e mede 1 metro e 12 centímetros de altura. Sua raiz é no povoado Patú, foi lá que aos 7 anos ela começou a trabalhar na roça e aos 12 começou a estudar, concluiu o ensino fundamental menor, ou seja, a 4º série. Em seguida, passou a ensinar aos alunos da primeira à quarta série na fazenda de Dr. Raimundo, se formando posteriormente no magistério. Ela guarda na memória com carinho o dia 01/08/1975 seu primeiro dia de trabalho.

Em 2005 formou-se em pedagogia, trabalhou 40 anos lecionando, foram 7 anos sob contrato e 33 anos concursada. “Nunca tive dificuldade, sempre superei elas, minha sala de aula era adaptada, o quadro era da minha altura. Na minha época de trabalho não era como a época de hoje não, hoje tem umas turmas que é complicada”.

Conta sobre um ato de preconceito sofrido por ela em uma reunião de professores na cidade de Estância, segundo ela:

Fora da cidade já ocorreu em uma reunião no início do meu trabalho em Estância, quando chegamos lá com uma reunião de mais de 150 professores e na hora do intervalo, chegou uma das colegas que olhou pra mim e disse assim ‘ei você não tem vergonha não de tá aqui no meio de nós, você tão pequenininha’. ‘Eu disse, minha filha a mesma pergunta eu te faço, não tem vergonha não de tá no meio de nós que para olhar pra tu tenho que olhar pra cima igual olha pra um coqueiro, você é a mais alta da turma e porque veio perguntar essa?’. Isso foi uma coisa do início do meu trabalho que eu nunca esqueci e veio de uma educadora.

Como é perceptível, o preconceito veio a partir de uma colega de trabalho, uma professora que tem como uma das principais funções preparar crianças e adolescentes a se inserirem na sociedade, respeitando todas as diferenças, buscando conviver de forma pacífica e harmoniosa.

Ela casou aos 22 anos com seu primo, um homem de estatura normal, passou mais de 30 anos com ele, mas acabou se divorciando, hoje ela tem um relacionamento com outro primo de tamanho normal. No primeiro casamento teve 2 filhos, Emanuel de Jesus e

Maria Conceição de Jesus. Ambos nasceram com nanismo e a partir de doses hormonais conseguiram se desenvolver a ponto de não mais serem considerados anões. Conceição tomou hormônio dos 12 aos 18 anos e Emanuel de 10 aos 18 anos. Os hormônios geralmente eram levados para a associação ou para a Secretaria de Saúde Pública (SESP) e depois distribuídos para os pacientes. Na época Luizinha e seus filhos moravam no povoado Patú, os hormônios eram levados pelo Dr. Manuel Hermínio e armazenados na geladeira. A aplicação era feita inicialmente por dona Luizinha e depois pelas próprias crianças, geralmente eram aplicadas na coxa, braço e umbigo. Ao final do tratamento Maria Conceição ficou com pouco mais de 1 metro e 50 centímetros, enquanto Emanuel com pouco mais de 1 metro e 60 centímetros.

No quesito artístico destaca-se Clécio Tibúrcio de Jesus, nascido em 12/09/1980, ele tem 39 anos e mede 1 metro e 38 centímetros. Clecinho (como é chamado na cidade) é conhecido por ter feito parte da dupla Clécio e Cleidivan, os “Anões do Arrocha”, e também por ser artesão.

Clécio é de família humilde, nasceu no povoado Carretéis, era nesse recanto que ele conciliava estudo e trabalho, começou a estudar por volta dos 8 anos e trabalhava na roça ajudando seu pai, conseguindo concluir o ensino médio. Logo depois, seu pai comprou um terreno no povoado Alto e eles acabaram deixando os Carretéis. Porém, levou de lá a arte consigo, ainda no povoado Carretéis ele aprendeu artesanato com o senhor Joãozinho, fazia potes, moringa, prato, cabaça, alguidar, todos produzidos a partir do barro. Vendia esses produtos a outras pessoas conhecidas como “atravessadores” que compravam e revendiam em cidades sergipanas e no estado da Bahia. Já Clécio vendia na feira local e nas feiras de Cristinápolis, Acajutiba e Esplanada. Segue a baixo o relato de Clécio sobre o artesanato:

A gente tem muita dificuldade porque é um trabalho muito pesado, não era feito com maquinário, era manual, cavado no barreiro, transportado no trator. Depois tinha que ser repassado no berimbau, para tirar as pedras que vem no barro e raiz, era um processo muito difícil. Era um trabalho que me prendia de mais, não tinha liberdade. Naquela época valia a pena porque não tinha outro trabalho, a gente não era valorizado, trabalhava muito e ganhava pouco, as pessoas achava bonito, mas se a gente cobrasse mais as pessoas achavam caro.

Fã de Amado Batista, todas as manhãs ia para a casa de sua avó ouvir as músicas de seu ídolo no rádio de pilha. Com Amado Batista aprendeu a amar a música, mas foi com Chico da Sanfona que ele aprendeu a tocar e viver da música. Com Chico aprendeu a tocar

triângulo e zabumba, em 2004 comprou seu primeiro teclado, apesar do alto valor, Clécio fez o investimento e não se arrependeu. Aprendeu a tocar teclado e em 2007 montou um grupo com seu irmão, chamado “Os Anões do Arrocha”, que seguiu até final de 2009.

Meu primeiro show foi no povoado Carretéis no bar do nosso amigo Dantas vizinho a casa de seu avô Saluzinho, foi bonito, tava lotado, noite de chuva e nós amanheceu o dia lá foi muito emocionante. O convite foi através do nosso amigo Remysson, filho de Chico. – Lembra Clécio.

No final de 2009 ele parou de fazer shows com seu irmão, porém, ele construiu um espaço para shows ao lado de sua casa, contendo um palco e uma área ampla. “Eu fazia encontros de seresteiros só de ano em ano, fiz até 2015 aí depois começou a cair mais esse negócio de festa e seresta e dei uma pausa. ”

Em 1996, após a realização de exames foi constatado a necessidade de hormônio do crescimento em algumas pessoas, foi então que cerca de 10 anões foram convidados a irem a São Paulo no Hospital das Clínicas, onde iniciaram o tratamento hormonal. Depois disso, eles passaram a tomar o hormônio todos os dias durante 6 meses. Na época, Clécio estava com 16 anos e pesava 16 quilos, a partir do hormônio ele passou a desenvolver e segundo ele, cresceu cerca de 10 centímetros.

Atualmente, ele é operador de caixa do supermercado Prado Vasconcelos, onde trabalha a 8 anos. “Eu sempre tive sonho de trabalhar no Prado desde quando era criança. Ai trabalhando no restaurante ‘Ele e Ela’ onde fui garçom por 8 meses, conversando com uma amiga, eu disse que tinha o sonho e ela conversou com Sr. Prado e ele me contratou.” Clécio também foi um dos anões da cidade a representar o Brasil na primeira Copa América de Futebol de Anões que ocorreu na Argentina, onde conseguiu o terceiro lugar, voltando com a medalha de bronze. A respeito do artesanato, diz não ter vontade de voltar a trabalhar com esse ofício, apesar de ser uma arte muito bonita, no entanto, requer muito esforço e acaba que as pessoas não dão muito valor ao trabalho. Sobre a música ainda sonha em um dia reviver os grandes momentos nos palcos e quem sabe convencer seu irmão a retornar com a banda.

José Joaldo Cardoso dos Santos nascido no dia 10/08/1987 tem 32 anos e mede 1 metro e 36 centímetros. É casado com uma mulher de estatura normal e tem um filho de sete meses que segundo ele aparenta não ter nanismo. Joaldo nasceu no povoado Fundão,

vizinho ao povoado Carretéis e em 2002 foi morar na zona urbana de Itabaianinha. Por conta do trabalho, que começou com 7 anos, só estudou até a 5ª série, pois, segundo ele só conseguia ir de dois a três dias por semana para a escola porque seu pai queria que ele trabalhasse.

Na cidade de Itabaianinha trabalhou como soldador entre 4 a 5 anos, porém, não foi uma profissão que lhe agradou muito.

O soldador é meio pesado, inclusive pra mim, pra soldar mesmo, pra você pegar e soldar não é tão pesado, tem que ter cuidado com os olhos pra não cegar, e a dificuldade da solda pra mim é muito mais pior do que o outro. A minha visão ficava encima da solda, aí pega o calor mais, o braço meu é mais curto, cortar com a lixadeira, a lixadeira é pesada, se não tiver cuidado é arriscado ocorrer um acidente muito grave.

Sobre o serviço agrário, de onde ele ainda tira o sustendo, disse ser muito difícil por conta do tamanho, pois, a pessoa de tamanho normal tem mais força, ou seja, consegue desenvolver melhor o trabalho, por ser um serviço braçal, para o anão é mais difícil e conseqüentemente mais demorado. “Se ele fizesse uma tarefa, eu não fazia nem meia. Com 7 anos trabalhava na roça com meu pai, alimpando mandioca, plantando milho, feijão, e não recebia, pra receber comecei com 14 anos e era pouco.”

Sobre o momento mais difícil de sua vida ele diz: “No começo da infância quando vai aprendendo e vai ser de se próprio para se virar, a dificuldade cresceu mais. Através que o custo ficou pra mim mesmo, custo de vida, comprar um chinelo, comprar uma roupa. Na roça ganhava muito pouco.” A pessoa com nanismo sofre muita dificuldade para conseguir emprego, além disso, as pessoas que acabam oferecendo trabalho não reconhecem o esforço, ou seja, não estão dispostos a pagar o mesmo valor. Com Joaldo não foi diferente, quando ele saiu do Fundão em 2002 conseguiu um emprego em uma fazenda onde passou 8 anos, trabalhava ajudando a tirar leite das vacas, buscava as vacas no pasto, arriava, colocava o bezerro para pojar, só não fazia tirar o leite, pois é uma atividade que requer muito esforço braçal, além disso, também moía capim. Fazia todos esses serviços, de domingo a domingo e ganhava 15 reais por semana. Já as pessoas de tamanho normal ganhavam entre 50 e 70 reais, e mesmo assim ainda reclamavam com o patrão, alegando que Joaldo não trabalhava o bastante para receber 15 reais. “Ainda assim, era muído, carão de todo jeito, os trabalhador era recramando. Com os trabalhador era

meio complicado, uns amigos se dava bem, agora tinha outros que queria que a gente fizesse o que não podia”.

Entre 1999 e 2001 Joaldo passou a tomar hormônio buscando se desenvolver fisicamente. Começou o tratamento com 11 anos e terminou com 13 anos, por não ter geladeira em sua casa e conseqüentemente não poder armazenar as doses hormonais, ele se deslocava do povoado Fundão para o povoado Patú todos os dias para receber as doses, que geralmente eram aplicadas na coxa, ao final do tratamento ele conseguiu aumentar 6 centímetros. Joaldo assim como Clécio também disputou a Copa América de Futebol de Anões em 2018, fato esse que ficará marcado para sempre em sua memória e na história de Itabaianinha.

Valeriano Melo da Fonseca nascido em 16/07/1949 tem 70 anos e 1 metro e 25 centímetros de altura, ele é casado a mais de 30 anos com uma mulher de tamanho normal. Nascido no povoado Carretéis já morou em outras localidades fora do estado de Sergipe como: Espírito Santo e Paraná, a 40 anos mora na zona urbana de Itabaianinha.

O senhor Lerinho, como é conhecido na cidade, tem como profissão atual a de lavrador, é um dos anões que tem uma maior estabilidade financeira comparado aos outros, sendo considerado de classe média. Trabalhou muitos anos como taxista, sendo um dos poucos anões que possui carteira de motorista, seu carro é adaptado, foi necessário fazer mudanças no volante, suspender o banco, adaptar os pedais de modo que ficassem acessíveis para ele, inclusive em sua carteira consta que ele só pode dirigir legalmente se o carro for adaptado e hidráulico. Lerinho tem duas filhas, a mais velha tem estatura normal, porém, a mais nova nasceu com nanismo.

A filha de Valeriano é a senhorita Valéria Santos da Fonseca, atualmente ela tem 33 anos e nasceu no dia 11/12/1985. Ela é solteira, mas já foi casada com um homem de estatura normal. Ela é formada em geografia, entretanto, só exerceu a profissão de professora durante 1 ano, pois, descobriu que estava com um problema na medula, onde foi necessário a realização de 4 cirurgias. Após as cirurgias ela passou um tempo de cama, sem conseguir se locomover e somente após várias sessões de fisioterapia ocorreu uma melhora significativa, porém, ficou com algumas limitações, perdeu a sensibilidade das mãos e a perna esquerda é um pouco mais fraca, o que a deixa com dificuldade de locomoção.

As cirurgias foram feitas na cidade de Ribeirão Preto, custeadas pelo governo por intermédio de Dr. Hermínio que conseguiu uma vaga no hospital. Cada cirurgia custava 150 mil reais, ao total foram quatro, ou seja, 600 mil reais, valor inacessível para a família. Muitas pessoas associam as limitações físicas atuais de Valéria ao uso do hormônio, pois, acreditam que o organismo dela rejeitou o GH causando sequelas em seu corpo. Entretanto, ela argumenta que seu estado físico atual foi causado por um problema em sua medula, não se relacionando com o uso do hormônio. Após esse ocorrido várias pessoas que antes faziam o tratamento à base de hormônio, ficaram com medo e desistiram, ao ponto que hoje só uma pessoa faz uso do GH. Entretanto, a família de Lerinho é muito amiga de Dr. Hermínio e acima de tudo grata por tudo que ele fez para buscar melhorar o estado físico de Valéria, embora a população local ache que ele não fez mais que a obrigação.

Em 1995 veio para Itabaianinha uma equipe médica de São Paulo para fazer uma pesquisa sobre os anões. Esses médicos convidaram cerca de 10 anões para ir a São Paulo testar os hormônios, eles viajam de van, juntamente com suas mães. Nessa época, Dr. Hermínio ainda não participava, era os médicos de São Paulo que mandavam hormônio para Itabaianinha, a equipe era liderada pela Dr. Carmélia, que logo depois repassou para Dr. Hermínio.

Após retornarem para Itabaianinha eles continuaram tomando hormônios, segundo Valéria: “ Eu tinha 10 anos de idade quando passei a tomar o hormônio, gostei muito, pois, cresci 36 centímetros, na época tinha 1 metro, tomei até os 18 anos.” Os hormônios eram enviados para o SESP e lá eram aplicados nos pacientes, depois eles se autoaplicavam, para que funcionasse era necessária uma alimentação correta. Como é notável na fala de Valéria, hoje ela tem 1 metro e 36 centímetros de altura, segundo ela, não é mais anã, entretanto, de acordo com a altura limite de 1 metro e 39 centímetros, apontada pela associação de anões, ela ainda é considerada anã.

Ela conta que já sofreu muito preconceito, principalmente durante a adolescência, especificamente quando iria se relacionar com os rapazes. “Na adolescência tive um namoradinho e a mãe dele não queria, dizendo que eu era anã. Eu gostava dele e chorei. Depois fui amadurecendo, mas hoje em dia, pode falar o que quiser que eu sou feliz do meu jeito, fazendo o que quero”. – Diz Valéria. Em outros momentos os rapazes manifestavam interesse, mas quando descobriam que ela tinha nanismo, acabavam se

distanciando. Segundo ela, essa questão atualmente melhorou muito, os rapazes não têm preconceito, a sociedade em geral amadureceu, antes era mais preconceituosa.

Sua infância também não foi das melhores fases, ela não entendia o porquê dá diferenciação de tratamento entre ela e as outras crianças, segundo ela:

A infância foi aonde mais eu sofri por conta do preconceito das pessoas, criança é diferente, não entende como o adulto, com o tempo a gente aprende. Hoje em dia tô nem aí, quando era criança eu chorava. Sofria bullying na escola, o povo ficava com mangação. Tinham adultos que falavam coisas desagradáveis, mas eram poucos. Depois comecei a me aceitar do jeito que sou, através do hormônio cresci muito, fiquei com um tamanho bom, e se não tivesse crescido, eu deveria me aceitar para ser feliz.

Infelizmente muitas pessoas ainda associam sua limitação a uma doença, e por isso, não a considera capacitada para a realização de seus afazeres diários, entretanto, é importante salientar que ela leva uma vida normal, mora sozinha e realiza todas as suas tarefas sem a ajuda de ninguém. Valéria é um exemplo de pessoa, venceu vários obstáculos na vida, principalmente aquele que a deixou de cama, lutou, se reabilitou e hoje se encontra feliz e realizada por ter vencido.

Existem várias pessoas com nanismo que moram em outras regiões, mas que tem suas raízes ligadas a Itabaianinha. Uma dessas pessoas é o senhor José Erivaldo Nascimento, ele tem 68 anos e mora em um sítio no povoado Pedra Branca no município de Santa Terezinha no estado da Bahia. Ele morou em Itabaianinha até completar 14 anos, depois morou em Itapetinga, Tororo, Itajuípe, Itabuna, morou 50 anos em Salvador e a três anos mora em Santa Terezinha. A entrevista só foi possível graças ao amigo Clécio (que também é anão), que visitou Erivaldo e fez a entrevista com ele.

Casado a mais de 30 anos com a senhora Maria da Conceição Oliveira Nascimento que também é anã, já foi casado também com uma mulher de estatura normal, tem 2 filhos do primeiro casamento e dois do segundo. Os dois filhos do segundo casamento são Eric Oliveira Nascimento e Ícaro Oliveira Nascimento, ambos nasceram com nanismo e passaram por um tratamento à base de hormônio, conseguindo crescer. Entretanto, o senhor Zezinho como é conhecido, nunca tomou hormônio, mas, já tomou vitaminas que o levaram a crescer. Segundo ele: “Depois dos 18 anos eu cresci um pouco ainda, quando eu

servir o exército em 1969 eu tinha 1 metro e 15 e hoje tenho 1 metro e 30, acho que foi a vitamina, hoje peso 40 quilos”.

Formado em Técnico de Contabilidade, começou a estudar e trabalhar em 1970 na companhia aérea VASP em Salvador, local onde trabalhou durante 22 anos, sendo 10 anos como encarregado de contabilidade. Em 1976 foi publicado um artigo sobre Zezinho, contado sobre sua relação harmoniosa com os colegas de trabalho, onde era conhecido por Zezinho da VASP ou Pequeno Gigante. O artigo foi publicado por um jornalista da VASP de São Paulo, que visitava as filiais da empresa nos demais estados.

Zezinho faz parte da família de Itabaianinha que era composta por 7 irmãos anões, informação já relatada na parte de Toinho que é seu irmão. Atualmente ele é aposentado e tenta convencer sua esposa a vir para Itabaianinha, reencontrar com os amigos e familiares.

No âmbito político, destaca-se José Raimundo dos Santos conhecido por Totó, nascido em 1961 tem 58 anos, foi vereador entre 1992-1996. Nasceu durante o trajeto entre São Paulo e Sergipe em uma cidade que faz divisa com a Bahia, porém, passou sua infância no povoado Terra Vermelha em Itabaianinha. Perdeu sua mãe aos 14 anos e trabalha desde os 12 anos, já trabalhou como vendedor em São Paulo, em circos como palhaço de trapézio, participando inclusive de shows com os Trapalhões em 1983.

Formou-se no ensino médio em 2006, migrando para o estado de São Paulo para fazer faculdade, onde iniciou o curso de Turismo e Hotelaria, mas devido as dificuldades financeiras acabou trancando. Voltou para Itabaianinha em 2009, porém, segundo ele ainda não existia esse curso em Sergipe, surgindo apenas em 2012, porém, ele já havia perdido a bolsa. Passou seis meses em São Paulo e segundo ele sofreu muito bullying: “Uns queriam me tocar por amuleto, ‘vamos tocar nele pra dar sorte’ fora os apelide que tinha, ‘tamborete de cabaré’, com risadas discriminatórias, além da dificuldade de conseguir emprego. ”

Seu nanismo é um pouco diferente dos demais da cidade, enquanto os outros tem o nanismo pituitário, ele tem acondroplasia, dessa forma, ele não tem laços genéticos com nenhum anão da cidade, ou seja, não é parente de ninguém com nanismo, sendo único em sua família. Além dele, existem mais três pessoas com esse tipo de nanismo em Itabaianinha, são eles: Deise e sua filha Natália e o senhor conhecido por ‘Nanico’, porém,

esses não se interessaram em participar da pesquisa. Por ser diferente dos demais, segundo Totó, ele sofre retaliação por parte dos outros anões.

Por ter o tipo de nanismo acondroplásico, mesmo se tomasse doses hormonais ele não conseguiria se desenvolver, haja visto, que seu nanismo não é causado pela falta de hormônio e sim por problemas ósseos. Porém, se ele se desenvolvesse com o hormônio, segundo ele, ainda assim não tomaria, pois:

Quando chegou a pesquisa aqui, teve uma menina com 17 anos na época que tomou e teve um problema, aí com a idade de 27 anos ela faleceu, não disseram que foi por conta do hormônio, mas há a suspeita. Tem também a filha de Lerinho, era pequenininha baixinha, bonitinha aí tomou o hormônio, desenvolveu a altura, mas desenvolveu um câncer. Então eu desenvolvo uma coisa boa que é a altura, que se eu crescesse 20, 40 centímetros eu ficava alegre, mas também vou desenvolver outras coisas ruins que pode ter né.

Entre 1992-1996 Totó foi vereador de Itabaianinha, e por esse motivo a CNN mostrou-se interessada e veio a cidade fazer uma entrevista com ele, medindo 1 metro e 23 centímetros, era considerado na época, o menor político do mundo.

Porque eu ganhei a política na época? Porque eu cheguei do Sul com 31 anos, tinha conhecimento, tinha trabalhado com os trapalhões fazendo show de circo, cheguei, a Tevê Sergipe caiu em cima, a CNN teve aqui e eu pere aí, o meu marketing é esse dá entrevista, e o conhecimento bateu de ponta a ponta no Brasil todo. Pra onde eu for, o povo me chama de vereador, mesmo eu não sendo mais. As pessoas se importam muito em ganhar dinheiro, eu não, aproveitei o momento, e fiz minha divulgação, e deu certo, a gente tem que ceder se quiser chegar a algum lugar. – Diz Totó

Enquanto vereador, Totó teve como principal projeto a retirada de uma cerâmica de um dos maiores bairros da cidade de Itabaianinha, que por conta da poluição prejudicava a população e principalmente o único hospital da cidade, localizado no mesmo bairro. Após a aprovação do projeto a cerâmica foi destruída e atualmente se encontra uma escola municipal em seu lugar.

Eu não fui um bom político, mas também, é aquela história não ajudei, mas também não atrapalhei. Os ceramistas ligam o filtro pelo dia e desligam a noite para não gastar energia, as pessoas tem que usar

máscaras para dormir. A cada 10 casos de câncer que morre em Sergipe, 6 é de Itabaianinha. – Diz Totó

Segundo ele, foi produzido uma placa no Japão que se encontra em uma biblioteca homenageando-o por ser o menor político do mundo. A entrevista com a CNN foi realizada na câmara de vereadores em 1993. Após deixar a política, Totó se tornou assessor de gabinete de Valter Carvalho em 2002.

Totó nunca foi casado, porém, tem dois filhos de tamanho normal e de mães diferentes, também de estatura normal. Entretanto, quando morava em São Paulo conheceu uma pequena com a qual teve um romance, mas, por conta de seu retorno a cidade o relacionamento não deu certo. Ele ainda participou de dois filmes locais, onde em um deles fazia o vilão.

O ator foi através de circo que já trabalhei, festa de aniversário, através do conhecimento me chamaram para participar do filme, conhecimento de televisão, já tive entrevista com Regina Casé, Globo Repórter, trapalhões e me convidaram para uma participação especial no primeiro filme, só foi duas cenas. No terceiro filme eu fui o vilão e fiz o filme todo.

Sobre o fato de ser anão e de sofrer com preconceito, Totó diz:

O problema do nanismo não é fácil, porque é uma das deficiências mais complicada, porque o nanismo ele forma discriminação e racismo. São mais atingidos por conta de apelido, eu sofri bullying na escola. Você nasceria anão de novo? Se fosse pra escolher eu não queria mais. Eu sou feliz porque tenho que me acostumar com minha estatura. As pessoas com nanismo dizem que são felizes, que é normal, que se fosse pra nascer de novo nasceria, mas não é assim, nenhum desses, tudo é hipocrisia, nenhum desses se fosse pra escolher queria ser anão, nenhum, tudo é fantasia, eu não tenho fantasia, sou feliz, sou, porque tenho que me acostumar e me adaptar, agora se fosse pra escolher eu queria crescer.

Percebe-se que Totó é uma celebridade na cidade, não só pelo fato de ser anão, mas por seu carisma, por ser bem comunicativo e por ter vivenciado diversas coisas. Se tornou político, rodou pelo Brasil, trabalhou em circo, participou de programas de tevê e atualmente aproveita a fama que tudo isso lhe proporcionou.

Entretanto, Totó não foi o primeiro anão da cidade a se tornar vereador, um anão conhecido por Mundinho já havia trilhado esse caminho. Mundinho era considerado na

década de 90 um dos comerciantes mais ricos de Itabaianinha, criador de gado, ovelhas e negociante de corda, feijão, farinha, produtos estes que ele vendia em São Cristóvão e Aracaju, além disso, também revendia bloco para pessoas do estado da Bahia. Mundinho foi casado a mais de 50 anos com uma mulher de estatura normal e com ela teve 12 filhos, todos de tamanho normal.

Atualmente, a cidade conta com um representante anão na câmara de vereadores, seu nome é José Eraldo de Jesus Santana, conhecido por Zé Miúdo. Em 2016 a comunidade anã apoiou Zé Miúdo durante as eleições, pedindo voto e sobretudo votando. Porém, após ser eleito houve um desentendimento por parte do vereador com relação a alguns acordos feitos entre ele e os apoiadores, que hoje não o vê como representante dos anões, até porque depois da vitória não mostrou, como antes, está disposto a lutar pela causa desta comunidade, pelo contrário, acabou se aliando com a situação e deu as costas para aqueles que os ajudaram. “Quando Zé Miúdo ganhou disse que ia botar tudo pra frente, associação e time, acabou tudo. Odiei política mode mais isso, eu pensei que ia melhorar as coisas pra gente fez foi piorar, porque a associação trancou, o time dos anão trancou, veio começar agora. Nunca fez nenhum projeto pelos anões. ” – Diz um dos apoiadores. “Anão como vereador, os anões apoiaram para que tivesse alguém para lutar por direitos, só que o vereador eleito acabou abandonando os anões, a gente fez campanha para ele. Eu chamo ele de ‘mestre de obra’, por que fica tirando foto das obras do prefeito. ” – Diz outro.

O vereador em questão foi procurado para participar da pesquisa, entretanto, disse está muito ocupado e sem tempo para conceder uma simples entrevista. Falou que iria disponibilizar uma data em sua agenda, entretanto, após algum tempo, ele foi novamente procurado, mas não deu retorno. Seu testemunho seria de suma importância para que ficasse registrado sua memória, porém, sua atitude mostra seu caráter e seu despreparo em relação ao tão importante cargo em que ocupa. Infelizmente, a frase de Maquiavel “dê o poder ao homem, e descobrirá quem ele realmente é”, nunca foi tão bem representada.

A partir daqui, será contado os feitos daqueles que já morreram, mas que ficaram marcados na lembrança da população de Itabaianinha. Entretanto, para a primeira a ser lembrada não foi necessário que sua história fosse contada por segundos, pelo contrário, tive a honra de entrevista-la, trata-se de dona Beatriz Nascimento da Cruz, ela tinha 80 anos e 1 metro e 15 centímetros de altura, nasceu e se criou no povoado Banco, onde

permaneceu lá até os 30 anos. Em 14 de março de 1970 ela e seus familiares vieram para a zona urbana de Itabaianinha. Dona Beatriz possuía uma espécie de mercearia de onde juntamente com sua aposentadoria tirava seu sustento, apesar de ter estudado apenas até a 3ª série ainda no povoado, ela aprendeu a ler e escrever, além de fazer contas, ela diz que em seu trabalho não utiliza calculadora, faz as somas e cálculos todos de cabeça.

Durante sua vida trabalhou na máquina de costura fazendo bordado, como vendedora e depois montou seu próprio comércio. Em sua loja vendia cervejas, refrigerantes, doces, pipocas, produtos de limpeza. Anos atrás seu comércio era mais frequentado, segundo ela: “Tinha mais coisa mais o povo passou a comprar mais no supermercado.” Com isso ela passou a perder alguns produtos por conta da validade, e assim, parou de investir em produtos alimentícios, como arroz, feijão e cuscuz. Questionada sobre preconceito, dona Beatriz respondeu:

O pessoal chama de anãzinha, mas eu não dou nem atenção, já logo que chegamos na rua, hoje o povo nem liga mais, já tá acostumado. Mas quando morava na roça que veio pra aqui, o povo falava ‘olha essa anãzinha, quantos anos tem?’ Eu não sei não pergunte ao padre, ele é quem sabe (risos). Na roça não teve, o povo era acostumado a ver a gente, era os parentes. ‘E porque não cresceu?’ Ah essa pergunta vá fazer a Deus, pergunte a Deus, porque eu não sei porque não cresceu.

Beatriz era conhecida na cidade como anã Beata, muito religiosa, nunca namorou nem casou, aos 74 anos quando Geraldo Luiz veio a Itabaianinha, ela ainda praticava exercícios físicos na academia, como: musculação, natação e aeróbica. Entretanto, recentemente ela parou de frequentar a academia, pois, estava se sentindo cansada por um problema no pulmão, fazendo com que procurasse o médico. O médico lhe recomendou repouso e evitar banhos frios, porém, ela disse que as vezes não seguia a orientação médica, além disso, no seu estabelecimento aparecem sempre pessoas fumantes, e por trabalhar com bebidas ela sempre está precisando abrir frise e geladeira, fazendo com que seu problema se agravasse.

Infelizmente no dia 8 de novembro de 2019 (17 dias após essa entrevista), dona Beata veio a óbito, segundo os médicos, a sua morte foi devido ao problema pulmonar. Fica aqui então, essa singela homenagem a uma mulher de sorriso espontâneo, trabalhadora, e que se orgulhava por não dever nada a ninguém, pois segundo ela: “Gostava de pagar as coisas a vista, pois não queria o compromisso de todo mês ficar pagando. Graças a Deus nunca compremos fiado e nunca comemos fiado, nem no tempo

de meu pai e nós continua nesse mesmo jeito. ” Bastante querida pela comunidade de Itabaianinha o seu velório contou com a presença de vários parentes e amigos que compareceram para prestar sua última homenagem. Fica aqui meus agradecimentos a Dona Beatriz, e que ela se encontre em um bom lugar.

Dona Pepe, em 1998 tinha 84 anos era a mais velha da comunidade, concedeu entrevista a Marco Sanvoisin. Religiosa fervorosa, possuía uma disposição invejável, vivia sozinha numa casinha, onde cultivava com água de um poço, frutas e plantas. A casa de dona Pepe era situada na zona rural de Itabaianinha, era pequenininha, de uma simplicidade espontânea, na parede tinha retratos de parentes e santos. Na falta de energia elétrica ela utilizava fogão a lenha para cozinhar e para iluminar a casa utilizava candeieiro a gás como nos séculos passados.

Ela fazia bonecas costuradas a mão, sempre as nomeava com nomes sagrados, ela possuía uma com nome de Maria de Fátima, por exemplo, fabricou dezenas de bonecas, nunca lucrou com isso, sempre doou para as meninas pobres que não tinham condições de comprar brinquedos. Ela faleceu por volta de 2015, com 101 anos.

José Francisco dos Santos era conhecido por todos como Dodinha, era irmão de dona Pepe, com 1 metro e 12 centímetros era um dos anões mais velhos de Itabaianinha, faleceu recentemente aos 92 anos. Ele acabou casando com uma mulher de estatura normal, quando tinha 25 anos e sua esposa 24 anos. Eles moravam na zona rural e o casamento durou aproximadamente 45 anos, foi quando ela faleceu, deixando-o viúvo.

Dodinha, trabalhou até os 70 anos em sua propriedade, mesmo com a idade avançada ainda fazia alguns serviços na roça, limpava com enxada suas malhadas, sem precisar pagar a ninguém. Apenas pagava quando o serviço exigia muito esforço físico. Era dessa forma que ele se divertia, segundo ele, nunca vendeu seu dia para ninguém, sempre trabalhou para si. Em sua roça tinha laranja, manga, coco, banana, milho, quando não plantava milho, plantava fava e em seguida, feijão e cebola.

Ele possuía uma casa na cidade, porém preferia ficar na zona rural no povoado Mutuca, pois é onde se sentia bem e feliz. Ele teve dois filhos, um homem e uma mulher, e um neto. Em uma tragédia perdeu seu filho, que morreu após cair de uma carroça, mas, com toda a tristeza ele não perdeu o sorriso, pois, tinha certeza que em breve se encontraria no céu com seu filho.

Dodinha suspeitava que seu neto fosse anão, ele dizia que por ele, seu neto não tomaria injeção hormonal, e que ele próprio também não tomaria, pois preferiria ficar do jeito que Deus o deixou, além disso, nunca ficou triste por ser pequeno, pois, tudo que os grandes faziam ele também fazia e que todos gostam dele do jeito que ele era.

Nascido no dia 15 de agosto de 1923 e aos 91 anos se encontrava com a saúde fragilizada, com problemas de visão, sofreu um acidente com seu cavalo. Com 1 metro e 20 centímetros de altura, era conhecido na cidade por domar cavalos, se orgulhava por nunca ter caído de um cavalo, mesmo sem ter a força de uma pessoa de estatura normal, ele usava a técnica, o jeito e a conexão que tinha com os animais.

Por fim, a história de Maria, conhecida por todos como Maria das Piabas, ela tinha 90 centímetros e foi por muito tempo considerada a menor mulher do sertão. Morou sua vida inteira no povoado Carretéis, comunidade onde se iniciou a incidência do nanismo. Trabalhou no campo como agricultora, nunca casou, segundo ela: “É melhor andar sozinha do que mal acompanhada”.

Perdeu seu pai aos 10 anos, sua mãe já casada e com filhos, tinha apenas um vestido para usar, recentemente em uma entrevista Maria disse que possuía 14 vestidos, mostrando o quanto a vida melhorou para eles. Contava com orgulho que possuía em sua casa um sofá que é arrumação, ou seja, é luxo, possuía também um armário de cozinha e geladeira. Cozinhava em um fogão a lenha, mas tinha planos de mais tarde comprar um fogão a gás (falava como se fosse algo quase que impossível). Ela morava com seus três irmãos, Luzia, Helena e Erasme, todos dormiam no mesmo quarto em duas camas de casal. O eletrodoméstico que ela mais gostava era a geladeira, já sua irmã Luzia, preferia a televisão, que é um divertimento para quem mora na zona rural, seus programas preferidos eram as missas e as novelas. “Jesus abençoou nós, estamos de barriguinha cheia, com nossa casinha pra morar e terra pra trabalhar.” – Diz Luzia. É uma família incrível, de uma simplicidade e alegria contagiante, são pessoas que não precisam de muito para serem felizes.

Maria trabalhava na roça, sempre alegre e cantando músicas religiosas juntamente com suas duas irmãs, Luzia e Helena, trabalhavam plantando milho. Já passaram muita fome, principalmente quando a mandioca apodrecia, que não tinha farinha para comer. “Já quando tinha farinha fazia um pirão e comia com um pedaço de piaba e achava bom”. – Diz Maria. Morava em uma casa de taipa, porém, os bêbados que passavam pela estrada

jogavam pedras no telhado danificando-o e causando pânico a todos que moravam na casa. Foi então que eles pediram ajuda aos políticos da região que doaram materiais e ajudaram a construir uma casa de tijolos mais afastada da estrada. Sua casa mesmo simples de tijolos, sem reboco nem tinta, para eles é a casa mais linda do mundo.

Maria, além de agricultora também era costureira, fazia algumas de suas roupas a mão, aprendeu a costurar com sua mãe, ela usava a costura como forma de divertimento, sempre trabalhou na roça, mas com a idade foi deixando essa prática. Acordava todos os dias as 5 horas da manhã, depois de um tempo passou a se queixar de enxaqueca, nunca procurou um médico, para melhorar colocava alho na cabeça e usava sempre um lenço que segundo ela ajudava a aliviar a dor. Em um fatídico dia, Maria acordou, se queixando dessa dor, e infelizmente acabou falecendo. Sua morte causou grande comoção na cidade e deixou um vazio onde morava e principalmente para seus irmãos.

Em uma reportagem concedida a Geraldo Luiz, Maria havia dito que seu maior sonho era sua saúde e uma vida boa, a qual segundo ela já possuía. Fica a lembrança de uma mulher que encantou o Brasil, com sua simplicidade, humildade e acima de tudo seu jeito de enxergar a vida, sempre vendo o lado positivo e sendo feliz.

A partir desse capítulo, foi possível através das lembranças e histórias contadas e ainda vividas pelos anões de Itabaianinha, entender o quanto eles foram e são importantes para a cidade. São pessoas que apesar do tamanho buscaram se encaixar na sociedade, e quando esta reprovava as ações feitas por eles, acabaram enfrentando-as, como a dona Pureza que fez seu amor ser mais forte que os olhares reprobatórios da população. Que assim como Toinho e Maria da Hora, os primeiros anões a casarem, deram um fim a um histórico tabu.

Vimos também a importância destes na política, exercendo o poder legislativo, entretanto, cada um ficou e ficará marcado na história através de suas ações, sejam elas boas ou ruins. É importante ressaltar a importância também na educação, onde duas educadoras da cidade fizeram história trabalhando por tantos anos. Na arte vimos a importância de Clécio, tanto quanto músico como também artesão, além das figuras que ficaram marcadas por sua docilidade e bondade como Pepe, Dodinha e Maria das Piabas. Em suma, pode-se notar a importância de cada um deles na construção histórica da cidade, mesmo sem receberem o devido reconhecimento por parte dos órgãos públicos, jamais serão esquecidos por parte da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio este trabalho tinha dois objetivos, além de salvaguardar as memórias dos anões de Itabaianinha, outra finalidade era elevá-los a categoria de patrimônio histórico-cultural da cidade, ou seja, legitimar através de uma lei aquilo que a população local e de fora já considera. Para isso, no dia 24/09/2019 foi discutida entre os vereadores a importância da construção dessa lei, citando também a importância desta monografia, a qual armazenará as lembranças e histórias dos anões.

Contudo, após esta data não houve mais nenhum retorno sobre o andamento do projeto, dessa forma, foi necessária a continuação deste trabalho sem a inclusão do quesito patrimonial. No entanto, as buscas por respostas não se findaram, e por longo período o projeto ficou sob análise a fim de conseguir o parecer jurídico. Porém, no dia 14 de março de 2020 a vereadora Lêda Maria Dantas Cardoso entrou em contato, informando que tal projeto estava concluindo e que será posto em votação no mês de março de 2020.

No dia 18 de fevereiro de 2020, a vereadora Lêda Maria Dantas Cardoso criou o Projeto de lei nº 02/2020, o qual “Dispõe sobre a preservação e o tombamento do patrimônio histórico e cultural dos anões do município de Itabaianinha e dá outras providências”. Esta pesquisa foi de grande importância para o desenvolvimento do projeto de lei, se não de forma direta, instigando a criação do projeto, com certeza de forma indireta, pois, mesmo se já houvesse ocorrido a ideia do tombamento, esta pesquisa veio para acelerar esse processo, mostrando a importância dos anões para a cidade de Itabaianinha. Entretanto, a luta continua, ela não se cessará até que o projeto seja de fato aprovado.

Foram entrevistadas 15 pessoas com nanismo, porém, uma faleceu e outra mora no estado da Bahia, restando assim, 13 indivíduos moradores da cidade de Itabaianinha. Essas entrevistas foram importantes, pois, a partir delas foi possível obter dados relevantes sobre essa comunidade.

No capítulo 1, o qual teve como objetivo fazer uma discussão a respeito das origens e sobre as principais questões em torno do nanismo no mundo e em particular no município de Itabaianinha, foi possível identificar que pouco se mudou para quem possui essa deficiência, desde a Idade Antiga até os dias atuais. Antes visto como aberrações,

envergonhando a família da qual faziam parte, hoje são vistas como incapazes, ou fardo social, esta análise é geral, incluindo a cidade de Itabaianinha.

Tabela 1



46,15% dos entrevistados não concluíram o ensino fundamental.
23,07% concluíram o ensino superior na área da educação (Mulheres).

Como podemos observar no gráfico acima, apenas 31% dos entrevistados possuem empregos, destes, apenas 8% trabalham em empresas com todos os direitos assegurados, os outros 23% trabalham em zona rural como lavrador, muitas das vezes de forma autônoma. Como se pode perceber 31% dos entrevistados são desempregados e 38% estão aposentados.

Existe uma taxa de desemprego muito elevada entre as pessoas com nanismo, isso se deve muito a estigmatização por parte dos empregadores que não veem neles capacidades para desempenhar tais serviços, fazendo com que boa parte dessa comunidade sobreviva de ajuda dos familiares ou de trabalhos informais. Esse número elevado deve-se também a alta taxa de analfabetismo, onde 46,15% dos entrevistados não concluíram o ensino fundamental, ou seja, quase metade dos entrevistados. Apenas 23% concluíram o ensino superior, sendo todos do sexo feminino. Entretanto, esse alto índice de analfabetismo existe por conta da necessidade de trabalhar enquanto criança, de ajudar aos pais e de contribuir com a renda familiar, fazendo com que fossem obrigados a abandonarem a escola.

Contudo, muitos deles poderiam exercer profissões que não demandam uma formação acadêmica, funções como motorista, porteiro, recepcionista, são cargos que não necessitam que o indivíduo seja alfabetizado. As empresas ou até mesmo a prefeitura

poderia abrir espaço para a inclusão desses cidadãos, que estão sempre em busca de oportunidades, mas que esbarram no preconceito. A cidade precisa retribuir o que esses cidadãos fizeram por ela e precisa reconhecê-los como pessoas capazes.

Outra questão é a falta de acessibilidade, onde muitos dos entrevistados alegaram que a cidade não é acolhedora. Para isso, os gestores deveriam olhar para esses pequenos cidadãos, sabendo de suas limitações, deveriam criar leis para transformar a cidade acessível para estes. Entretanto, além das políticas públicas de acessibilidade e espaço no mercado de trabalho, eles precisam acima de tudo da aceitação por parte da sociedade, para que esse estigma seja quebrado e eles passem a serem vistos como pessoas normais e capazes de conquistar seu espaço e desempenhar com afinco e dedicação aquilo que lhe for solicitado.

Os anões de Itabaianinha viram no esporte uma oportunidade de integração, através do futebol eles passaram a chamar a atenção da população local e de outros estados. Como recompensa a cidade teve dois representantes na Copa América de Futebol de Anões na Argentina. O futebol foi uma maneira muito eficaz encontrada pelos anões para ter uma maior aceitação e inclusão, de modo que suas habilidades futebolísticas chamam atenção e encantam os telespectadores.

No segundo capítulo, que tinha como finalidade fazer um apanhado histórico do fenômeno em Itabaianinha, mostrando como ele ficou associado à cidade e de que maneira foi retratado ao longo da história. Pode-se observar a vasta quantidade de meios sejam eles científicos ou midiáticos que se interessaram por essa temática.

Existiram aqueles que buscaram trabalhar essa temática buscando informar seus telespectadores sobre o fenômeno, apontando suas causas, os tratamentos hormonais e contando a respeito das vidas desses habitantes. Mas também existiram aqueles que buscaram expor os anões de forma ridicularizante, fazendo piadas e colocando em evidência sua deficiência, sendo insaciáveis na transmissão de humor negro, buscando apenas entretenimento e diversão em cima da imagem dos anões, reforçando ainda mais o preconceito e o desrespeito que eles ainda sofrem.

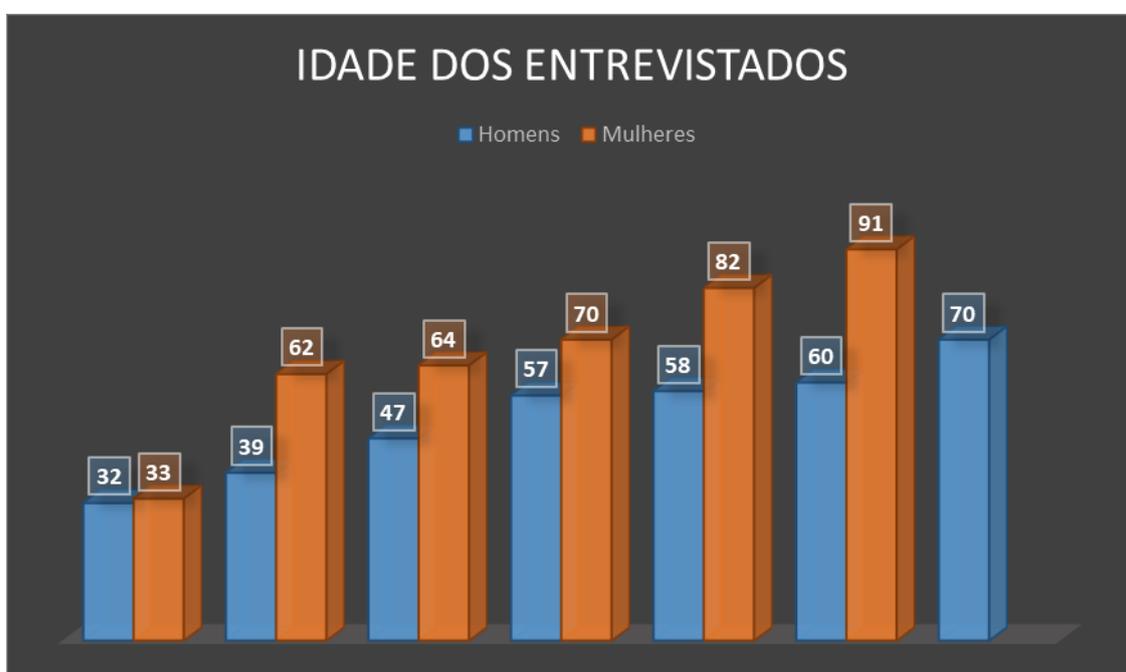
Desta forma, podemos dividir a construção da identidade do nanismo associado a cidade de Itabaianinha em dois grupos. O primeiro seria a desvalorização dos anões e conseqüentemente da cidade, os transformando em piada, a fim de proporcionar humor aos

seus telespectadores. E o segundo é justamente o oposto, ou seja, a valorização dos anos e a importância destes para divulgação da cidade nacional e mundialmente.

No terceiro e último capítulo que teve como objetivo salvaguardar as memórias dos anos, foi possível a partir das entrevistas, entender o quanto eles foram e são importantes para a cidade. São pessoas que apesar do tamanho buscaram se encaixar no meio em que vivem, procurando se impor, quebrando tabus e pondo suas necessidades e sentimentos a frente dos anseios da sociedade.

Com os levantamentos de dados feitos a partir das entrevistas podemos observar o quanto essa comunidade está envelhecendo, pondo-se em risco a manutenção do título de “cidade dos anos”. Observe o gráfico abaixo:

Tabela 2



Dos 13 entrevistados, apenas três possuem idade razoavelmente baixa, os demais já se encontram acima dos 40 anos, sendo que sete já possuem entre 60 e 91 anos. Ou seja, é uma população que está envelhecendo, e que não se tem perspectivas com relação a nascimentos de pessoas com nanismo. Para isso, foi elaborado mais um gráfico, o qual mostra o percentual de mulheres com idade fértil.

Tabela 3



Das mulheres entrevistadas, apenas 17% se encontram na faixa etária para reprodução, ou seja, 83% já atingiu o climatério e não podem mais reproduzir. É um número muito elevado, entretanto, entre as mulheres sempre existiu uma certa resistência na procriação, tendo em vista a dificuldade que a mulher anã possui para parir deixando-as com medo. Por outro lado, esse medo era alimentado pelo tabu histórico, onde mulheres anãs não casavam nem tinham filhos, tabu esse quebrado graças a dona Pureza. A partir daí as mulheres se encorajaram e passaram a ter filhos, porém, foi um número muito reduzido, onde segundo essa pesquisa, apenas outras duas mulheres optaram pela maternidade.

Os homens, por sua vez, sempre foram a maioria no quesito reprodução, contudo, muitos deles já se encontram em uma idade avançada e com suas parceiras de estatura normal já sem fluxo menstrual, ou seja, sem a possibilidade de engravidar. Outros se encontram em situações celibatárias, sem perspectivas de reprodução, por sua vez, uma pequena parcela se encontra em situações ativas e alegaram ainda querer ter filhos. Vale ressaltar que como quase todas as uniões são de casais misturados, ou seja, anão com pessoa de estatura normal, existe a possibilidade de o filho nascer de estatura normal.

Assim, conclui-se que com as mudanças ao longo do tempo, as pessoas não mais ficam isoladas em suas regiões, podendo ter uma maior opção na escolha de seus parceiros, evitando assim, o casamento consanguíneo, conseqüentemente diminuindo drasticamente o nascimento de crianças com nanismo. O uso de hormônio fez com que uma pequena, mas significativa parcela da comunidade anã crescesse, deixando de pertencer as estatísticas, além disso, como vimos no gráfico, existe uma grande parcela dessa população em fase de velhice, ou seja, em alguns anos o número de anãos mortos aumentará ainda mais. Soma-

se a isso, a falta de inclusão no mercado de trabalho a qual, faz com que muitos deles acabem optando por deixar a cidade em busca oportunidades.

Dessa forma, em algumas décadas provavelmente a cidade perderá o título ao qual carregou durante muitos anos, deixando de ser a “cidade dos anões” e passando a ser a cidade com anões. Assim, esse trabalho mostra-se de grande valia, pois, guardará os grandes feitos realizados por esta população, fazendo com que estes jamais caíam no esquecimento e que as próximas gerações possam compreender quem foram os anões de Itabaianinha e qual a importância de cada um deles na construção histórica da cidade.

FONTES E REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS

Maria da Hora da Cruz Nascimento (Professora aposentada) - Entrevista realizada em: 14/10/2019

José Antônio Nascimento (Ex-presidente da Associação dos Anões de Itabaianinha 2008-2016) - Entrevista realizada em: 14/10/2019

Aderaldo Elias de Jesus Santana - Entrevista realizada em: 22/10/2019

Beatriz Nascimento da Cruz (*in memoriam*), entrevista realizada em: 22/10/2019

Valeriano Melo da Fonseca (Ex-taxista, um dos primeiros a possuir Habilitação de Motorista) - Entrevista realizada em: 22/10/2019

Valéria Santos da Fonseca (Uma das que fez o tratamento hormonal, cresceu 36 centímetros) - Entrevista realizada em: 23/10/2019

José Raimundo dos Santos (Ex-vereador anão da cidade de Itabaianinha) - Entrevista realizada em: 08/11/2019

Anderson de Jesus Silveira (Produtor dos filmes “O Jogo” e “Na Rota do Crime”) - Entrevista realizada em: 07/12/2019

Clécio Tibúrcio de Jesus (Cantor, artesão e um dos participantes da Copa América de Futebol de Anões) - Entrevista realizada em: 13/01/202

José Joaldo Cardoso dos Santos (Um dos participantes da Copa América de Futebol de Anões) - Entrevista realizada em: 13/01/2020

José Erivaldo Nascimento (Técnico em Contabilidade, trabalhou na Vasp) - Entrevista realizada em: 22/01/2020

Juarez da Cruz - Entrevista realizada em: 29/01/2020

Josefa Francisca de Jesus (Professora aposentada) - Entrevista realizada em: 29/01/2020

Josefa da Fonseca Dantas (Primeira mulher anã de Itabaianinha que casou e teve filhos) - Entrevista realizada em: 11/02/2020

Maria Juvência de Melo - Entrevista realizada em: 12/02/2020

Ana Maria de Jesus - Entrevista realizada em: 19/02/2020

LIVROS

CONCEIÇÃO, José Carlos; GUIMARÃES, Tayronne. **Itabaianinha em fatos e fotos**. Aracaju: Infographics, 2017.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

KOREN, Yehuda; NEGEV, Eilat. **Gigantes no coração: a emocionante história da Trupe Lilliput: uma família de anões que sobreviveu ao Holocausto**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LEO, Gigante. **O grande livro dos anões**. São Paulo: Matrix, 2011.

MOURA, Diego Luz. **Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anões**. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Elsevier Editora Ltda, 2015

OLIVEIRA, José Carlos; OLVEIRA, Gilmário Macedo de. **Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Itabaianinha: fatos históricos, cenas da vida privada e alguma invenção**. São Cristóvão: Editora UFS: Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2004.

SEVERINO, Marlene Rossi. **Lições de sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita**. São Paulo: Editora Jornalística Fe, 1997.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. Tradução de Donaldson M. Garschagen; Luiz A. de Araújo, Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARTIGOS DE REVISTA

ACSELRAD, Marcio; MACEDO FACÓ, Katiuska. Quem ri por último ri melhor? Uma análise do humor na hipermodernidade a partir do programa Custe o que Custar. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v.17, n.1, p.54-64, jan./abr. 2010.

ALVES, Cláudia S.; ROMANO, Fabiane V. Design e tecnologia assistiva: Produto para público com nanismo. Fourth International Conference on Integration of Design, Engineering and Management for innovation, Florianópolis, out. 2015.

BRASIL. Tribunal Regional do Trabalho (9. Região). Estatuto da pessoa com deficiência. **Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região**, v.5, n. 46, nov. 2015.

CARVALHO, Luiz Henrique Milaré de. A proteção da dignidade humana das pessoas com nanismo: a empatia como superação de adversidades. **Revista São Luís Orione**, v.2, n.13, 2018.

GARRIDO, Joan del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n.25/26, p.33-54, set. 1992/ ago. 1993.

MORIGI, Josimari de Brito; SOUZA, Adalberto Dias de. Breves considerações acerca da inclusão das pessoas portadoras de deficiências no mercado de trabalho. **Revista Conbrad**, Maringá, v.1, n.1, p.23-38, 2016.

ROCHA, Lucas da; WAGNER, Dione. Pessoas com nanismo acondroplasia: um estudo acerca dos aspectos psicossociais e as contribuições da atividade física na sua inclusão social. **Ciência em Movimento**, v.20, n.40, p.17-29, ago. 2018.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira. Federalismo, competência e inclusão social: Brasil um país inclusivo? **Revista Direitos fundamentais e democracia**, v.22, n.1, p.102-105, jan./abr. 2017.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

ALCÂNTARA, Marta Regina Silva de. **Morfologia e função tireoideanas na Deficiência Isolada de Hormônio do Crescimento**. 2005. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **As metamorfoses do diabo na modernidade: secularização do mito e sua apropriação pela indústria cultural no século XX**. 2008. 148f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

ANDRADE, Bruna Mateus Rocha de. **Efeitos da terapia com exercício de trato vocal semiocluido e treinamento de coral na voz de indivíduos com Deficiência Isolada e Congênita do Hormônio do Crescimento**. 2018. 78f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2018.

ARAUJO, Isabella Maria Porto de. **Doença periodontal em adultos com Deficiência Isolada do Hormônio do Crescimento: aspectos clínicos, microbiológicos e imunológicos**. 2014. 92f. Tese (Pós-doutorado em Ciências Odontológicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARRETO, Valéria Maria Prado. **Perfil auditivo em indivíduos com Deficiência Isolada do Hormônio do Crescimento (DIGH)**. 2013. 122f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2013.

CASSIANO, Fernanda Charis. **A família Ovitz e o holocausto: os sete anos em Auschwitz**. 2008. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

FARO, Augusto César Nabuco de Araujo. **Avaliação ocular em indivíduos adultos com Deficiência Isolada e Congênita do Hormônio do Crescimento**. 2017. 86f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2017.

MENEZES, Menilson. **Prolactinemia em indivíduos com Deficiência Congênita e Isolada do Hormônio de Crescimento**. 2013. 83f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2013.

OLIVEIRA, Carla Raquel Pereira. **Adipocinas, excreção urinária de albumina, sensibilidade insulínica e função da célula beta na Deficiência Isolada do Hormônio de Crescimento**. 2010. 139f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2010.

PEREIRA, Carlos de Carvalho Epitácio. **Osteoartrite, genu valgo e densidade mineral óssea na Deficiência Isolada Genética do Hormônio do Crescimento**. 2013. 64f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2013.

SANTOS, Alécia Josefa Alves de Oliveira. **Consumo alimentar e necessidade energética estimados na Deficiência Isolada e Genética do Hormônio de Crescimento**. 2015. 79f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2015.

SOUZA, Anita Hermínia Oliveira. **Densidade mineral óssea e calcificação da aorta abdominal em idosos com deficiência do hormônio do crescimento**. 2014. 95f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

TOMÉ, Raul José Macedo. **Deficiência, nanismo e mercado de trabalho: dinâmicas de inclusão e exclusão**. 2014, 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais) – Instituto Universitário de Lisboa, 2014.

VASCONCELOS, Hortência Lira de. **Indivíduos acondroplásicos e banheiros públicos: um estudo de caso na Universidade Federal de Pernambuco/CAA**. 2016. 108f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2016.

ANAIS

FERNANDES, José Lucas Cordeiro. “In Sorte Diaboli”: A prática de demonização do cristianismo medieval. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA*, 3. , 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza, 2012.

TAVARES, Ademario Santos; CARDOSO, Raísa Lorena Siqueira de Albuquerque; SANTOS, Jaqueline Franciele dos; SAMPAIO, Greyce Yane Honorato. Acessibilidade para pessoas com deficiência: algumas dificuldades em projetar para indivíduos com nanismo. *In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ACESSIBILIDADE INTEGRAL*, 7. , 2016. **Anais [...]**. Recife, 2016.

VASCONCELOS, Hortência Lira de; BARROS, Bruno Xavier da Silva. Acessibilidade em Banheiros: um estudo teórico sobre as necessidades de indivíduos acondroplásicos. *In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ACESSIBILIDADE INTEGRAL*, 7. , 2016. **Anais [...]**. Recife, 2016.

OBRAS SEM AUTORIA

DEFICIÊNCIA, Viver sem Limite – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR); Secretaria Nacional da Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). 2013.

OUTROS

INFORMATIVO Romário. Constituição nas escolas: senado aprova projeto que leva política e cidadania para a sala de aula. 2. ed. 2015.

ARTIGOS ELETRÔNICOS

STRUCHINER, Noel; HANNIKAINEN, Ivar. A insustentável leveza do ser: sobre arremesso de anões e o significado do conceito de dignidade da pessoa humana a partir de uma perspectiva experimental. **Civilistica.com**. Rio de Janeiro, a. 5, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://civilistica.com/a-insustentavel-leveza-do-ser/>>. Acesso em: 29 out. 2019.

SITES

BEZERRA, Armando J. Endocrinopatias na arte. *In: _____*. **As belas artes da medicina**. CRM, 2003. Disponível em: http://www.portalmédico.org.br/biblioteca_virtual/belas_artes/cap9.htm. Acesso em: 12 nov. 2019.

“Mini Hulk”: o fisiculturista anão que faz sucesso nas redes sociais. 25 ago. 2017. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/maisesportes/2017-08-25/fisiculturista-anao.html>. Acessado em: 21 nov. 2019.

ANAERJ. Disponível em: <http://keniario.blogspot.com/2009/05/anaerj.html>. Acesso em: 04 jan. 2020

Anões do Rio se mobilizam contra preconceito. G1. 27 ago. 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1280772-5606,00-ANOES+DO+RIO+SE+MOBILIZAM+CONTRA+PRECONCEITO.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.

Anões tinham status elevado no Antigo Egito, diz estudo. Brasília, 27 dez. 2005. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/ciencia/story/2005/12/printable/051227_anoesegitog.shtml. Acesso em: 01 dez. 2019.

APERIPÊ TV. Direito dos anões. 29 ago. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6UYYqHo6pPI>. Acesso em: 14 out. 2019.

As sociedades antigas e as doenças raras. Pesquisa Fapesp. 278. ed., abr. 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/04/15/as-sociedades-antigas-e-as-doencas-raras/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

Associação Capixaba de Nanismo fala do preconceito com os anões no ES. Globo Play: Bom Dia ES. Exibido em 30 out. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6252286/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Associação que briga pelos direitos dos anões declara guerra contra as brincadeiras de mau gosto. 09 dez. 2010. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/associacao-que-briga-pelos-direitos-dos-anoes-declara-guerra-contra-as-brincadeiras-de-mau-gosto-68936.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.

Campanha “Somos todos gigantes” conscientiza pessoas para o nanismo. Globo Play: PIV 2. ed. Exibido em 15 abr. 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4960274/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Canadense é o primeiro anão triatleta a completar um Ironman. 22 nov. 2016. Disponível em: <https://www.ativo.com.com/triathlon/noticias-triathlon/anao-triatleta-completar-ironman/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

Casal de atores anões dá à luz bebê que médicos queriam abortar. 06 jan. 2016. Disponível em: <https://www.semprefamilia.com.br/defesa-da-vida/casal-de-atores-anoes-da-a-luz-a-bebe-que-medicos-queriam-abortar/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

Conheça Amanda Loy, a anã fisiculturista. 27 nov. 2016. Disponível em: <https://www.jornaldoestadoms.com/2016/11/conheca-amanda-loy-ana-fisiculturista.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

COSTA, Márcia Jamille. Pigmeu. 25 abr. 2010. Disponível em: <http://arqueologiaegipcia.com.br/tag/pigmeu/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

COUTINHO, Renata. Nanismo: o tamanho do preconceito. 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2017/10/21/NWS,45951,70,449,NOTICIAS,2190-NANISMO-TAMANHO-PRECONCEITO.aspx>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Estilista que faz roupa para anão quer ampliar com lingerie e loja virtual. UOL. São Paulo, 14 fev. 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2018/02/14/vestuario-confeccao-roupas-pessoas-com-nanismo.htm>. Acessado em: 12 nov. 2019.

Gêmeas dos EUA são o único caso conhecido de nanismo primordial. BOL. São Paulo, 09 fev. 2012. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2012/02/09/gemeas-identicas-com-uma-grande-diferenca.htm>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Halterofilismo Paraolímpico. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/esportes/halterofilismo-paraolimpico>. Acesso em: 11 jan. 2020.

Hotel é criticado por evento de "arremesso de anões" inspirado em filme. UOL. 17 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/17/hotel-e-criticado-por-evento-de-arremesso-de-anoes-inspirado-em-filme.htm>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Lei prevê benefícios para portadores de nanismo e baixa estatura. Globo Play: Bom Dia Piauí. Exibido em 11 de jul. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6863690/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Lei que regulamentou inserção de pessoas com deficiência no mercado de trabalho completa 28 anos. 26 jul. 2019. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/7185-lei-que-regulamentou-insercao-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-completa-28-anos>. Acesso em: 04 jan. 2020.

LYRIO, Alexandre. **Mulherão de 98 cm e gigante na política: menor vereadora do Brasil é de Irecê.** 25 ago. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mulherao-de-98-cm-e-gigante-na-politica-menor-vereadora-do-brasil-e-de-irece/>. Acesso em: 09 dez. 2019.

MARQUES, Gabriel. **CQC – Sergipe.** 02 dez. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9OFTiqIEIQ>. Acesso em: 14 out. 2019.

Multa para Empresas que não contratam Deficientes na Cota. 22 out. 2018. Disponível em: https://www.deficienteonline.com.br/multa-para-empresas-que-nao-contratam-deficientes-na-cota_news_294.html. Acesso em: 04 jan. 2020.

Nanismo. Disponível em: <https://gameofthrones.fandom.com/pt-br/wiki/Nanismo>. Acesso em: 05 nov. 2019.

Nanismo: uma desvantagem para levar a sério. Disponível em: <https://www.aqppt.org/visiteur/en/accue-en.html>. Acesso em: 09 jan. 2020.

Novela debate o preconceito contra anões. Globo Play: Link Vanguarda. Exibido em 11 nov. 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6282170/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

O nanismo, segundo o espiritismo. 17 fev. 2013. Disponível em: <http://www.lep.org.br/index.php/noticias/terceiro-milenio/525-o-nanismo-segundo-o-espiritismo>. Acesso em: 12 nov. 2019.

O que acontece se a empresa descumprir a Lei de Cotas? Disponível em: <https://talentoincluir.com.br/emprego/o-que-acontece-se-a-empresa-descumprir-a-lei-de-cotas/>. Acesso em: 04 jan. 2020.

PANTALEÃO, Sergio Ferreira. **Contratação de portador de deficiência – obrigação que nem sempre irá gerar multa.** Disponível em: http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/portador_deficiencia.htm. Acesso em: 04 jan. 2020.

Passageiros com dificuldade de locomoção não conseguem embarcar e descer de ônibus. Globo Play: DF1. Exibido em 08 jul. 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7748981/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Portadores de nanismo reclamam da falta de acessibilidade em Teresina. Globo Play: Bom Dia Piauí. Exibido em 16 dez. 2015. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4679332/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Primeira atriz com nanismo a ter papel de destaque em novelas, Juliana Caldas comemora: “Felicidade e gratidão”. NSC. 21 jun. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/primeira-atriz-com-nanismo-a-ter-papel-de-destaque-em-novelas-juliana-caldas-comemora>. Acesso em: 16 nov. 2019.

RAMOS, Enzo de Miranda. **O “arremesso de anões” a luz do direito brasileiro.** Conteúdo Jurídico, 29 maio 2015. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/44363/o-quot-arremesso-de-anoes-quot-a-luz-do-direito-brasileiro>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SANTOS, Bruna Luisa. **Direito de ir e vir – liberdade de locomoção.** Jusbrasil. Disponível em: <https://brunaluisa.jusbrasil.com.br/artigos/112114831/direito-de-ir-e-vir-liberdade-de-locomocao>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SILVEIRA, Anderson. **Entrevista com ator do filme O JOGO produzido em Itabaianinha.** 12 set. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uoi5syCTsjA>. Acesso em: 14 out. 2019.

TEIXEIRA, Patrícia. **Juliana Caldas será rejeitada pela mãe por nanismo em ‘O outro lado do paraíso’, sua primeira novela.** G1. 16 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/juliana-caldas-sera-rejeitada-pela-mae-por-nanismo-em-o-outro-lado-do-paraizo-sua-primeira-novela.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Thiago Barbosa destaca Copa América de Futsal para Pessoas com Nanismo e vitória de Lagarto sobre Itaporanga na Copa TV Sergipe. Globo Play: Bom Dia Sergipe. Exibido em 24 out. 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7109919/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

TOLEDO, Rafaela. **A menor pessoa do Brasil.** 06 set. 2017. Disponível em: <https://somostodosgigantes.com.br/a-menor-pessoa-do-brasil/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

TOLEDO, Rafaela. **Caso Viviane de Assis: loja está sendo investigada por preconceito.** 16 jan. 2018. Disponível em: <https://somostodosgigantes.com.br/caso-viviane-de-assis-loja-esta-sendo-investigada-por-preconceito/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

TOLEDO, Rafaela. **Dia Nacional do combate ao preconceito contra as pessoas com nanismo.** 25 out. 2017. Disponível em: <https://somostodosgigantes.com.br/dia-nacional-do-combate-ao-preconceito-contra-as-pessoas-com-nanismo-2/>. Acesso em: 29 out. 2019.

TOLEDO, Rafaela. **Retrospectiva nanismo no Brasil.** 28 dez. 2018. Disponível em: <https://somostodosgigantes.com.br/retrospectiva-nanismo-no-brasil/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

TOLEDO, Rafaela. **Vida da gigante Camila Feitosa**. 06 set. 2017. Disponível em: <https://somostodosgigantes.com.br/vida-da-gigante-camila-feitosa/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

VALE, Ionilton Pereira do. **O caso do peep-show e do lançamento de anões em face do princípio da dignidade da pessoa humana: julgados do Tribunal Constitucional**. Disponível em: <https://ioniltonpereira.jusbrasil.com.br/artigos/177516227/o-caso-do-peep-show-e-do-lancamento-de-anoes-em-face-do-principio-da-dignidade-da-pessoa-humana-julgados-do-tribunal-constitucional>. Jusbrasil. Acesso em: 22 nov. 2019.

SLIDES

MIRANDA, José Rafael. **Nanismo: Informação e inclusão nas escolas**. 38 slides.

LEIS E DECRETOS

BRASIL. Constituição (1988), Inciso XV, Art.5. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília, DF, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm. Acesso em: 29 dez. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 04 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm. Acesso em: 04 jan. 2020. 04 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 10 jan. 2020.

CORDEL

ANDRADE, Luiz Cardoso de. **Itabaianinha cidade dos anões**.

MÚSICA

MANIA, Márcio. **Cidade dos anões**. Itabaianinha, 2010.

FILMES

NA ROTA DO CRIME. Direção/Produção/Roteiro/Música: Anderson Silveira. Filmagem: Jadson Lima dos Santos Itabaianinha, 2009.

NO RASTRO DO TRÁFICO. Direção/Produção/Roteiro/Música: Anderson Silveira. Filmagem: Jadson Lima dos Santos: Itabaianinha, 2008.

O JOGO. Direção/Produção/Roteiro/Música: Anderson Silveira. Filmagem: Jadson Lima dos Santos: Itabaianinha, 2010.

DVDs

A.F.C. DE ARAPIRACA X ANÕES CITY. Penedo: Lima Vídeo Produções, 2011. 1 DVD (1h 01min)

ANÕES FUTEBOL CLUBE X MELINDROSAS E ANÕES DO ARROCHA. Tobias Barreto: Lima Vídeo Produções, 2009. 1 DVD (33 min.)

CIDADE DOS ANÕES. Direção: Ariana Chediak e Cói Belluzzo. Produção: Ariana Chediak e Patrícia Carvalho. Roteiro: Tiago Ornaghi. Música: Yvo Ursini. Mutante Filmes, 2009. 1 DVD (48 min.).

COPA DE FUTSAL 2010 CATEGORIA (ELITE) MILINDROSAS X ANÕES. Tobias Barreto: Lima Vídeo Produções, 2010. 1 DVD (54 min.).

DE VOLTA PRA MINHA TERRA EM ITABAIANINHA: A VOLTA DE EDMILSON. Itabaianinha: Rede TV, 2009. 1 DVD (14min 27s.)

DOCUMENTÁRIO SOBRE OS ANÕES. Direção/Roteiro: Marco Sanvoisin. Imagens: Marcelo Padilha. Montagem: Marcus Veras. Edição: Fernando Frota. 1998. 1 DVD (18min).

DOMINGO SHOW E GERALDO LUIZ VISITAM ANÕES. Itabaianinha: Cyberninja Produções, 2014. 1 DVD (51 min.).

EMOÇÃO E SURPRESA: ANÃ DE ITABAIANINHA REVÊ IRMÃO SUMIDO A MAIS DE 30 ANOS. São Paulo: Rede Record, 2014. 1 DVD (1h 25 min.).

FUTEBOL DE ANÕES. Itabaianinha: Lima Vídeo Produções, 2009. 1 DVD (52 min 21s.).

I DESAFIOS DE GIGANTES NA CIDADE DOS ANÕES. Itabaianinha: Lima Vídeo Produções, 2011. 1 DVD (1h 14 min.).

JOGO EM PONTAL: PESCADORES X ANÕES CITY. Pontal: Lima Vídeo Produções, 2011. 1 DVD (1h 24 min.).

PODER JUDICIÁRIO DE TOBIAS BARRETO X ANÕES CITY DE ITABAIANINHA. Tobias Barreto: Lima Vídeo Produções, 2010. 1 DVD (55min.).

PRIMEIRA QUADRINHA DOS ANÕES NA AABB. Itabaianinha: JBS Filmagens, 2006. 1 DVD (2h 13min).

QUADRILHA PEQUENOS GIGANTES REI. Itabaianinha: Lima Vídeo Produções, 2011. 1 DVD (45min 25s.).

REPORTAGEM: ALTOS E BAIXOS “ANÕES DE ITABAIANINHA”. Globo Repórter. 2013. 1 DVD (42 min. 55s.)

SELEÇÃO FEMININA PENEDO X ANÕES CITY ITABAIANINHA. Penedo: Lima Vídeo Produções, 2012. 1 DVD-ROM (1h 30 min.).

CDS

ASSOCIAÇÃO DO CRESCIMENTO FÍSICO DE ITABAIANINHA – ASCRIN. **Fotos da Associação dos anões de Itabaianinha.** Itabaianinha: 2011a. CD

ASSOCIAÇÃO DO CRESCIMENTO FÍSICO DE ITABAIANINHA – ASCRIN. **Fotos da Associação dos anões de Itabaianinha.** Itabaianinha: 2011b. CD

ASSOCIAÇÃO DO CRESCIMENTO FÍSICO DE ITABAIANINHA – ASCRIN. **Fotos da Associação dos anões de Itabaianinha.** Itabaianinha: 2011c. CD

NAILTON DOS SANTOS - NAÍ. **Fotos Anões em São Paulo.** São Paulo: 2010. CD

NAILTON DOS SANTOS - NAÍ. **Fotos Anões X Melindrosas.** Tobias Barreto: 2009. CD

FOTOS

Aninha, 86 anos, 1,15m. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/25/album/1464192478_783737.html#foto_gal_8. Acesso em: 19/03/2020.

ARQUIVO PESSOAL DE CLÉCIO TIBÚRCIO. **3º Lugar na 1º Copa América de Anões na Argentina.** Buenos Aires. 2018.

ARQUIVO PESSOAL DE CLÉCIO TIBÚRCIO. **Foto de Clécio no estádio do Racing.** Buenos Aires. 2018.

ARQUIVO PESSOAL DE CLÉCIO TIBÚRCIO. **Pedra Branca/Sta Teresinha-BA Zezinho das meninas.** Santa Teresinha. 2020.

ARQUIVO PESSOAL DE CLEITON DOS SANTOS. **Foto de Josefa Fonseca.** Itabaianinha. 2020.

ARQUIVO PESSOAL DE CLEITON DOS SANTOS. **Foto de Juarez Cruz.** Itabaianinha: 2020.

ARQUIVO PESSOAL DE JOSÉ ANTÔNIO NASCIMENTO. **Foto de Toinho e Maria da Hora.** Itabaianinha. 2019a.

ARQUIVO PESSOAL DE JOSÉ ANTÔNIO NASCIMENTO. **Foto de Toinho e Maria da Hora.** Itabaianinha. 2019b.

Dois anos sem Maria das piabas. Disponível em: <https://cinform.com.br/2017/07/dois-anos-sem-maria-das-piabas/>. Acesso em: 19/03/2020.

Imagem de Valeriano e sua família. Disponível em: <http://calangolango.blogspot.com/2008/07/itabaianinha-e-os-anes.html>. Acesso em: 19/03/2020.

Imagem do casamento entre Toinho e Maria da Hora. Disponível em: <http://annakarolconectadaemblogia.blogspot.com/2012/07/itabaianinha-terra-dos-anoes.html>. Acesso em: 19/03/2020.

José Francisco Dos Santos, conhecido como Dodinha, 1,20m. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/25/album/1464192478_783737.html#foto_gal_8; Acesso em: 19/03/2020.

Marinha, na casa dela. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/25/politica/1464189654_366336.html. Acesso em: 19/03/2020.

ROGÉRIO MONTEIRO O REPÓRTER DO POVO. **Foto de Beatriz (Nota de Pesar).** Itabaianinha. 2019.